

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Elaine Rosa de Souza**

**“GOTA DE ORVALHO, NA COROA DUM LÍRIO: JÓIA DO TEMPO”:  
ERICO VERISSIMO – TRAJETÓRIA, OBRA E QUESTÕES DE GÊNERO**

**DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**SÃO PAULO  
2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Elaine Rosa de Souza**

**“GOTA DE ORVALHO, NA COROA DUM LÍRIO: JÓIA DO TEMPO”:  
ERICO VERISSIMO – TRAJETÓRIA, OBRA E QUESTÕES DE GÊNERO**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em História, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

**DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**SÃO PAULO  
2010**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

---

*Aos meus pais, Olegário Mariano Ferreira de Souza e Edileusa Rosa de Souza, que me apresentaram ao mundo da literatura, que foram especiais na missão de educar uma menina. Sempre estiveram ao meu lado e, por mais que as palavras fossem difíceis, deixaram o amor transparecer, me aceitando com erros e acertos e tornando-se ao longo de minha vida o porto seguro.*

*Ao meu irmão, que, de admirador, passou a ser admirado, ao menino que carreguei no colo e ao homem que me amparou na dor. Essa história foi iniciada por vocês.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Maria Izilda Santos de Matos, pela amizade, dedicação, carinho e orientação nessa jornada que se iniciou há doze anos, na Graduação.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Às professoras Yvone Dias Avelino e Palmira Petratti Teixeira, pelas contribuições durante o exame de qualificação.

Aos meus pais, Edileusa e Olegário, que me possibilitaram estudar e chegar à faculdade, realizando um sonho. Ao meu irmão, Luciano, que sempre esteve comigo. Ao meu primo Pedro Eduardo, que vive em meu coração.

Às amigas Sáskia Lopes, Sandra Lovato, Regina Silva, Isabel Reinoso, pelo carinho e apoio nesses anos de amizade, por estarem ao meu lado nessa árdua jornada, cheia de contratempos. Por segurarem minhas lágrimas e virem ao meu auxílio sempre que precisei de ajuda, sendo mais que amigas, sendo irmãs.

Aos amigos do Colégio das Américas - Adriana, Wanderley, Priscila, Cleide, César, Alessandra, Vera, Regina, Rosana e Eliane, pela amizade e compreensão em todos os momentos. Aos amigos da E. E. S. G. Prof. Augusto Ribeiro de Carvalho - Maria Tereza, Alessandro, Teresa Roseira, Sandra Scala Adriana e Paulo, pelo apoio. Ao Grupo Educacional Flamingo, que acreditou no meu trabalho em oito anos de caminhada, pelo apoio no mestrado e doutorado.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e ao CNPq, pelas bolsas que viabilizaram esta pesquisa.

A todos sou imensamente grata.

## RESUMO

SOUZA, Elaine Rosa de. **“Gota de orvalho, na coroa dum lírio: Jóia do tempo”**: Erico Verissimo - Trajetória, obra e questões de gênero. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

A problemática central desta tese é centrada na produção da obra *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo, e na análise das relações de gênero presentes no primeiro volume da obra, intitulado *O Continente*. Essa obra literária constitui importante fonte de pesquisa sobre uma época e sua sociedade, assim como para a compreensão do processo de construção de um romance e do papel do escritor em uma sociedade. Sua importância reside no fato de reunir leituras feitas por Erico do passado Rio-Grandense. O recorte temporal deste estudo abrange o período em que Erico escreveu e publicou seu romance, ou seja, os anos de produção, de 1947 e 1962, e o tempo da narrativa do volume, de 1745 a 1895. A partir de uma perspectiva de gênero examina-se a construção dos personagens. Os estudos de gênero possibilitaram ao historiador observar a sociedade de diferentes épocas por ângulos antes não imaginados, fazendo com que os personagens sociais ganhassem novos contornos. A emergência de outras histórias, além da possibilidade de novos temas e objetos, formas de análise, metodologias e estilos diferenciados para o pesquisador contribuíram para a escolha da narrativa histórica, por sua capacidade de articular os traços da experiência temporal. O texto foi construído em dois momentos: na primeira parte discute-se o processo de construção da obra, as interferências da realidade vivenciadas no romance, o desejo de construir uma identidade para homens e mulheres rio-grandenses; na segunda parte analisam-se as relações de gênero constitutivas do romance, o papel social que homens e mulheres desempenhavam no grupo e as relações de gênero que se estabeleciam na dinâmica social.

Palavras-chave: narrativa histórica, história, literatura, gênero, Rio Grande do Sul.

## ABSTRACT

SOUZA, Elaine Rosa de. **“A drop of dew in a lily’s crown: Time jewel”**: Erico Verissimo – Trajectory, work and gender questions. Dissertation (Masters in History), Pontifícia Universidade Católica of São Paulo, São Paulo, 2010.

This thesis is focused on Erico Verissimo’s work, *Time and the Wind*, and on the analysis of gender issues present in the first volume of this book entitled *The Continent*. This literary work is an important source of research on an era and its society as well as on understanding the process of building a novel and the writer's role in society. Its importance lies in its gathering of readings made by Erico on the Rio-Grandense past. The time frame of this study covers the period in which Erico wrote and published its novel, 1947 and 1962, as well as the narrative’s time, from 1745 until 1895. From a gender perspective we can examine how characters were build. Gender studies enabled the historian to observe societies from different times from angles not previously imagined, causing the characters to gain new social outlines. The emergence of other stories, besides the possibility of new subjects and objects, forms of analysis, methodologies and different styles for the researcher contributed to the choice of the epic narrative, because of its ability to articulate the features of a temporal experience. The paper was constructed in two phases: the first part discusses the process of writing the book, the interferences from reality lived in the novel, the urge to build an identity for men and women of Rio-Grande; the second part is about analysing gender relations of the novel, the social role that men and women played in the group and gender relations that were established in the social dynamics.

Key words: epic narrative, history, literature, gender, Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	09
<b>PARTE I</b> .....	22
<b>CAPÍTULO I - “PRA QUALQUER LUGAR. O MUNDO É GRANDE”</b> .....	23
1.1 INFÂNCIA E HISTÓRIA: UMA SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO.....	24
1.2 FAMÍLIA E SEPARAÇÃO: CONSTRUINDO SENSIBILIDADES.....	40
1.3 SENSIBILIDADES FEMININAS: MULHERES DA FAMÍLIA.....	48
1.4 DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA: FIGURAS HUMANAS.....	54
<b>CAPÍTULO II - “COMETI TODOS OS PECADOS DA IMAGINAÇÃO”</b> .....	78
2.1 NOVAS EXPERIÊNCIAS: UM RECOMEÇO.....	79
2.2 CRUZ ALTA: PERSPECTIVA DA REALIDADE? .....	84
2.3 PRIMEIROS ESBOÇOS: SURGIMENTO DO ESCRITOR.....	92
2.4 NOVA FASE: SEGUINDO OS PASSOS DO PAI.....	98
2.5 PRIMEIRAS LETRAS: SONHO E REALIDADE.....	102
<b>CAPÍTULO III - “MAGICAMENTE, ENTRAVA NA DIMENSÃO DO ROMANCE”</b> .....	114
3.1 PRIMEIRA PÁGINA: UMA TRAJETÓRIA.....	115
3.2 A AVENTURA RIO-GRANDENSE: O TEMPO E O VENTO..	133

3.3 AMÉRICA! ANOS DE EXÍLIO E RETORNO.....	153
3.4 ÚLTIMAS ANOTAÇÕES: O ESCRITOR E O ESPELHO.....	166
<b>PARTE II.....</b>	<b>170</b>
<b>CAPÍTULO IV - “SEU CORAÇÃO ERA COMO UM PÁSSARO LOUCO” .....</b>	<b>171</b>
4.1 DA FORÇA DA TERRA NASCE ANA.....	172
4.2 O AMOR E DESEJO.....	183
4.3 RENASCER: UMA NOVA ANA.....	201
4.4 BIBIANA TERRA CAMBARÁ: O AMOR INCONDICIONAL...207	
4.5 MATERNIDADE: DIVISOR DA TRAJETÓRIA.....	217
4.6 BIBIANA, O CENTRO DE PODER TERRA CAMBARÁ.....	222
<b>CAPÍTULO V - “BUENAS E ME ESPALHO!”.....</b>	<b>231</b>
5.1 CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ: A FORÇA DA ESPADA...232	
5.2 UM SOLDADO: AMAR E LUTAR.....	240
5.3 CHEFE DE FAMÍLIA: RESPONSABILIDADES.....	260
5.4 CONFLITOS: PATERNIDADE E PERDA.....	265
5.5 LICURGO: UM TERRA CAMBARÁ DE VERDADE.....	269
5.6 O SOBRADO: CENTRO DOS TERRA CAMBARÁ.....	275
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>286</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>292</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>316</b>



A literatura surgiu em minha vida como a brincadeira de criança, a amiga de adolescência e a mestra da fase adulta. Cresci em meio aos livros, começando com as histórias de princesas que meu pai lia para mim na hora de dormir. Assim, a literatura continuou sendo um prazer na adolescência.

No ensino médio tive contato com as obras de José de Alencar, que levei para a faculdade, tendo como primeiro resultado meu trabalho de conclusão de curso, em 1999, intitulado “Imagens do Paquequer: As representações do índio nas obras de José de Alencar”.

Dessa pesquisa houve um desmembramento em 2005, com a defesa da dissertação de mestrado “‘Mas eu não escrevo um romance, conto-lhe uma história’: As representações da masculinidade e a questão de gênero na Obra de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1856-1875)”. Já no término do mestrado, o encontro com a cultura gaúcha me despertou a vontade de trabalhar com novas perspectivas e autores. Assim, surgiu o interesse por Erico Verissimo e sua obra *O Tempo e o Vento*.

Inicialmente, a problemática central de minha pesquisa se centraria na análise da masculinidade. Porém, no decorrer da

pesquisa, observei a questão da construção do romance e sua relação com a trajetória pessoal do autor, e uma nova problemática rica e desconhecida surgiu. Começava, assim, um outro desafio, e o projeto inicial ganhava novos contornos, caminhos e inquietações. Destarte, o presente estudo tem como foco a produção da obra *O Tempo e o Vento* e a análise das relações de gênero do primeiro volume, intitulado *O Continente*.

Essas obras literárias constituíram a fonte de pesquisa sobre a época e sua sociedade. Sua importância como fonte de pesquisa se dá pelo fato de serem leituras feitas por Erico do passado Rio-Grandense, que tinham o objetivo de recontar a história de formação do Rio Grande do Sul de forma mítica, apresentando opiniões e observações do momento histórico, “uma das múltiplas possibilidades”.<sup>1</sup>

O recorte temporal do estudo abrange o período em que Erico escreveu e publicou seu romance – entre os anos de 1947 e 1962 – e o tempo da narrativa do volume – de 1745 a 1895. Uma das problemáticas do trabalho reside na articulação entre história e literatura, observando como ambas constroem discussões sobre

---

<sup>1</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

uma sociedade e, com isso, esboçam compreensões de todo um período histórico, assim como a visão de quem o presenciou, se tornando uma fonte para os historiadores.

Parte-se do pressuposto de que a literatura é um produto cultural da sociedade e precisa ser decodificada e desconstruída para resgatar suas próprias singularidades, propriedades determinadas, especificidades, intencionalidades subjacentes e positivities<sup>2</sup>, o que permitiria trabalhar com as representações sociais – “mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura”.<sup>3</sup>

Para o historiador, a questão da literatura como fonte leva em conta o fato de o autor, ao escrever, estar sujeito a intencionalidades de seu contexto histórico e literário. Com isso, seu texto se torna uma leitura subjetiva do momento, leitura essa que, ao ser analisada, traz para o debate uma das várias possibilidades de representação de uma determinada sociedade.

---

<sup>2</sup> Falar em positivities significa recuperar como foram criadas, recriadas, constituídas e reconstituídas, lembrando que essas obras foram produzidas a partir de determinadas práticas e projetos, por meio da vivência cotidiana de sujeitos sociais.

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p.237.

Não se deve mais entender o documento e todos os romances como expressão de verdade, uma vez que estes não são mais tidos como documentos que falam por si só.

A história mudou sua posição acerca do documento, ela considera sua função primordial não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhar no interior e elaborá-lo. Ela o organiza, recorta, distribui e ordena...<sup>4</sup>

“Na literatura há um complexo de maneiras diferentes de abordar a mesma vida local”<sup>5</sup>, bem como há formas diversas de se trabalhar a questão da leitura de autores contemporâneos. Portanto, o pesquisador deve estar aberto às diferentes abordagens que terá de enfrentar, pois cada qual escreve a partir de suas impressões de uma mesma sociedade. Isso equivale a dizer que a obra de Erico tem seu olhar, e que este não é um espelho do olhar de outro autor de seu tempo. Daí advém o papel da literatura como documento histórico e o desafio do historiador de encontrar a melhor maneira

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense, 1990. p.24.

<sup>5</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.152.

de interpretar os romances e de travar o diálogo entre história, literatura, padrões, sensibilidades e tensões.

Os romances são ricos de representações, de tramas de relações amorosas e de tensões das relações de gênero. Nos escritos, os personagens masculinos e femininos se construíram e se apresentaram em contrapontos durante toda a obra, dando muitas vezes o tom do romance.

Os trabalhos mais recentes que incorporam uma abordagem de gênero<sup>6</sup> buscam criar novas perspectivas de análise para as relações entre homem e mulher, descobrindo papéis sociais e possibilidades de reflexão, fugindo da masculinidade hegemônica – homem branco, heterossexual e dominante<sup>7</sup> –, assim como da feminilidade submissa e passiva.

O campo da história vem passando por um conjunto de alterações. Isso tem levado a um questionamento acerca dos procedimentos de pesquisa, da revisão de conceitos fundamentais e da ampliação de objetos, temas e documentos. Nas últimas

---

<sup>6</sup> O interesse pela masculinidade tomou novas formas e contornos a partir da década de 90, gerando novas concepções e conceituações a respeito das relações de gênero e masculinidade.

<sup>7</sup> ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO, Benedito. Introdução. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo, ECOS/ Editora 34, 1998.

décadas, os estudos historiográficos, entre outras questões, enfocaram as mulheres, e nos anos 90 difundiu-se a análise de gênero e os estudos da masculinidade<sup>8</sup>, que se ampliaram com novas possibilidades tanto no campo da pesquisa histórica como em outras áreas.

Os estudos de gênero criaram novas temáticas e análises metodológicas, enfoques e modos de análise inovadores que questionaram os paradigmas históricos tradicionais. Com isso, há uma descentralização dos sujeitos e a descoberta de novos horizontes, por meio de uma nova abordagem do objeto. O estudo de gênero vem ao encontro das novas tendências historiográficas, que questionam a visão de história como evolução linear, propondo temáticas extremamente abrangentes e dificuldades para definições precisas.<sup>9</sup>

Portanto, novas leituras, olhares e possibilidades surgiram para o historiador, ampliando seu campo de pesquisa e gerando novos questionamentos documentais. Nesse contexto, o masculino emerge tendo como referência o feminino. A análise de gênero

---

<sup>8</sup> MATOS, M. Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. São Paulo: EDUSC, 2000.

<sup>9</sup> MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ganhou espaço, e não mais se estuda a mulher isoladamente. Busca-se, agora, o enfoque das relações de gênero para que a análise possa ser mais completa. Os estudos de gênero possibilitaram ao historiador observar a sociedade de diferentes épocas por ângulos antes não imaginados, fazendo com que os personagens sociais ganhassem novos contornos.

Focalizar o gênero significa trabalhar com suas especificidades na construção do social, cultural e histórico. Fazem-se necessários estudos críticos dos estereótipos para se chegar à compreensão das relações de gênero em todos os seus aspectos, bem como da trama de poder e suas relações estabelecidas.<sup>10</sup>

Dentro das abordagens históricas que incorporam a categoria de gênero, ainda restam novas análises focando as relações de poder que se estabelecem entre o masculino e o feminino, observando as tensões que transitam nos múltiplos sentidos.

No processo de construção da feminilidade e da masculinidade, há focos criados e reforçados, tais como a

---

<sup>10</sup> MATOS, M. Izilda Santos de. **Meu Lar é o Botequim: Alcoolismo e Masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

associação do homem ao espaço público e ao papel de chefe, provedor e responsável pela condução da vida em família e em sociedade. Por outro lado, a mulher está ligada ao mundo do privado, à condição de rainha do lar e ao cuidado do marido, dos filhos e da casa. Uma releitura de ambos se fez necessária e uma nova fase do estudo de gêneros surgiu no sentido de contrabalançar a discussão, uma vez que as relações sociais se constituem no seio das relações de gênero. Nesse sentido, se apresenta o desafio de estudar sob essa perspectiva a obra de Erico Verissimo.

A emergência de outras histórias sugere a possibilidade de novos temas e objetos, formas de análise, metodologias e estilos diferenciados para o pesquisador. Levando em conta isso, optou-se por construir esta tese assentada na narrativa histórica.

Inicialmente criticada pelos historiadores, a narrativa histórica ganhou espaço a partir da década de 80. A ideia do “retorno” da narrativa nasceu com o historiador Lawrence Stone, em seu artigo *The revival of narrative*, publicado em 1979, no qual afirmava que os paradigmas da “história científica” vigentes entre o período de 1930 e 1970 começaram a ser vistos com uma certa desconfiança,

já que, em anos de produção acadêmica, apresentaram resultados ineficientes em relação às suas expectativas iniciais.

Frustrada com os grandes modelos explicativos em voga até então, parte significativa dos historiadores teria se voltado, ao longo da década de 1970, a uma revalorização dos acontecimentos e da narrativa. Disseminava-se, no entender de Stone, a percepção de que não bastava ao historiador o rigor metodológico; era preciso que ele conferisse um determinado estilo à sua escrita, isto é, que ele soubesse não apenas contar, mas também saber como fazê-lo.<sup>11</sup>

A produção historiográfica é determinada por princípios narrativos, na medida em que os elementos com os quais o historiador trabalha – mentalidades, sociedade, memória coletiva ou eventos pontuais – apresentam-se como personagens de uma trama.

Dos diversos tipos de estilo existentes, aquele que mais importa à história é o literário, mesmo porque a produção do historiador geralmente assume formas literárias. Assim, a maneira

---

<sup>11</sup> FRANÇA DE OLIVEIRA, Carlos Eduardo. Narrativa e conhecimento histórico: alguns apontamentos. *Histórica*. Revista On Line do Arquivo Público de São Paulo. n.15. São Paulo, 2006.

de lidar com o encadeamento de frases, com a retórica e com a divisão da narração são competências também do historiador.<sup>12</sup>

Diversos autores, como Hayden White e Dominick La Capra, entendem a história como o produto do trabalho do historiador, cujo texto compõe a própria *realidade*. Assim, o texto se refere a ele mesmo, e não a algo que está fora dele.

Dessa forma, a narrativa torna-se importante, haja vista que tem a capacidade de articular os traços da experiência temporal, isto é, o tempo só se mostra inteligível para o homem à medida que é pensado de modo narrativo. Daí a opção da construção da tese pela narrativa histórica, sendo a interlocução historiográfica e metodológica realizada em um contra-texto de rodapé.

O trabalho encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira, o **Capítulo I - “Pra qualquer lugar. O mundo é grande”** discute as relações de história, literatura e gênero, situando a produção do autor em seu contexto histórico. Observa-se a infância e adolescência do escritor, suas referências familiares, questionamentos da infância e as relações com a família, amigos e sociedade.

---

<sup>12</sup> GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

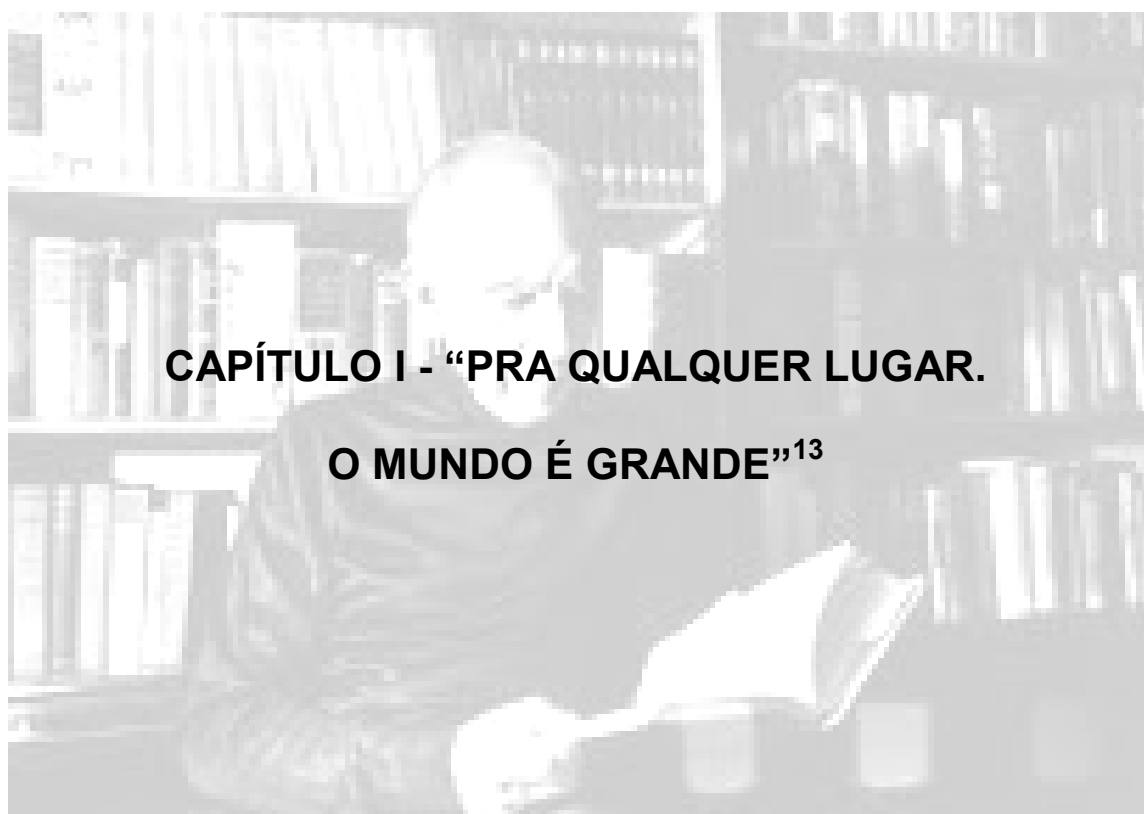
Já o **Capítulo II - “Cometi todos os pecados da imaginação”** analisa a trajetória do autor, suas experiências determinantes para o amadurecimento do homem e a construção de sua masculinidade. Abordam-se a produção dos primeiros escritos, o período no internato, a separação dos pais, além dos elementos constitutivos da sua personalidade literária.

Por sua vez, o **Capítulo III - “Magicamente, entrava na dimensão do romance”** investiga a maturidade do homem e do escritor, assim como a produção de *O tempo e o Vento*. Ressaltam-se na sua trajetória o casamento, bem como o papel dos filhos, da mãe e do pai dentro do contexto da maturidade literária. Verifica-se a influência dessas personalidades em suas obras, o gosto pelas viagens e as reflexões que fez de sua vida. Discute-se como a inquietação literária dialoga com a infância e suas referências de memória para a construção do romance *O Tempo e o Vento*.

Na segunda parte, o estudo centra-se na análise de gênero. O **Capítulo IV - “Seu coração era como um pássaro louco”** discute a construção do feminino na obra. Nesse momento, observam-se as personagens de destaque Ana Terra e Bibiana Terra.

Por fim, o **Capítulo V - “Buenas e me espalho!”** aborda as relações de gênero e a representação da masculinidade em *O Continente*, que integra a obra *O Tempo e o Vento*. Trabalha-se com os personagens de maior destaque do romance – Capitão Rodrigo Terra Cambará, Bolívar Cambará e Licurgo Cambará –, em especial suas relações com a família, os amigos e a sociedade.





---

<sup>13</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Fala de Ana em diálogo com a cunhada, Eulália.

Este primeiro capítulo discute as relações entre história, literatura e gênero, situando a produção de Erico Lopes Verissimo em seu contexto histórico. Trabalha-se desde a sua infância até a adolescência. Mediante referências familiares, observações da sociedade e questionamentos da criança, observa-se como Erico cresceu e se desenvolveu, estabelecendo relações com a família, amigos e sociedade.

### 1.1 INFÂNCIA E HISTÓRIA: UMA SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO

A literatura tem ganhado espaço nos estudos históricos, criando-se, assim, uma interface entre ambos. Nesse âmbito, obras de autores importantes para a literatura nacional e mundial se tornaram, nas últimas décadas do século XX, documentos para o trabalho de análise de um grande conjunto de temas.

No campo da Nova História Cultural, o historiador passou a trabalhar com outros problemas, métodos de abordagem e tipos de documentos. A história da leitura, do livro e das representações

sociais permitiu lançar um novo olhar sobre os textos literários.<sup>14</sup> Assim, o texto literário adquiriu o sentido de documento histórico, permitindo sua análise, no objetivo de compreender contextos e épocas.

Neste estudo parte-se da ideia de que a literatura é um produto cultural da sociedade e precisa ser decodificada e desconstruída para que se possam resgatar suas próprias singularidades, propriedades determinadas, especificidades, intencionalidades subjacentes e positivities<sup>15</sup>, o que permitiria trabalhar com as representações sociais.

Mudanças foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças se transformaram em literatura.<sup>16</sup> Para o historiador, a questão da literatura como fonte leva em conta o fato de o autor, ao escrever, estar sujeito a tencionalidades de seu contexto histórico e literário. Com isso, seu texto se torna uma leitura subjetiva do momento, leitura essa que, ao ser analisada, traz para o debate

---

<sup>14</sup> MONTEIRO, Charles. A Porto Alegre de Erico Verissimo. **Ciências & Letras**. n.35. Porto Alegre: Universidade Porto-Alegrense, 2005.

<sup>15</sup> Falar em positivities significa recuperar como foram criadas, recriadas, constituídas e reconstituídas, lembrando que essas obras foram produzidas a partir de determinadas práticas e projetos, por meio da vivência cotidiana de sujeitos sociais.

<sup>16</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p.237.

uma das várias possibilidades de representação de uma determinada sociedade.

Não se deve mais entender o documento e todos os romances como expressão do passado, uma vez que estes não são mais tidos como documentos que falam por si só.

A história mudou sua posição acerca do documento, ela considera sua função primordial não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhar no interior e elaborá-lo. Ela o organiza, recorta, distribui e ordena [...].<sup>17</sup>

Na literatura há um complexo de maneiras diferentes de se abordar a vida<sup>18</sup>, bem como há formas diversas de se trabalhar a questão da leitura de autores contemporâneos. Portanto, o pesquisador deve estar aberto às diferentes abordagens que terá de enfrentar, pois cada qual escreve a partir de suas impressões de uma mesma sociedade. Isso equivale dizer que da obra advém o papel da literatura como documento histórico e o trabalho do

---

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense, 1990. p.24.

<sup>18</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.152.

historiador de ler o documento travando a conexão entre história, literatura, padrões, sensibilidades e tensões.<sup>19</sup>

Dessa forma, a história tem utilizado a literatura como documento histórico para desvendar imagens de épocas específicas, relações sociais, contextos políticos, sensibilidades, entre outros. Erico Verissimo surge como um autor que trabalhou em suas obras a formação do Estado do Rio Grande do Sul e sua importância para a constituição da identidade nacional ao narrar em seus romances a história de homens e mulheres. Nesse sentido, a presente pesquisa, por meio de seus personagens, busca situar as representações de masculinidade e as relações de gênero que se estabelecem ao longo da história rio-grandense.

Nascido no Rio Grande do Sul no início do século XX, Erico Verissimo registrou suas memórias – contando sua vida e trajetória

---

<sup>19</sup> Com o advento da História Cultural surgem outros modelos epistemológicos de análise da História com a incorporação de novas categorias ou/e novos conceitos (como *representação*, *imaginário*, *concepção de narrativa*, *ficção*, *sensibilidades*) ou a reformulação das já existentes. Entre essas “novas categorias”, a de “representação” se destaca. Dessa forma, a literatura surge como uma narrativa que constrói uma representação sobre o passado e se coloca na interlocução com a História para a compreensão das mais variadas dimensões. BURKE, Peter. **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. CAMPOS, Maria do Carmo; INDURSKY, Freda. **Discurso, Memória, Identidade**. Lisboa: Sagra-Luzzato, 2000. CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998. CARR, E. H. **O que é história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. Idem. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

literária – na obra *Solo de Clarineta*, a qual permite conhecer um pouco do homem e escritor, suas referências, seus amores, suas dores.

A obra *Solo de Clarineta* é dividida em dois volumes. No primeiro Verissimo conta desde a sua infância e adolescência até a idade adulta, quando abandonou o cargo na Organização dos Estados Americanos nos EUA e sua filha Clarissa casou-se com o físico americano David Jaffe. Relata também o início da produção de *O Tempo e o Vento*. No segundo volume, após relatar o nascimento de seus três netos, Erico narra os problemas de saúde e começa a contar suas viagens, começando pela sua experiência na Grécia. Depois, conta sobre a obra *O Senhor Embaixador* e discorre sobre Portugal.

O escritor morreu antes de concluir esse volume e iniciar o terceiro, mas teve tempo de redigir uma segunda parte desse segundo volume, contando sobre suas viagens a Holanda, Espanha e sobre um colóquio entre ele e o homem no espelho, em que Erico analisa a si mesmo, sua obra, suas opiniões e sua autobiografia.

Houve um intervalo de onze anos entre o último volume de *O Tempo e o Vento* e *Solo de Clarineta*. Essas reflexões do autor revelam seu passado e seu processo de criação literária.<sup>20</sup>

Erico nasceu em uma família de estancieiros<sup>21</sup> e, pelo lado paterno, descendia de portugueses que chegaram ao Brasil no século XIX.<sup>22</sup> Seu avô paterno casou-se com uma mineira e foi fazer

---

<sup>20</sup> As representações de uma época podem ser observadas na literatura, uma vez que esta se torna uma expressão de sensibilidade. Para ser construída, a prosa de ficção necessita da inspiração de situações, dramas e amores reais. O escritor, em sua tarefa de escrever, colocava no papel as leituras que fazia de uma sociedade, dando espaço para que emergissem representações sociais. Ao mesmo tempo, o literato criava uma relação com o leitor de sua obra, que via no romance a possibilidade de conhecer novos universos. Dessa forma, a literatura apresenta um caráter pedagógico, pois o autor, intencionalmente ou não, difundia regras, preceitos e opiniões aos leitores, que passavam a retransmiti-las aos outros membros de seu grupo social, criando ou reforçando padrões de conduta.

<sup>21</sup> Estancieiro é o nome utilizado no Rio Grande do Sul para definir o detentor de uma grande propriedade rural dedicada sobretudo à criação de gado: uma estância. As circunstâncias que geraram os estancieiros remontam ao início do povoamento da região e à necessidade de manutenção e defesa do território nacional nas áreas limítrofes, o que dava habilidades militares e a ocupação minimamente produtiva das suas vastas possessões, pela exploração pecuária extensiva. Os termos “estancieiro” e “estância” referem-se a *estar*, ou seja, marcar a sua presença e de sua nacionalidade na área. Desse modo, a ocupação territorial da metade sul da Província de São Pedro do Rio Grande foi feita em grande parte por *estancieiros-militares* e seus descendentes. ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial** (1500-1800). 6ªed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1976. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000062.pdf>>. CALMON, P. **História do Brasil: a formação** (1600-1700). São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1941.

<sup>22</sup> Enquanto no Sul do Brasil o Império Português se defrontava com o problema de possuir muita terra para pouca gente, nas ilhas dos Açores a situação era inversa: havia muita gente para pouca terra. Assim, a decisão da coroa portuguesa de promover a imigração de açorianos para a região de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em meados do século XVII, representou a solução de dois problemas, aliviando a pressão populacional nas ilhas e garantindo ao sul um povoamento mais denso do que o do sistema de sesmarias, em que enormes glebas de terras ficavam nas mãos de poucos proprietários. A imigração de casais açorianos foi feita a partir de 1748. Calcula-se que, entre 1748 e 1756, entraram no Rio Grande aproximadamente 2.300 açorianos – o que representava dois terços da população gaúcha de então. A ideia inicial era utilizá-los para ocupar a região das Missões, que, pelo Tratado de Madrid

sua vida no extremo sul do país. Seus descendentes por parte de mãe vieram também de Portugal e tiveram passagens por Curitiba e São Paulo, em meados do século XIX.

Em *Solo de Clarineta* Erico começa sua narrativa contando sua origem familiar e as andanças de seus antepassados, revelando uma preocupação histórica com a formação de sua identidade familiar e também com a formação do Brasil. O romancista, em sua tarefa de escrever, dava espaço para que emergissem representações; ao mesmo tempo, o literato criava uma relação com o leitor, que via no romance a possibilidade de conhecer outros tempos.

---

(1750), passaria para Portugal, em troca da Colônia de Sacramento. No entanto, o Tratado foi anulado, Portugal não entregou Sacramento nem recebeu a região das Missões, e os açorianos ficaram instalados nas margens do rio Jacuí. Com a invasão espanhola (em que foi ocupada a cidade de Rio Grande, em 1763), os comandantes militares portugueses fundaram diversas praças militares ao longo do Jacuí, para garantir o acesso, por via fluvial, a Rio Pardo, que se tornou, após a invasão, o posto mais avançado do domínio português. Nessa época foram criadas as vilas de Santo Amaro, Triunfo, Taquari e, finalmente, a própria Rio Pardo. Além dos açorianos – que já se encontravam na região –, foram concentrados na área os "retirantes" vindos das regiões mais ao sul, como de Rio Grande. Tendo recebido pequenas datas de terra e residindo em vilas, os colonos açorianos introduziram no Rio Grande a policultura, plantando aqueles produtos que lhes garantiam a subsistência e vendendo os excedentes nas vilas. Entre os seus cultivos destacou-se, até o início do século XIX, o trigo. Mas, em uma região de permanentes conflitos, cercados de grandes propriedades, os colonos açorianos terminaram por se incorporar ao meio, e se transformaram, aos poucos, em estancieiros. GOLIN, Tau. **A Guerra Guaranítica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Passo Fundo: Ediupf, 1998. REIS, A. C. F. "Os tratados de limites". In: HOLANDA, S. B. de (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. 5ªed. Vol.1. São Paulo: Difel, 1976. VAINFAS, Ronaldo (Dir.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Dessa forma, pode-se afirmar que a literatura apresenta um caráter pedagógico, pois o autor, intencionalmente ou não, difundia regras, preceitos e opiniões aos leitores, que passavam a retransmiti-las a outros, criando ou reforçando padrões de conduta.

Graças a um amigo dado a pesquisas genealógicas, fiquei sabendo que o ramo brasileiro dessa família de nome superlativo começou no Brasil [...]. Desconfio que de seus ramos brotaram alguns desses tenazes tropeiros de Sorocaba, que desciam a cavalo ao Rio Grande do Sul para comprar mulas, a fim de revendê-las na feira de sua vila natal.<sup>23</sup>

Destarte, o conceito de representação torna-se produtivo no sentido de refletir a forma como o passado é dado a ver e o que fica de fora do quadro construído na narrativa literária. As representações expressam códigos sociais que conferem sentido e significado às práticas coletivas. Discutir as formas de representação na obra de Erico permite compreender as sensibilidades e o imaginário.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.29.

<sup>24</sup> MONTEIRO, Charles. A Porto Alegre de Erico Verissimo. **Ciências & Letras**. n.35. Porto Alegre: Universidade Porto-Alegrense, 2005.

Ao traçar suas memórias e iniciar o processo com a formação de sua árvore genealógica, Erico Verissimo procedeu de forma semelhante àquela verificada no romance *O Tempo e o Vento*, que teve sua narrativa inicial centrada na história do índio Pedro Missioneiro e na ação dos jesuítas<sup>25</sup> no sul do Brasil. Desse modo, verifica-se que a literatura como documento não se constitui de algo isolado e desconexo, já que faz parte do corpo social. Ao mesmo tempo que é inspirado na sociedade, o romance inspira

---

<sup>25</sup> No século XVI, com a descoberta do Novo Mundo, o Rio Grande do Sul passou a fazer parte do reino espanhol pelo Tratado de Tordesilhas. Em 1627, jesuítas espanhóis criaram Missões, região próxima ao rio Uruguai, mas foram expulsos pelos portugueses, em 1680, quando a coroa portuguesa resolveu assumir seu domínio, fundando a Colônia do Sacramento. Os jesuítas espanhóis estabeleceram, em 1687, os Sete Povos das Missões. Em 1737, uma expedição militar portuguesa comandada pelo Brigadeiro José da Silva Pais foi enviada para garantir aos lusitanos a posse de terras no sul, objeto de disputa entre Portugal e Espanha. Para efetuar essa posse militarmente, José da Silva Pais construiu, nesse mesmo ano, um forte na barra da Lagoa dos Patos, que é a origem da atual cidade de Rio Grande, primeiro marco da colonização portuguesa no Rio Grande do Sul. Em 1742, os colonizadores portugueses iniciaram uma vila que viria a ser Porto Alegre. As lutas pela posse das terras entre portugueses e espanhóis tiveram fim em 1801, quando os próprios sul-riograndenses dominaram os Sete Povos das Missões, incorporando-os ao seu território. Em 1807, a área foi elevada à categoria de capitania. O município de Viamão antecedeu Porto Alegre como sede do governo. Durante o período colonial a região foi palco de inúmeros conflitos entre hispano-americanos e luso-brasileiros. No século XIX, com a formação do Império do Brasil, a região seria elevada ao status de província. MARQUES, João Martins. **Descobrimientos Portugueses** - Documentos para a sua História. Lisboa: I.A.C., 1994. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. 4 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional, 1943. Idem. **Cartas dos primeiros jesuítas no Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954. Idem. **Cartas do Brasil e mais escritos do Padre Manuel da Nóbrega**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

a sociedade. Constrói-se, assim, a relação entre literatura e história.<sup>26</sup>

Em outras palavras, as representações de uma época podem ser observadas na literatura, uma vez que esta se torna uma representação de um passado. Para ser construída, a prosa de ficção necessita da inspiração de situações, dramas e amores.

À medida que se remonta a história, tem-se a impressão de que o coletivo tem presença cada vez maior nas obras; e é certo, como já se sabe, que forças sociais condicionantes guiam o artista. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra produzida; em segundo, julgando a necessidade dessa produção; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo.

Os elementos individuais adquirem significado social ao passo que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem, por sua vez, que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão social. As relações entre o artista e a sociedade se pautam, em primeiro lugar, na necessidade

---

<sup>26</sup> Portanto, a literatura apresenta homens e mulheres em representações históricas, podendo formar-se objeto de estudo de historiadores. Entre o escritor e o leitor existe uma relação de cumplicidade, pois, enquanto o primeiro capta e reproduz representações do cotidiano, o segundo pode assumir ou rejeitar suas mensagens, estabelecendo uma troca. Essa ambiguidade é o maior desafio do projeto, para compreender o masculino.

de um agente individual que tome para si a tarefa de criar ou apresentar a obra. Em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a essa circunstância. Em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo de suas aspirações individuais mais profundas.<sup>27</sup>

O escritor, em sua tarefa, colocava no papel as leituras que fazia de uma sociedade, dando espaço para que emergissem representações sociais. Ao mesmo tempo, o literato criava uma relação com o leitor de sua obra, que via no romance a possibilidade de conhecer novos tempos. Dessa forma, pode-se dizer que a literatura, ao transmitir valores e padrões, apresenta um caráter educativo.

A narrativa de Erico é uma trajetória linear. Durante os anos que marcaram a sua infância, o menino estava mais preocupado com suas brincadeiras e travessuras, mas já apresentava traços do escritor que viria a ser um dia. Erico gostava de ouvir histórias de sua família, como a do seu tio-bisavô. Ao escrever suas memórias,

---

<sup>27</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ªed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p.25.

analisa suas lembranças e cria uma leitura de sua trajetória com a visão do homem maduro: “Quando menino escutei, num misto de fascinação e divertido espanto, as proezas de um certo tio-bisavô que detestava o trabalho com a mesma intensidade que gostava de mulheres.”<sup>28</sup>

Esse personagem possivelmente apresenta uma relação com o Capitão Rodrigo Cambará. Embora o autor muitas vezes afirmasse que seus romances não têm relação com as pessoas de sua vida, a literatura está impregnada do tempo em que vive o escritor. Pode-se observar que ele, de certa forma, consciente ou inconscientemente, foi muito influenciado pela sua história e pela realidade que o cercava. Os livros de Erico eram como uma revelação do Rio Grande do Sul, na medida em que chegavam a vários pontos do Brasil.<sup>29</sup>

O romance brasileiro dos anos 30 teve um papel de revelação do Brasil, papel unificador que o rádio também teve, quebrando o isolamento das regiões e mostrando a realidade diversificada do conjunto. Nesse sentido, os livros de Erico foram,

---

<sup>28</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ªed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p.29.

<sup>29</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

antes de tudo, uma espécie de revelação do Rio Grande do Sul.<sup>30</sup> E hoje as articulações entre história e literatura constroem discussões sobre uma sociedade e, com isso, esboçam compreensões do passado, assim como a visão de quem o presenciou, se tornando uma fonte para os historiadores.

A casa dos avós de Erico era chamada de “Sobrado”, termo que foi utilizado pelo autor para designar a casa onde habitaram os personagens da família “Terra Cambará”, na fictícia cidade de Santa Fé: “D. Adriana, senhora do sobrado – nome que na minha cidade natal se dava à mansão desses avós [...]”.<sup>31</sup>

As mulheres tiveram papel de destaque na vida do menino, que, em suas memórias<sup>32</sup>, fez alusão a várias figuras femininas,

---

<sup>30</sup> Entrevista de Antonio Candido. Cf.: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo: o romance da História**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

<sup>31</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.I. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.30.

<sup>32</sup> Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Assim, as memórias são construções dos grupos sociais. Embora sejam os indivíduos que lembram, no sentido literal da expressão, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais será lembrado. Portanto, os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos relevantes para o seu grupo. BANN, Stephen. **As Invenções da História: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Ed. da USP, 1994. BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter et. al. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1983. BOSI, Alfredo. “O tempo e os tempos”. In: SOARES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1994. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz/ Editora

como sua avó paterna e sua mãe, constantemente lembrada por ele com profundo respeito, admiração e carinho, revelando que o garoto era cheio de inquietações e buscou compreender o mundo, nunca aceitando os fatos de forma passiva. Os valores e padrões de conduta da época foram para ele objeto constante de observação e questionamento. Um simples casamento era para Erico material de reflexão.

Nunca pude compreender por que tia Regina aceitou sem amor a corte que lhe fazia um caixeiro-viajante de origem alemã, homem de bem, mas - se não me trai a memória - destituído de atrativos físicos e intelectuais. [...] A noiva não sorriu no dia da boda [...].<sup>33</sup>

A família Verissimo foi responsável por um conjunto variado de histórias. Sua tia paterna Adélia casou-se por amor com um inglês, com quem viveu feliz por mais de 50 anos. Morreu por amor ao ficar viúva: “Depois que ele morreu, não suportando a saudade e

---

da Universidade de São Paulo, 1987. BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

<sup>33</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.32.

a solidão, ela se deixou morrer também.”<sup>34</sup> Em contrapartida, sua tia Regina casou-se por obrigação com um caixeiro-viajante, e, aproximadamente um ano mais tarde, morreu de parto: “A noiva não sorriu no dia da boda. Um ano e pouco mais tarde, morreu de parto.”<sup>35</sup>

No primeiro volume de *O Continente*, Erico destaca essas relações quando coloca Ana Terra mentindo para todos ao se dizer viúva, e ainda quando cria a personagem Bibiana, que, após a morte do Capitão Rodrigo, vive de suas memórias e tem como único conforto o filho Bolivar.

A masculinidade também está presente nas memórias de Erico. As mulheres, que, por muitas vezes, aparecem como o elemento forte e corajoso, fazem o contraponto com os homens, que surgem como o elemento desgastado e perdido. As lembranças de sua infância traçam o panorama dos homens da família Verissimo desprovidos de força e vulneráveis às ações femininas.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20<sup>a</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.33.

<sup>35</sup> Ibidem. p.33.

<sup>36</sup> Para M. Izilda Santos de Matos, pode-se dizer que a emergência da masculinidade como tema-questão, entre outros fatores, foi fruto das próprias alterações das pautas feministas e desdobramentos dos estudos de gênero, que também apontam novas e diferentes estratégias de busca da equidade entre homens e mulheres. Isso amplia o interesse pela temática e possibilita o surgimento de algumas tendências que discutem

Por seu traço relacional, os estudos de gênero buscaram destacar o fato de que os perfis de comportamentos femininos e masculinos se constroem em função mútua, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados.<sup>37</sup> Assim, os estudos historiográficos enfocavam o “homem universal”; já na década de 70 as mulheres ganharam espaço e abordagens acadêmicas. Em meados dos anos 1990, novos focos surgiram com a análise de gênero e os estudos da masculinidade.<sup>38</sup>

Dentro desse contexto histórico, os estudos sobre a masculinidade ampliaram-se, com novas possibilidades tanto no campo da pesquisa histórica como em outras áreas, tornando-se um importante objeto de estudo para a compreensão das relações sociais, como o casamento.

---

questões como a construção social da masculinidade, a paternidade, os arranjos familiares, a chamada “crise da masculinidade”. MATOS, M. Izilda Santos de. **Meu Lar é o Botequim: alcoolismo e masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. p.16.

<sup>37</sup> SANTOS, Dulce Amarante dos. Mulheres: o Cruzamento de dois Imaginários. In: MATOS, M. Izilda Santos de; SOLER, M. Angélica (Orgs.). **O Imaginário em Debate**. São Paulo: Olho d'Água, 1998. p.15.

<sup>38</sup> MATOS, op. cit., 2001.

## 1.2 FAMÍLIA E SEPARAÇÃO: CONSTRUINDO SENSIBILIDADES

Dentro dos estudos de gênero e da masculinidade, as memórias de Erico constituem-se um documento de análise. Ao contar como as decisões de família, em particular da mãe, afetaram a vida de seu pai, que, após a separação, passou a viver como um fantasma, traçou representações de masculinidade, que foram trabalhadas também em seus romances. Esse fato marcou a vida do jovem, que tinha no pai um herói de capa e espada.

Chego agora ao Verissimo que me toca mais fundo. Chamava-se Sebastião Verissimo e era meu pai [...] foi aquele em quem as qualidades e os defeitos dos Mello e Albuquerque se manifestavam com mais apaixonada intensidade [...].

De todos os meus tios paternos, Fabrício [...] Era, quando moço, uma figura romântica, esbelta e elegante, uma mecha de cabelo a cair-lhe repetidamente sobre os olhos [...].<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.34.

As figuras masculinas da família Verissimo permearam a vida do escritor e se tornaram, de alguma forma, material de consulta e referência na construção de seus personagens. As ações de alguns dos seus tios podem ser encontradas de diversas formas nos seus romances.

Portanto, as figuras masculinas em suas obras relembram características de seus familiares, desde seus avós, passando por seus tios e sua principal referência, seu pai, Sebastião Verissimo, que está presente em Pedro Terra e seu jeito calmo e taciturno, assim como no Capitão Rodrigo e sua disposição para a vida e relações extraconjugais, seu amor à família: “[...] o Cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé [...] a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas.”<sup>40</sup> Afinal, ao construir seus romances, Erico foi apresentando um conjunto de personagens, tanto homens como mulheres, colocando referências de sua própria vida, daqueles que o cercaram na infância e na fase adulta.

Os estudos de gênero e, em particular, da masculinidade têm possibilitado observar especificidades de experiências históricas,

---

<sup>40</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.01.

fazendo com que os sujeitos ganhem novos contornos. Criaram novas temáticas, análises metodológicas, enfoques e modos de análise que permitem questionar os paradigmas históricos tradicionais. Com isso, houve uma descentralização dos sujeitos e a descoberta de novos horizontes, mediante outras abordagens. Esses estudos vêm ao encontro das novas tendências historiográficas que questionam a visão de história como evolução linear, possibilitando a recuperação de outras experiências.<sup>41</sup>

Por conseguinte, novas leituras, olhares e possibilidades surgiram para o historiador, ampliando seu campo de análise e questionamentos. Nesse sentido, resta o desafio de questionar as universalidades, as quais deixavam a impressão de que os homens se constituem num parâmetro extrahistórico e generalizante.<sup>42</sup> Focalizar a masculinidade significa observar suas especificidades sociais, culturais e históricas. Fazem-se necessários estudos críticos de estereótipos para se compreender a masculinidade em todos os seus aspectos, bem como a trama de poder e suas relações estabelecidas em relação à questão de gênero.

---

<sup>41</sup> MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

<sup>42</sup> MATOS, M. Izilda Santos de. Desafios da pós-modernidade: sensibilidades e masculinidades. **Gênero**. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero da UFF. Vol.2, n.2. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002. p.175.

Dentro das abordagens históricas que incorporam a categoria de gênero, ainda restam novas análises focando os homens e as relações de poder que se estabelecem entre o masculino e o feminino, observando as tensões que transitam nos múltiplos sentidos. No processo de construção da feminilidade e da masculinidade há focos criados e reforçados, tais como a associação do homem ao espaço público e ao papel de chefe, provedor e responsável pela condução da vida em família e em sociedade. Por outro lado, a mulher é retratada como ligada ao mundo do privado, à condição de rainha do lar e ao cuidado do marido, dos filhos e da casa.

Se o feminino ganhou espaço nos estudos históricos, e o masculino, por sua vez, passou a buscar novas possibilidades, mostrando formas inéditas de abordagem das relações, apresenta-se como um desafio para os estudiosos a obra de Erico Verissimo, que já teve nos seus “perfis femininos” o foco de variados pesquisadores, os quais, no entanto, praticamente ignoraram as questões da masculinidade abordadas em seus romances.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> COELHO SOARES, Ana Carolina. **Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história** em José de Alencar. Dissertação (Mestrado em História), UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

Por vários momentos, Erico relata em suas memórias situações que levam seus leitores a conhecerem seus parentes por meio dos personagens.

Creio, no entanto, que o mais fabuloso de todos os Veríssimos era tio Nestor, Retaco, vigoroso como um touro, tinha uma natureza falstafiana, um tremendo apetite pela vida, uma coragem cega e um tropismo insopitável para as revoluções.<sup>44</sup>

No romance *O Tempo e o Vento*, Erico descrevia o Capitão Rodrigo Cambará como um homem de revoluções. Também em outros momentos um determinado sujeito histórico de suas memórias deu a inspiração para algum personagem específico: “A esta altura, os leitores familiarizados com a minha obra devem já ter descoberto que Nestor Veríssimo me serviu de modelo para a figura de Toríbio Cambará [...]”.<sup>45</sup> Todavia, não se pode afirmar que cada um de seus personagens represente uma figura de sua família, pois eles circulam entre as características de seus familiares, criando um painel de sentimentos e emoções que o escritor vivenciou.

---

<sup>44</sup> VERÍSSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.34.

<sup>45</sup> Ibidem. p.39.

Embora Erico declarasse que seus personagens não são cópia da família Verissimo, que o Casarão do romance não tem semelhanças com o da sua própria família, pode-se perceber que, de uma forma inconsciente ou não, essas referências de memória estiveram presentes em seus romances, contribuindo para a construção das obras.

Ao dedicar boa parte de sua narrativa memorialística à descrição e a comentários sobre a família Verissimo, observa-se o fascínio que exerciam sobre o menino as referências masculinas de seus tios, mas também se pode notar o conflito que existia em relação à figura paterna, que causava um misto de pena e admiração.

Sebastião Verissimo não era um herói de capa e espada que o jovem Erico tanto admirava. Não lutou em guerras como o tio Nestor, nem conheceu o Presidente Getúlio Vargas pessoalmente, e também não era uma figura de autoridade familiar como seu avô. Porém, Sebastião era o incentivador do menino sonhador, o modelo de homem elegante e fino, que lia muito, discutia política e levava a vida como um “bon vivant”.

Como seria então para Erico lidar com essa figura e forjar suas referências de masculinidade? De que forma essa figura tão ambígua e cheia de significantes e significados entraria nos romances? Sebastião Verissimo pode estar presente em pequenas atitudes dos personagens. Na elegância de Bento Amaral, no gosto pelas mulheres do Capitão Rodrigo Cambará.

Erico buscou criar uma aura de coragem e bravura para o pai. Assim o fez ao narrar um episódio em que o pai quase fora assassinado por um matador de aluguel, por conta da sua iniciativa de publicar um jornal local, “O Calhorda”.

Desvendar seus romances e a construção de seus personagens, examinando sua capacidade de relacionar o drama dos indivíduos com o organismo social, torna-se um desafio: “[...] e isto tanto pode ser uma ficção como uma realidade enfeitada pela afetuosa fantasia de parentes e amigos.”<sup>46</sup>

A figura paterna sempre foi para Erico um mistério.

Quando hoje procuro analisar o comportamento de Sebastião Verissimo, comparando o menino com o adolescente e o homem maduro, tropeço em

---

<sup>46</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.43.

mistérios, não consigo explicar a mim mesmo as suas contradições, entender as suas transformações.<sup>47</sup>

Erico, ao narrar suas memórias, entrelaça sua trajetória à figura paterna, deixando clara a influência de seu pai na sua formação literária. Se a figura paterna era ambígua na vida de Erico, a figura de seu avô deixava muito claros os valores tradicionais da família gaúcha do final do século XIX e começo do XX. Quando seu filho Sebastião comunicou ao velho Franklin que largaria o estudo para se casar, o velho não fez objeção. Porém, colocou o jovem para trabalhar, pois, segundo ele, quem casa tem de sustentar a família. Uma semana após o ocorrido, recebeu o velho Franklin uma carta de seu filho, que demonstrava disposição de retomar seus estudos. Sebastião foi enviado novamente a Porto Alegre, onde concluiu o curso de Farmácia.

Aos 24 anos, Sebastião casou-se com D. Abegahy Lopes. Ganhou de presente uma casa e uma farmácia a uma quadra do Sobrado da família. Para ele, sua casa era um reino de fantasia, repleto de livros: “Transformou essa residência, de rústico estilo

---

<sup>47</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.45.

colonial, numa espécie de castelo da imaginação, em que passou a viver como um príncipe.”<sup>48</sup>

Do lado materno, aparecem referências da vida simples do campo. Seu avô Aníbal Lopes da Silva “era um gaúcho que amava a vida campeira”<sup>49</sup>. Foi carreteiro de tropeiro e representava o bom gaúcho. Não gostava de álcool e bebia muito pouco. Lia jornais, mas não era chegado aos livros. Por seu bom coração, deixou de ser um dos estancieiros mais ricos do Rio Grande do Sul para viver de forma simples.

Essas masculinidades colocam-se em suas obras, fazendo o contraponto com as mulheres dos romances, que também apresentam traços das mulheres da família do escritor.

### 1.3 SENSIBILIDADES FEMININAS: MULHERES DA FAMÍLIA

Não só os homens tiveram grande influência na vida de Erico; as mulheres também. Sua avó materna tinha como ancestral um “famoso” bandeirante paulista. Era uma mulher de gênio forte,

---

<sup>48</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.47.

<sup>49</sup> Ibidem. p.47.

que tinha dificuldade em demonstrar seus sentimentos, mas sua relação com a cozinha foi determinante para que odores de comidas e condimentos despertassem as memórias do autor.

As tias maternas eram Aracy e Iracema. Sua mãe, Abegahy, era a filha mais velha. Foi educada, como mandava o recato da época, em casa, aprendendo os afazeres femininos como corte e costura. Aracy, a filha do meio, adorava a leitura, se casou com um caixeiro-viajante de Alagoas e estabeleceu sua família no Mato Grosso. Já a filha caçula, Iracema, se casou com um advogado de São Gabriel.

No processo de construção da feminilidade e da masculinidade há focos criados e reforçados, tais como a associação do homem ao espaço público e ao papel de chefe, provedor e responsável pela condução da vida em família e em sociedade. Por outro lado, a mulher está ligada ao mundo do privado, à condição de rainha do lar e ao cuidado do marido, dos filhos e da casa.

Para Erico, as mulheres de sua família materna eram mais fortes e enérgicas que os homens. Daí suas memórias dedicarem mais espaço às suas tias que aos seus tios maternos.

Creio que nesse lado da minha família as mulheres eram mais enérgicas e moralmente corajosas que os homens. Isso talvez explique a presença em meus romances de personagens femininas de caráter forte como Olivia, Fernanda, Bibiana, Maria Valéria e principalmente Ana Terra.<sup>50</sup>

Ao falar das mulheres da sua família, o autor colocava a determinação, a força, maternidade, companheirismo como traços marcantes. Características também apresentadas nas personagens de seus romances, como Ana Terra e Bibiana, de *O Tempo e o Vento*.

Para o menino, seus pais eram tão diferentes que se completavam: “D. Bega era tão diferente de meu pai quanto a água do vinho.”<sup>51</sup> Em suas memórias a mãe é tratada com uma mulher calma, séria, trabalhadora e lutadora que muito se esforçou para criar os filhos. Já seu pai fazia o contraponto, era o “jovem sonhador” que nunca deixou de aproveitar a vida e vivê-la de forma intensa e arriscada.

---

<sup>50</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.54.

<sup>51</sup> Ibidem. p.54.

Para o escritor, seu pai nunca foi uma representação do marido e companheiro fiel. Quem cuidava das finanças da casa e do sustento da família era D. Bega: “Ele era um gastador imoderado, ao passo que ela era econômica... Meu pai era um sonhador, minha mãe uma realista.”<sup>52</sup>

O casal também era diferente nos relacionamentos que estabeleciam. Enquanto Sebastião Verissimo era alegre e comunicativo, pessoa comum nas rodas sociais, com vários colegas, mas poucos amigos verdadeiros, D. Bega era introspectiva e de poucas palavras.

Erico Verissimo deu voz a seu pai, contando suas aventuras e façanhas, momentos de felicidade, alegria, euforia, seu envolvimento com a política. Já sua mãe, quando citada, é uma boa referência de amor materno, sem, porém, transmitir o mesmo fascínio que Erico demonstrava ao “retratar” o pai<sup>53</sup>: “Enquanto ela mantinha os pés firmemente plantados na terra, ele se deixava

---

<sup>52</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.54.

<sup>53</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma Interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995. p.17.

erguer no balão iridescente de sua fantasia, recusando ver a realidade, oferecendo a lua a si mesmo e aos outros.”<sup>54</sup>

D. Bega representava para o filho a mulher forte e dedicada à família, que tudo fazia para suprir as necessidades dos seus. Trabalhava horas a fio em sua máquina de costura para sustentar os filhos, e era resignada o suficiente para não deixar transparecer o sofrimento com as traições do marido. Essa postura da mãe lhe imprimia um ar triste; o filho sentia carinho e era solidário no sofrimento, buscava ajudá-la.

A construção do romance em ciclo passa por duas narrativas que se estabelecem sobre a história do Rio Grande do Sul: a da memória da terra, cujas guardiãs são as mulheres; e a história vivida e contada pelos homens.<sup>55</sup> Ao falar da mãe, Erico está contando a história da terra. Enquanto falar do pai era contar a sua história vivida, as aventuras da infância.

---

<sup>54</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.54.

<sup>55</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. A memória da Terra: missão feminina - Leitura do Sul do Brasil a partir d'O Tempo e o Vento, de Erico Verissimo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo**: o romance da História. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990. KONDER, Rodolfo. **A memória e o esquecimento**. São Paulo: Ed. Global, 1997. LANDY, Márcia (Ed.). **The historical film**: history and Memory in Media. S.I.: Rutgers University Press, 2000. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. Idem. "Memória". In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Vol.1 - Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

A sobriedade seca de D. Bega era uma rústica moldura que dava um esquisito relevo aos exageros e extravagâncias do marido. Sebastião Verissimo deixava que seu otimismo lhe dirigisse o raciocínio, ao passo que sua companheira conservou durante toda a vida uma inesgotável reserva de pessimismo.<sup>56</sup>

Para o menino, era difícil compreender o que se passava. A seriedade e preocupação da mãe com o futuro incerto de seus filhos e a cobrança de uma sociedade pautada em tradições e valores sólidos eram marcas da tristeza materna que relata em suas memórias: “Ao menino e adolescente que fui, sempre impressionou a expressão de tristeza desses olhos.”<sup>57</sup>

Assim como o masculino, o feminino esteve muito presente na vida do escritor. As mulheres fortes e decididas dos romances representam características observadas nas mulheres de sua família e de seu Estado. Formado por meio de batalhas, conquistas e guerras, o Rio Grande do Sul constituiu-se pelo homem que saía para a guerra e pela esposa que ficava em casa, cuidando dos filhos e assumindo o papel do marido nas tarefas diárias. Dessa

---

<sup>56</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.54.

<sup>57</sup> Ibidem. p.54.

forma, personagens como Ana Terra e Bibiana são as representações dessas mulheres e sua trajetória.

#### 1.4 DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA: FIGURAS HUMANAS

Filho mais velho, Erico Verissimo nasceu em Cruz Alta, município do Rio Grande do Sul, no dia 17 de dezembro de 1905, e só teve um irmão, chamado Enio. O mundo era marcado por uma guerra Russo-Japonesa<sup>58</sup> e ainda se falava do massacre de São Petersburgo<sup>59</sup>. Seu nascimento se deu por um parto difícil, que lhe rendeu uma cicatriz no lado de um dos olhos.

---

<sup>58</sup> A Guerra Russo-Japonesa foi um conflito entre Japão e Rússia, que disputavam, em 1904 e 1905, os territórios da Coreia e da Manchúria. A guerra ocorreu no nordeste asiático do país, agravou-se, e o regime político do czar Nicolau II, da Rússia, foi abalado por uma série de revoltas em 1905, envolvendo operários, camponeses, marinheiros e soldados do exército. Greves e protestos contra o regime absolutista do czar explodiram em diversas regiões da Rússia. Os líderes socialistas procuraram organizar os trabalhadores em conselhos, nos quais se debatiam as decisões políticas a serem tomadas. O Japão era um país de tradições militares, apesar de ter enfrentado severas crises econômicas. Com navios menores, mas com grande mobilidade e poder de fogo muito superior aos pesados e antigos navios russos, a Marinha Japonesa impôs derrota ao inimigo. Essa guerra marcou o reconhecimento do Japão como potência imperialista pelas nações da Europa, enquanto a derrota russa patenteou a fraqueza do regime czarista e iniciou a sua queda, concretizada na Revolução de 1917. ALVES, Rui Manuel. Guerra Russo-Japonesa: um Duelo entre Impérios. **História**. n.83. Lisboa, setembro 1985. BENNETT, Col Drew A. The Russo-Japanese war: Defining Victory. **Marine Corps Gazette**. Vol.86, n.11. Broadway Street: Marine Corps Association, nov. 2002. MONTEIRO, Artur N. P. A Guerra Russo-Japonesa - 1904-1905. **Revista Militar**. Vol.48. Lisboa: Empresa da Revista Militar, 1996.

<sup>59</sup> No domingo do dia 22 de janeiro de 1905, foi organizada uma manifestação pacífica e em marcha lenta, liderada pelo padre ortodoxo e membro da Okhrana Gregori

Do irmão Erico falava com ternura e deixava clara a união fraternal que permeou a vida de ambos. Mesmo adultos e com netos, faziam questão de lembrar a infância e os momentos de alegria: “E hoje, sempre que nos encontramos voltamos a infância num faz de conta e, sobre o olhar entre perplexo e crítico de nossos filhos e netos, representamos cenas inteiras do passado.”<sup>60</sup>

O escritor ficou doente na infância, deixando toda a família preocupada. Com quatro anos, adquiriu meningite com broncopneumonia e chegou a ser desenganado pelos médicos.

Na escola contava com o prestígio da família Verissimo para ser paparicado pelas professoras. Era um bom aluno nas humanidades, mas tinha uma enorme dificuldade com a matemática, que o levou a correr o risco de reprovação escolar.

Sobre essa dificuldade com a matemática, conta que certa vez a

---

Gapone, com destino ao Palácio de Inverno do czar Nicolau II, em São Petersburgo, com o objetivo de entregar uma petição, assinada por cerca de 135 mil trabalhadores, reivindicando direitos ao povo, como reforma agrária, tolerância religiosa, fim da censura e a presença de representantes do povo no governo. Sergei Alexandrovitch, grão-duque, ordenou à guarda do czar que não permitisse que o povo se aproximasse do palácio e que dispersasse a manifestação. Entretanto, a massa não recuou. A guarda, então, disparou contra a multidão. A manifestação rapidamente se dispersou, deixando centenas de mortos. A população indignou-se com a atitude do czar, que, até então, era bem visto por seus súditos. O episódio ficou conhecido como "Domingo Sangrento" e foi o estopim para o início do movimento revolucionário. MEDVEDEV, Roy. **Era Inevitável a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. CROUZET, Maurice. **História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

<sup>60</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.56.

diretora de sua escola o levou até seu pai, para falar que as professoras haviam feito tudo que podiam pelo menino: ele havia aprendido três das operações básicas, mas faltava a divisão. Seu pai, então, lhe arrumou um professor, que o ensinou rapidamente, em somente duas horas, o cálculo.

Enquanto crescia, seu pai cuidava da Farmácia Brasileira, que deveria prover o sustento da família. Porém, a farmácia tornou-se um espaço de sociabilidade masculina, já que os amigos de Sebastião Verissimo usavam o local para encontros e divertimentos. Assim, o lucro não existia, a farmácia dava mais gastos que ganhos.<sup>61</sup>

O estabelecimento ficava junto à casa da família, da qual era separada por um corredor que servia de bar aos amigos de seu pai: “A farmácia era o mais importante ponto de reunião dos vadios e dos aposentados da cidade. Havia a hora do chimarrão – dez da

---

<sup>61</sup> O trabalho define a marca da masculinidade ao viabilizar a saída da própria família. Aparentemente, o trabalho confere ao homem um status de independência que se limita ao âmbito financeiro. Uma de suas funções é dissolver o vínculo com a família, tornando-o indivíduo comprometido com uma obsessão produtiva e com a reprodução dos valores da ordem capitalista. NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.51. BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. GALLOP, Jane. Além do falo. **Cadernos Pagu**. n.16. Campinas, 2001. GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et al (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo, ECOS/ Editora 34, 1998.

manhã e cinco da tarde –, em que a cuia andava de mão em mão e a mesma bomba de prata de boca em boca [...]”<sup>62</sup> O menino assistia aos amigos de Sebastião chegarem, sentarem e pedirem à empregada bebidas e petiscos. O anfitrião assistia a tudo com um sorriso nos lábios.

Sebastião Verissimo somente tinha a propriedade da farmácia, mas o trabalho de aviar receitas e atender clientes era deixado para os empregados. Por lá circulavam os mais variados tipos humanos, presentes nas memórias e representações do romancista. As mulheres não eram visitas constantes da farmácia, mas eram um dos assuntos corriqueiros dos amigos de Sebastião.

Essas figuras humanas estavam como a oferecer ao futuro romancista elementos para uma variada e colorida galeria de personagens... gaúchos buenachos, admiráveis contadores de causos, mentirosos patológicos, pelo menos um cretino clinicamente reconhecido, um pederasta, um tuberculoso, um sujeito que sofria de furunculose, vários portadores de bronquites crônicas, políticos da oposição, oficiais do exercito...

---

<sup>62</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.59.

Entre todos esses tipos humanos, havia um singular que jamais poderia faltar para Erico.

E, claro, nunca faltava um caixeiro-viajante com suas anedotas e trocadilhos...<sup>63</sup>

O caixeiro era a pessoa responsável pela venda de produtos para as regiões mais longínquas do país onde eles não eram produzidos. Consistia na única forma de transportar produtos entre diferentes regiões fora das grandes cidades. Por passarem muito tempo nas estradas, os caixeiros acabavam sendo fonte de notícias para as pessoas locais. Os assuntos eram os mais variados e permitiam ao menino conhecer lugares e situações que faziam sua imaginação viajar. Tais notícias serviriam ao escritor para compor seus romances e criariam no homem o gosto pelas viagens e pelo conhecimento de novas culturas.

Por vezes, se conversava sobre a vida local, “fofoca”, política, mulheres e todo o tipo de assunto que “interessava aos homens”: “[...] contavam mexericos locais, discutiam política, sim, e

---

<sup>63</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.60.

mulheres, principalmente chinas... proezas... heróicas... revoluções... futebol...”<sup>64</sup>

A casa da família Verissimo foi a referência de moradia, família e trabalho do escritor, e lá também o menino viu despertar o desejo sexual, o mistério por trás do amor. Erico conta em suas memórias sobre os animais que faziam amor ao ar livre, enquanto jovens funcionários da farmácia pegavam as empregadinhas atrás de portas ou em porões. Essas experiências de menino perpassam os romances, nos quais retira do ato sexual essa aura negativa, de obscuridade, retratando-o como algo leve e bonito. Essas lembranças da infância marcaram as características de seus personagens, suas ações, pensamentos e posturas.

Erico é um analista, sua obra busca a dimensão do social, formando épicos.<sup>65</sup> Isso faz dele um comparatista e um criador de galerias humanas. Essas galerias se distendem muito ao gosto do escritor, que tem entre seus temas favoritos o tempo. Assim, a família Terra-Cambará, principal núcleo articulador e por isso

---

<sup>64</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.60.

<sup>65</sup> CANDIDO, V. Antonio. Érico Veríssimo de Trinta a Setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**. Porto Alegre: Globo, 1972. Nesse ensaio retoma ideia desenvolvida quando de sua rescensão de *O resto é silêncio*, romance publicado em 1943. E a rescensão foi retomada em *Brigada ligeira*, livro publicado em 1945.

mesmo objeto central do romance, constitui-se por um suceder de épocas e planos diversos. Mas também se articula como uma enorme rede de relações comparadas de corações e caracteres que pode ser olhada de um golpe só, como se o enredo de romance tão grande pudesse ser congelado e visto também como uma simultaneidade.<sup>66</sup>

Erico, ao crescer, tomou gosto pela literatura e fez dela um sentido para sua vida. Já na infância, ler e imaginar outros lugares e situações podem ter sido a forma encontrada para fugir do drama familiar. Seu pai, Sebastião Verissimo, ao mesmo tempo que era uma representação ou até mesmo um modelo positivo de alegria de viver, peraltices e brincadeiras, era também uma referência negativa, pois se, por um lado, ele estava sempre pronto para se divertir, por outro, não tinha nenhuma responsabilidade com sua família e deixava a difícil tarefa de educar, sustentar e prover os filhos para D. Bega, a mãe de Erico.

---

<sup>66</sup> AGUIAR, Flávio. Mulheres de Érico. **Via Atlântica**. n.2. FFLCH-USP. São Paulo: Humanitas, 1999. AYALA, Waldir. Minha infância com Erico. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1981. BACELAR, Armando. Ideologia e Realidade em Erico Verissimo. In: SEGUNDO Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. **Anais**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. BORDINI, Maria da Glória. Criação Literária em Erico Verissimo. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995. CANDIDO, Antonio. Erico Verissimo de Trinta e Setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1981.

Esse fato, para uma sociedade patriarcal como a sociedade do Rio Grande do Sul, que via na mulher a “rainha do lar”, a companheira preparada para ajudar seu marido, mas não para assumir o sustento da família, criava um ponto de atrito. Para o menino, era difícil lidar com a admiração pelo pai e o amor pela mãe.

Possuir dinheiro representava a possibilidade de o homem ser um bom marido e pai, já que, dessa forma, sempre haveria condições para o amparo da família. O trabalho era outro vértice da masculinidade, pois o sucesso profissional representaria a ascensão econômica, tão necessária para a positivação social do homem. Somente o trabalho dignificaria; portanto, ao homem cabia a função de sair todos os dias de casa com a obrigação de retornar à noite com o sustento da família.<sup>67</sup>

Essas imagens tocavam o menino Erico, que, assim, na infância experimentou sentimentos e reações que delineariam a postura do escritor em sua vida: “[...] reforçavam sua reputação de paladino [...] Ah! Mas eu lia reproches a meu pai nos olhos, na face

---

<sup>67</sup> MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

e principalmente nos fundos suspiros de minha mãe.”<sup>68</sup> No entanto, os sentimentos de D. Bega eram desconhecidos para o marido, que não tinha preocupações com o amanhã: “Sebastião Verissimo, feliz e despreocupado, pelo menos aparentemente, continuava na sua boa vida [...]”<sup>69</sup>

Desde pequeno Erico percebeu que sua mãe era quem sustentava a casa e a família, enquanto o pai cuidava da vida social. D. Bega não gostava da vida agitada do marido, mas não o recriminava. De alguma forma, inconscientemente, ele justificava as ações do pai com a aceitação da mãe.

Outra característica paterna eram os casos amorosos constantes de Sebastião, mas o autor não demonstra reprovação veemente. A esposa abominava as ações do marido, mas, devido às convenções sociais, aceitava, passando a tratar a traição com desaprovação, porém sem questionamentos. Emoções e pensamentos perturbavam a mulher que se casara por amor e era traída. O respeito às convenções sociais e a necessidade de

---

<sup>68</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.65.

<sup>69</sup> Ibidem. p.65.

sustentar a família levaram-na a aceitar tudo sem gritar ou esbravejar.

Reflexos da atitude materna estão presentes na figura do escritor. A noção de honra perdida para D. Bega parecia estar mais ligada à vida boêmia do marido, que não trazia o sustento para a casa, do que com a infidelidade, que era aceita, conforme o recato da época.<sup>70</sup> Contudo, a reação de D. Bega às constantes traições levou o casal a ocupar quartos separados, de forma a manter as aparências de família unida.

Para tentar explicar as façanhas amorosas do pai e seu caráter festivo e despreocupado, Erico lembra de seu avô paterno, que também teve vários filhos e uma juventude aventureira, mas coloca um toque de permissividade ao ressaltar que seu avô lutou contra os Farrapos<sup>71</sup>, tendo sido o responsável pela prisão de Anita

---

<sup>70</sup> PESAVENTO, Sandra J. História Cultural & Multidisciplinaridade. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.4, Ano IV, n.4. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2007. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>71</sup> *Guerra dos Farrapos e Revolução Farroupilha* são os nomes pelos quais ficou conhecida a revolução ou guerra regional, de caráter republicano, contra o governo imperial do Brasil, na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, e que resultou na declaração de independência da província como estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense. Estendeu-se de 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845. A revolução, que originalmente não tinha caráter separatista, influenciou movimentos que ocorreram em outras províncias brasileiras, irradiando

Garibaldi.<sup>72</sup> Para completar o ato de contrição de seu avô, ressalta que viveu sozinho depois da morte da esposa, o que não foi longo tempo, pois morreu antes dos sessenta anos.

Os sentimentos de Erico eram contraditórios: sentia amor pelo pai e por isso perdoava as suas faltas, enquanto assistia calado à sua mãe definhar frente à sua máquina Singer, costurando para fora para sustentar a família, sem sorrir ou manifestar qualquer expressão de felicidade. A tudo isso o menino assistiu tentando perdoar o pai, ao mesmo tempo que sentia remorso pela mãe e um sentimento de culpa.

---

influência para a Revolução Liberal que viria a ocorrer em São Paulo em 1842 e para a Revolta denominada Sabinada na Bahia, em 1837, ambas de ideologia do Partido Liberal da época, moldado nas Lojas Maçônicas. FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. 3ªed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **As raízes do separatismo no Brasil**. Biblioteca básica. São Paulo: Editora UNESP, 1999. MACEDO, Francisco Riopardense de. **Imprensa farroupilha**. Vol.4, Coleção Ensaios. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 1994. ROSA, Othelo. As causas da Revolução Farroupilha. **Revista Província de São Pedro**. n.2. Edição Eletrônica. Porto Alegre, 1945. SANT'ANA, Elma. Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha. **Caderno de História**. n.18. Edição Eletrônica. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2005.

<sup>72</sup> Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi (Morrinhos, Laguna, 30 de agosto de 1821 - Mandriole, Itália, 4 de agosto de 1849), foi a companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, sendo conhecida como a "Heróina dos Dois Mundos". Durante a Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, o guerrilheiro italiano Giuseppe Garibaldi, a serviço da República Rio-Grandense, participou da tomada do porto de Laguna, na então província de Santa Catarina, onde conheceu Anita. Ficaram juntos pelo resto da vida de Anita, que seguiu Garibaldi em seus combates em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai (Montevideu) e Itália. O casal teve quatro filhos, o primeiro dos quais, chamado Menotti Garibaldi, nasceu no estado do Rio Grande do Sul, na então vila e atual cidade de Mostardas. MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi: uma heroína brasileira**. 4ªed. São Paulo: Senac, 2000.

Para Erico criança, o pai era um herói, e por isso enxergar seus defeitos era muito difícil. Porém, como filho que amava a mãe, era difícil ver a tristeza e resignação no olhar de D. Bega.

Nas memórias do autor, adquiriu significado especial sua ameixeira-do-japão, árvore sob a qual o menino passava horas “viajando” com suas histórias de heróis e guerras. Muitas dessas histórias nasciam da imaginação do menino e das leituras dos livros de seu pai.

Tive no começo da vida uma árvore que até hoje continua dentro de mim como um marco do tempo da infância e uma entidade importante de minha mitologia particular. Foi sentado ao pé dessa árvore [...] que aos sete anos folheei fascinado um livro da biblioteca de meu pai.<sup>73</sup>

Foi sob essa árvore que o menino deixou a imaginação fluir para criar histórias e personagens que depois ganhariam vida em seus romances.<sup>74</sup> Capitão Rodrigo Cambará nascia ali,

---

<sup>73</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.74.

<sup>74</sup> Dentro da produção historiográfica, a literatura como fonte tem aberto possibilidades, bem como os estudos sobre Erico Verissimo, que têm despertado interesse de pesquisadores. Porém, as pesquisas realizadas ainda focalizam o autor que expressa a nacionalidade em seus romances. CHARTIER, R. **História Cultural** -

timidamente, mas com uma bravura latente. Dessa forma, o menino foi crescendo e conhecendo o mundo, envolto em histórias e pessoas, passeando por Cruz Alta, vivenciando o Sobrado e seus diversos personagens.

A estrutura do comportamento está vinculada à relação entre a consciência e o mundo, jamais cortada por pontos finais. Sendo um traço de união entre o que foi e o que será, é antes de tudo memória. A duração é o tempo vivido, o tempo do espírito anterior às divisões da percepção.<sup>75</sup>

Se a infância de Erico foi marcada pela família, um lugar em particular o marcou: o velho escritório de seu pai foi o cenário de muitas aventuras vividas, em especial a leitura da Revista “O Tico-Tico”.<sup>76</sup>

---

entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996. Idem (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

<sup>75</sup> BOSI, Ecléa. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia**. n.4. São Paulo: USP, 1993. p.280. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Indivíduo, biografia, história**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A construção social da memória**: uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí - RS: Unijuí, 2000. ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas - SP: Unicamp, 1996.

<sup>76</sup> A revista *O Tico Tico*, lançada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil. Sua primeira edição saiu no dia 11 de outubro de 1905, uma quarta-feira, e não em uma quinta, como dizia a capa. O modelo seguido pela *Tico Tico* era o da revista francesa *La Semaine de Suzette*, personagem que foi publicada pela revista com o nome de Felismina. Era publicada em dois tipos de papel, com quatro páginas coloridas e as restantes usavam, no lugar do preto e branco habitual, uma combinação de branco com vermelho, verde ou azul.

O Dr. Rodrigo Cambará, personagem central do romance *O Retrato*, que eu viria a escrever em 1950, haveria de ler com bastante entusiasmo narcisista essa obra de Rostand.

E é por causa de fatos como esse que não me canso de repetir que nenhum adulto, por mais que se esforce, jamais conseguirá livrar-se completamente do menino que um dia foi.<sup>77</sup>

Sebastião Verissimo vivia envolvido com a política, que, segundo ele, era uma questão de homem. Uma vez que esse campo demandava participação pública, o poder da oratória e a demonstração de conhecimento, tornava-se um espaço de domínio masculino, pois a mulher não apresentava a força necessária e o domínio das habilidades básicas para explorar esse setor.

Erico coloca que, na compreensão de seu pai, a masculinidade estava completamente ligada à participação política e à sexualidade. Enquanto o caráter feminino era determinado pelo

---

O primeiro exemplar custava 200 réis e, como não havia inflação na época, a revista permaneceu com esse preço até a década de 1920. O personagem mais popular da revista, Chiquinho, era uma cópia não autorizada de Buster Brown, criado por Richard Felton Outcault. Outros personagens que faziam muito sucesso eram Reco-Reco, Bolão e Azeitona, criação de Luiz Sá. Mickey Mouse fez sua estreia em quadrinhos no país em 1930 nas páginas de *O Tico Tico* e era chamado de *Ratinho Curioso*. GONÇALO JÚNIOR. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004. p.47-48.

<sup>77</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.86.

trabalho e pela resignação conjugal. D. Bega era esse exemplo, mãe extremada que tudo fazia para alimentar e educar os filhos, esposa submissa que não repreendia o marido e aceitava calada e resignadamente os devaneios e aventuras sexuais de Sebastião. Inconscientemente, esse caráter pode ter sido passado para Bibiana, a jovem que se casa com o Capitão Rodrigo e se torna o modelo de esposa e mãe de D. Bega.

Para Sebastião Verissimo, a política era uma forma de afirmação de sua masculinidade, uma vez que o trabalho não fazia parte de seus grandes feitos. Era a maneira de se colocar como homem que contribuía para a sociedade de alguma maneira.

Sebastião Verissimo metia-se em lutas políticas nas quais arriscava a pele, satisfazendo assim uma parte importante de seu machismo, pois quanto à outra, a que dizia respeito ao sexo, ninguém tinha a menor dúvida... Para ele não havia vergonha maior para um homem que a de virar a casaca em questões políticas.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.90.

Para Sebastião Verissimo, o sexo fazia o homem, refletia sua virilidade e força, surgia como a autoafirmação de seu papel de procriador. Para Erico, a questão sexual era algo de importância; sendo filho de um Verissimo, crescera vendo as relações extraconjugais do pai e pensando quando seria a sua vez. O seu primeiro orgasmo, como relata o escritor, foi um misto de culpa e alegria. Porém, a falta de conhecimento do assunto criou no jovem o medo de contrair alguma doença.

Estava eu um dia escondido num canto, empenhado num ato desse amor proibido, quando notei que de meu sexo esguichava um líquido de aspecto leitoso... um gozo que chegou a doer – surpresa, alarma, orgulho... Imaginei que aquela perda seminal me ia deixar terrivelmente debilitado.<sup>79</sup>

#### D. Bega teve com Erico uma relação mais afetuosa.

Ela própria era um belo exemplo de incansável e digna mulher trabalhadeira. Achava que ninguém devia gastar mais do que ganhava, nem mesmo tudo quanto ganhava, pois é necessário a gente

---

<sup>79</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.93.

economizar para o futuro [...] compreendia a importância do saber e queria que os filhos se instruissem para serem alguém na vida.<sup>80</sup>

A relação entre seus pais se apresenta de forma ambígua para o escritor, que em vários momentos declara afeto e compaixão por ambos em situações alternadas. Para Erico, podia-se até compreender, mas como filho era difícil aceitar a relação entre D. Bega e Sebastião Verissimo.

A importância que sua mãe dava ao estudo foi determinante para encorajar o menino a se tornar escritor, que escreveu seus primeiros textos, versos que gostava de ler, para ganhar a aprovação da mãe: “Mostrei as quadras à minha mãe, que as achou muito bonitas e me estimulou a continuar escrevendo versos.”<sup>81</sup>

Para D. Bega o estudo era importante, mas o gosto de Erico pelo mundo da ficção veio de Sebastião. Para o menino, a literatura surgia como uma fuga da triste realidade e dos problemas que a família enfrentava. Sua ameixeira-do-japão era o porto

---

<sup>80</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.90.

<sup>81</sup> Ibidem. p.91.

seguro, pelo qual podia viajar por outros lugares e ser quem quisesse, sem se preocupar com a realidade.

De suas amizades da infância relatou o grupo de quatro amigos que, juntos, criavam histórias embaixo da ameixeira, sempre acompanhados pelo quinto companheiro, o cachorro Pitoco. Lembrava-se da existência desse cachorro desde o momento em que ele apareceu e passou a pertencer aos meninos até a carta que recebeu já no colégio interno informando que o animal morrera. Erico registrou a saudade do “amigo de quatro patas”, que foi o único animal de estimação que teve.

Um dia encontramos estendido na rua um cachorro vira-lata. Verificamos que tinha uma das patas quebradas... Pitoco nos olhava com seus olhos lustrosos de uma simpatia... Daí por diante passou a ser um membro do grupo.

Li a carta que anunciava a morte de meu amigo num dia de inverno.

Pitoco foi o único bicho de estimação que tive em toda a minha vida.<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.95-97.

A memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade.<sup>83</sup>

Dos amores de infância o escritor se lembra da menina Emília, que namorou, ainda menino, em Cruz Alta. Erico acreditava que deveria salvar a jovem, já que era filha de uma prostituta conhecida na cidade. A distância e o longo tempo de um inverno afastaram os enamorados. Quinze anos depois Erico reencontrou a jovem namorada e teve com ela uma noite de amor; a garota havia virado uma prostituta como a mãe.

Tive nesse tempo de escola um pequeno romance com uma colega. Chamava-se Emília...

Entreguei-me então a um nobre projeto: salvar Emília da mãe, da prostituição, da desgraça. Entretanto essa resolução durou menos que aquele duro inverno...

Naquele anoitecer debati-me numa dúvida. Dentro de mim minha mãe me dizia... Mas meu pai cochichava... Fui... Saí da casa de Emília compreendendo com a carne e o espírito, pela

---

<sup>83</sup> BOSI, Ecléa. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia**. n.4. São Paulo: USP, 1993. p.281.

primeira vez, o sentido mais profundo da expressão post coitum triste.<sup>84</sup>

Os sentidos da masculinidade<sup>85</sup> de Sebastião Verissimo falaram mais alto ao filho e este caiu na tentação da carne. O próprio escritor, em suas memórias, relata o sentimento de tristeza por que foi tomado ao sair da casa da jovem. Experiências vividas carregadas na memória do jovem, que posteriormente se transformariam em texto na mão do escritor<sup>86</sup>, como o próprio Erico descreve ao falar da criação de *Música ao Longe*, em que discorre sobre a história da família de imigrantes Dell'Aglio: "Música ao Longe, romance que escrevi em 1934, reflete de certo modo esse fenômeno socioeconômico [...]. Não se trata exatamente da história da ascensão dos Dell'Aglio e da queda dos Verissimo."<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.100.

<sup>85</sup> Com a diversidade de culturas, crenças e a pluralidade de identidades psicológicas, sociais, de gênero e sexuais, é simplesmente impossível conceber uma hegemonia frente às nossas identidades, porque elas não são fixas, imutáveis, pelo contrário, elas estão constantemente sofrendo mudanças, e a cada década podemos perceber que cada vez mais a cultura, os modos de vida, de se comportar, de ser e de estar vão se alterando, adequando-se às exigências do próprio tempo.

<sup>86</sup> A escolha da obra *O Tempo e o Vento* vem da possibilidade de se trabalhar com diferentes representações sociais e, concomitantemente, realizar uma leitura social de uma época. Elas compreendem vários anos da vida literária e pessoal de Erico como da História do Brasil.

<sup>87</sup> VERISSIMO, op. cit., p.103.

As referências à vida do jovem podem ser encontradas nos romances<sup>88</sup>. Os momentos que marcaram sua infância surgiam como a ligação entre realidade e ficção. Como quando descreve o Dr. Rodrigo Cambará, neto do Capitão Rodrigo, dançando.

De nosso canto, no vestibulo do clube, junto da porta do salão de festa, vimos nosso pai marcar a polanaise – bem como faria o Dr. Rodrigo Cambará no Clube Comercial de Santa Fé, numa cena do romance que eu iria escrever quase quarenta anos mais tarde.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> O ano de 1934 marcou a história do Brasil com a Constituição de 1934, consequência direta da Revolução Constitucionalista de 1932, quando a Força Pública de São Paulo lutou contra as forças do Exército Brasileiro. Com o final da Revolução Constitucionalista, a questão do regime político veio à tona, forçando, dessa forma, as eleições para a Assembleia Constituinte em maio de 1933, que aprovou a nova Constituição, substituindo a Constituição de 1891, já obsoleta devido ao dinamismo e evolução da política brasileira. Em 1934, a Assembleia Nacional Constituinte, convocada pelo Governo Provisório da Revolução de 1930, redigiu e promulgou a segunda constituição republicana do Brasil. Reformando profundamente a organização da República Velha, realizando mudanças progressistas, a Carta de 1934 foi inovadora, mas durou pouco: em 1937, uma Constituição já pronta foi outorgada por Getúlio Vargas, transformando o presidente em ditador e o estado "revolucionário" em autoritário. KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil: de Deodoro a FHC**. Rio de Janeiro: Empório do Livro, 2002. JORGE, Fernando. **Getúlio Vargas e seu Tempo**. 2 volumes. São Paulo: T. A. Queirós, 1986. DEBES, Célio. 1930 revisitado: a Revolução. **Revista da Academia Paulista de Letras**. Vol.114. São Paulo: Academia Paulista de Letras, julho 2001. HENRIQUES, Afonso. **Ascensão e Queda de Getúlio Vargas**. 3 volumes. São Paulo: Editora Record, 1964. Idem. **Bibliografia de História do Brasil**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1943. SODRÉ, Nelson Werneck. **O que se deve ler para conhecer o Brasil**. S.l.: Editora Leitura, 1945.

<sup>89</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.108.

Erico assistiu ao desenrolar dos acontecimentos da época. Primeira Guerra Mundial, Tratado de Versalhes e outros eventos que preencheram a vida do menino apaixonado pelo conhecimento e por fatos heróicos.

Além da literatura, outro mundo despertava o interesse do garoto: o do cinema, que à época ainda engatinhava. Fazia pouco tempo que os irmãos Lumière<sup>90</sup> haviam apresentado ao mundo o cinematógrafo, e só com o advento da Primeira Guerra Mundial os Estados Unidos conseguiriam espaço nesse mercado. Hollywood ainda dava os primeiros passos rumo à “Meca mundial” do cinema que iria se tornar nas décadas seguintes. Os gêneros preferidos do

---

<sup>90</sup> Os irmãos Auguste Marie Louis Nicholas Lumière e Louis Jean Lumière foram os inventores do cinematógrafo (*cinématographe*), sendo frequentemente referidos como os pais do cinema. Louis e Auguste eram filhos e colaboradores do industrial Antoine Lumière, fotógrafo e fabricante de películas fotográficas, proprietário da *Fábrica Lumière (Usine Lumière)*, instalada na cidade francesa de Lyon. O cinematógrafo era uma máquina de filmar e projetor de cinema. São considerados os fundadores da Sétima Arte junto com Georges Méliès, também francês, este tido como o pai do cinema de ficção. Louis e Auguste eram ambos engenheiros. Auguste ocupava-se da gerência da fábrica, fundada pelo pai. Dedicar-se-iam à atividade cinematográfica, produzindo alguns documentários curtos, destinados à promoção do invento. FRANCO, Marília da Silva. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: FRANCO, Marília da Silva; PICCHIARINI, Ricardo; COUTO, José Geraldo. **Cinema: uma introdução à produção cinematográfica**. Série: Lições com Cinema, 1. São Paulo: Centro de Documentação e Informação para a Educação, 1992. KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**. Vol.5, n.10. Rio de Janeiro, 1992. p.237-250. CASTRO, Nilo André Piana de (Coord.). **Cinema e Segunda Guerra**. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1999.

jovem Erico eram guerra e aventura, mas havia espaço também para comédia e históricos.

Por meio do cinema, o jovem começou a conhecer outros mundos, como o das injustiças, e passou a ter uma tendência: a de lutar contra a desigualdade social. Essa consciência começou a surgir ao assistir o filme “Os Miseráveis”<sup>91</sup>.

Além das injustiças sociais, o cinema levou o jovem a questionar ou refletir sobre a questão da americanização de outras culturas, que viam no cinema o mundo idealizado dos EUA. Cabe observar que essa consciência Erico mostra quando escreve suas memórias. O menino não teve a mesma visão do dano do processo de americanização; essa percepção surgiu com sua trajetória, como resultado de experiências vividas. Ele mesmo expõe as questões que eram importantes para o jovem, como o amor idealizado e seus heróis.

---

<sup>91</sup> *Les Misérables (Os Miseráveis)* é uma das principais obras escritas pelo escritor francês Victor Hugo. A história se passa na França do século XIX entre duas grandes batalhas: a Batalha de Waterloo (1815) e os motins de junho de 1832. Daqui resulta, por cinco volumes, a vida de Jean Valjean, um condenado posto em liberdade, até sua morte. Em torno dele giram algumas pessoas que vão dar seus nomes para os diferentes volumes do romance, testemunhando a miséria desse século. HUGO, Victor. **Os miseráveis**. Vol.I - Fantine/ Livro sétimo: O Processo de Champmathieu/ XI - Champmathieu cada vez mais admirado. Lisboa: Editorial Minerva, 1962.

Olhando para trás, desta distância no tempo, e examinando minha “educação cinematográfica”, concluo que foi lá por 1915 que começou o nosso – pelo menos o meu – processo de americanização naquela escola que era o Biógrafo Ideal.<sup>92</sup>

O circo também marcou a vida do menino. Erico aponta o que pode ter sido a semente do Capitão Rodrigo Cambará.

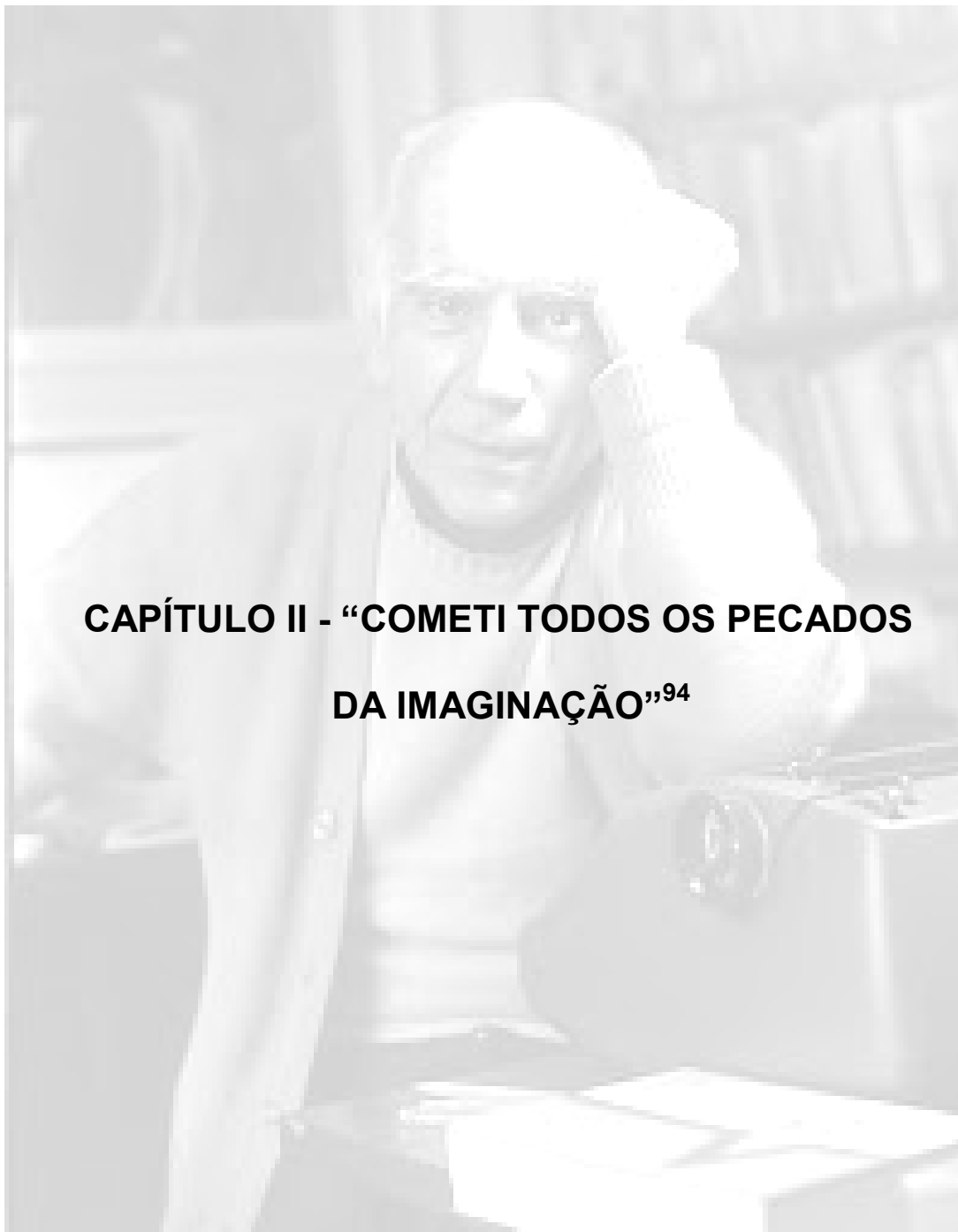
De todas as pantomimas de circo que vi quando menino, nenhuma me impressionou tanto como “Os Bandidos da Serra Morena”, em que a mocinha, roubada por malfeitores, é salva graças ao Cap. Severino (Semente do capitão Rodrigo d’O Tempo e o Vento? Olhem, quem sabe!).<sup>93</sup>

De todas as influências, a literatura teve o maior destaque. Erico lia de tudo um pouco, de Julio Verne a José de Alencar, passando por Tolstói, Dostoiévski e Eça de Queiróz. Essas leituras influenciaram o jovem escritor, de forma que todo o trabalho de Erico durante sua carreira literária e também na editora foi marcado por sua formação literária.

---

<sup>92</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.119.

<sup>93</sup> Ibidem. p.123.



**CAPÍTULO II - “COMETI TODOS OS PECADOS  
DA IMAGINAÇÃO”<sup>94</sup>**

---

<sup>94</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.266.

Neste capítulo trabalha-se o processo de construção do homem Erico. A intenção é verificar como suas referências humanas foram determinantes para o seu amadurecimento e a construção de sua masculinidade. Aborda-se a produção dos primeiros escritos, o período no internato, a separação dos pais, além de indicativos da personalidade literária de Erico.

## 2.1 NOVAS EXPERIÊNCIAS: UM RECOMEÇO

Apesar de seu gosto pela leitura e do conhecimento adquirido pelos livros, o jovem Erico tinha dificuldades em seus estudos, pois apresentava problemas com os números, e chegou a ser reprovado em Matemática no colégio. Esse fato levou seu pai a tomar a decisão de matriculá-lo em um internato fundado por missionários americanos: “Naqueles últimos meses de 1919 meu pai decidiu que eu iria fazer o curso ginásial em Porto Alegre, como interno em um colégio fundado por missionários americanos da

Igreja Episcopal Brasileira.”<sup>95</sup> Contudo, observa-se que a questão religiosa não era uma tradição muito forte na família Verissimo.

A decisão de mandar o menino para o colégio foi do pai, mas, como de costume na família Verissimo, o pagamento dos estudos era de responsabilidade da mãe. Foi a primeira vez que o menino deixou a casa da família e se viu só no mundo. Na bagagem levava um amor de infância, Vânia, uma menina da vizinhança por quem era apaixonado.

No colégio Erico foi tratado pelos colegas de maneira diferente, não foi alvo dos trotes ou brincadeiras frequentemente dirigidos aos novatos, tampouco chateado pelos outros estudantes. Dessa época, Erico se lembrava das amizades sólidas que se formaram.

A Matemática ainda era um problema nos estudos do garoto, porém, atendendo a um pedido do pai, o jovem fazia de tudo para ser sempre o primeiro da turma. Apesar disso, era o típico “estudante de véspera”, ou seja, estudava somente em época de provas. O tempo livre o jovem preferia ocupar com os desenhos,

---

<sup>95</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.128.

caricaturas e textos, hábitos que revelavam a sua inclinação para a literatura.

O próprio Erico conta que as notas em Matemática que lhe garantiam a média para ser o primeiro da turma eram resultado do auxílio de um professor da disciplina que, vendo o esforço do menino, sempre era benevolente ao avaliar suas provas.

[...] o nosso professor de matemática me protegia, dando-me notas que me permitiam conseguir uma média geral alta, pois achava uma pena que um aluno como eu, que ia tão bem em história universal, geografia, francês, inglês, português, história natural, etc., fosse ficar para trás só por causa de sua alergia aos números. Assim, dava-me notas como 5, 6 e não raro 8, quando eu “desconfiava” que merecia zero ou quando muito 2.<sup>96</sup>

Mas nem só de boas lembranças vive a memória. Marcavam as reminiscências de Erico ainda os banhos frios tomados pela manhã, já que o colégio não contava com serviço de água quente, e a árdua espera para iniciar o desjejum, já que era obrigado a aguardar o término da oração para iniciar a refeição.

---

<sup>96</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.131.

O futebol também fazia parte da vida escolar do jovem. Os anos de estudo transcorreram normalmente e as atividades corporais faziam parte do dia a dia dos jovens. Tornar-se homem era ter enfrentamento corporal, mostrar superioridade física sobre o outro. Anos depois a força física se apresentaria nos personagens de Erico. Coragem era não demonstrar medo, ser forte diante da adversidade.

Com relação à questão religiosa, cumpre frisar que o jovem era de uma família católica que teve no internato a possibilidade de conviver com uma nova doutrina, a protestante, vivenciando experiências que deixaram marcas. Questões sobre a existência de Deus e os pecados do homem por vezes tomavam a mente do futuro escritor: “Por mais que me esforçasse, não podia aceitar sinceramente a existência de Deus que católicos e protestantes me ofereciam.”<sup>97</sup>

No último ano de colégio, Erico começou a sofrer de insônia; procurou médicos para se tratar, mas nada resolveu. O que o incomodava era a angústia que sentia ao ouvir o vento que uivava fora do quarto – “Observava que minha ansiedade aumentava ou

---

<sup>97</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.138.

então era desencadeada nas noites em que eu ouvia o vento uivar lá fora”.<sup>98</sup>

A referência ao vento apareceria em *O tempo e o Vento*. A velha Bibiana dizia que podia ouvir a avó Ana Terra dizendo “Noite de Vento, noite dos mortos” quando o vento soprava pelas janelas do casarão: “Num romance que eu haveria de escrever dali a quase trinta anos, um personagem diria **Noite de vento, noite dos mortos**.”<sup>99</sup>

Nas memórias de Erico os três anos passados no internato denotam certa tranquilidade. Foram tempos de estudos, de convívio com professores queridos – alguns muito marcantes, outros nem tanto –, da descoberta de sua individualidade, da compreensão, mesmo que em partes, do mundo ao seu redor. Foi um período em que o menino se preparou para os desafios da vida adulta, que, aliás, chegaram mais cedo para Erico, quando o jovem retornou à casa de seu pai.

---

<sup>98</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.146.

<sup>99</sup> Ibidem. p.146.

## 2.2 CRUZ ALTA: PERSPECTIVA DA REALIDADE?

Erico se preparava para a vida adulta no colégio, mas voltava para Cruz Alta nas férias, quando encontrava a família e podia acompanhar as mudanças na casa e na cidade. Já na primeira visita teve a impressão de que tudo era menor do que imaginava ou lembrava, e a ameixeira-do-japão já lhe parecia estranha.

A situação econômica dos Verissimo ia de mal a pior, e as relações da família também. No coração o jovem carregava o desejo de filho de que os pais se reconcilhassem. Sabia, no entanto, que isso dependeria muito mais do pai, Sebastião Verissimo, que precisava se emendar, do que de D. Bega. Tinha o desejo, mas sabia o quanto isso era difícil.

Cheguei até a esperar, dum modo nebuloso e ao mesmo tempo ingênuo, que Sebastião Verissimo... se regenerasse, tornando-se um marido exemplar. Como se vê, eu já estava sob a influência dos

sermões dos pastores episcopais e das leituras da Bíblia.<sup>100</sup>

Durante as visitas à sua cidade natal, o jovem já apresentava desejo carnal, mas tinha medo do ato sexual pelos danos físicos que poderia causar e por receio de cometer alguma falha embaraçosa. Considerava arriscado procurar as prostitutas da cidade, que eram sempre “protegidas” de algum coronel. Aguardava que seu pai cumprisse a promessa de levá-lo a uma “casa” para que tivesse sua primeira experiência sexual, mas o Sr. Sebastião estava muito ocupado com sua própria vida amorosa para se preocupar com a do filho.

Outra preocupação surgiu entre 1920 e 1921, quando descobriu que a Farmácia Brasileira, propriedade de seu pai, estava praticamente falida e a residência da família havia sido hipotecada. D. Bega continuava trabalhando como modista, com a velha máquina e o velho manequim, para custear os estudos de Erico e dar-lhe um pouco de conforto no colégio.

---

<sup>100</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.149.

Em 1922 Erico deixou o internato, levando na bagagem boas lembranças. Era o ano do Centenário da Independência do Brasil. Medo e apreensão marcaram o caminho de volta para sua cidade, assim como a esperança de que as coisas estivessem melhores. Em meio às turbulências mundiais na política e nas letras – a Rússia transforma-se na URSS, a Inglaterra deixava o Egito aos egípcios, Mussolini tornava-se membro do governo italiano, James Joyce lançava *Ulisses* e Sinclair Lewis, o seu *Babbitt* –, o jovem de 17 anos voltava a Cruz Alta.

Infelizmente, o que encontrou na chegada à sua cidade se mostrou nada promissor. Sebastião Verissimo bebia agora mais do que nunca, e D. Bega parecia ter chegado ao limite de suas forças. A farmácia estava falida e seu tio paterno, Antonio, junto com o amigo Dr. Catarino Azambuja, resolvera requerer uma concordata para evitar uma humilhação maior à família, mas para isso era necessário que Sebastião assinasse o documento, algo a que ele se negava terminantemente.

O temperamento do pai, associado ao alcoolismo<sup>101</sup>, deixou a família em uma situação difícil, e Erico não sabia muito bem como agir. Ao regressar do colégio, a primeira noite na casa da família foi uma tortura. O silêncio que havia entre D. Bega, Enio e Maria do Sertão, irmã de criação de Erico, só foi quebrado com o retorno de Sebastião Verissimo alcoolizado.

Seu pai parecia sentir o clima tenso e buscava uma forma de fugir a essa situação. Todavia, a solução encontrada foi iniciar uma discussão com D. Bega. A briga se iniciou com uma acusação de Sebastião à sua esposa; porém, o motivo, segundo Erico, seria tão tolo que não merecia relato. Seria o motivo tolo de fato ou não foi mencionado pelo escritor para não manchar a imagem de sua mãe com uma suposta calúnia? O que o teria levado a negar ao leitor de suas memórias o real motivo da acusação?

Em certa passagem de *Solo de Clarineta: memórias* Erico fala pela primeira vez de agressão física na casa da família. O resultado da violência veio tarde da noite, com um bilhete de D.

---

<sup>101</sup> O álcool representava o amigo de todas as horas, aquele que alivia o sofrimento, e o fazia fugir da realidade. Criava uma falsa noção de coragem e poder masculino, que eram necessários para o enfrentamento da família e suas cobranças. Para compreender mais, cf.: MATOS, M. Izilda Santos de. **Meu Lar é o Botequim: alcoolismo e masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

Bega informando ao garoto o desejo de separar-se do marido, pois chegara ao seu limite e não aguentaria mais sua situação.

Houve um momento de tamanha violência mal contida que – fazendo um enorme esforço – tive de interferir a favor de minha mãe.<sup>102</sup>

Era um bilhete de minha própria mãe, curto, direto, seco, sem a menor nota piegas. Dizia que não podia mais suportar aquela vida e que estava resolvida a separar-se imediatamente do meu pai, mas que só faria isso se eu quisesse ir também com ela.<sup>103</sup>

Na manhã seguinte, se mudaram para a casa da avó materna. Somente em suas memórias, na fase adulta, o autor perceberia a dimensão do fato de a sua mãe ter se separado do marido na década de 20 em uma cidade pequena do Rio Grande do Sul. Só agora parecia compreender o esforço empreendido por essa mulher.

Se levarmos em conta – reflito agora – a época, o tamanho e os preconceitos da cidade em que vivíamos, a resolução tomada por D. Bega de

---

<sup>102</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.153.

<sup>103</sup> Ibidem. p.154.

abandonar o marido foi um ato de admirável coragem moral.<sup>104</sup>

A separação do casal pode ter alterado a relação de Erico com a mãe, que deixava de ser a esposa submissa para se tornar a mulher que rompe com as convenções em busca de um futuro melhor para seus filhos e para si. Nesse momento, o desventurado deixava de ser D. Bega e passava a ser o pai, que se encontrava só.

Se D. Bega estava pronta para a separação, o mesmo não acontecia com Sebastião. Preocupado com o pai, Erico foi vê-lo na velha casa da família, e o que encontrou foi um vulto de homem que não entendia por que havia sido abandonado pela esposa e se ressentia da necessidade de explicar o fato aos familiares e amigos.

“[...] Por que me fizeram isso? Tu sabes que não sou um homem mau...” Meu pai tornou a falar. “Me diga, meu filho, com que cara agora eu vou sair pra rua? Como é que vou explicar a meus irmãos, aos meus amigos o que aconteceu? Me diga!”<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.155.

<sup>105</sup> Ibidem. p.155.

Na juventude Erico talvez não tenha compreendido o pai, mas na sua maturidade buscou entender os sentimentos que levaram Sebastião Verissimo a seguir aquele caminho.<sup>106</sup>

[...] julgo compreender os pensamentos e sentimentos de Sebastião Verissimo, príncipe da vida, talvez um dos homens mais estimados e admirados da terra. Queria aproveitar o melhor de dois mundos: manter a jovem amante, de quem gostava, e ao mesmo tempo conservar a esposa legítima. Agradava-lhe a idéia de ser considerado um chefe de família exemplar, como fora seu próprio pai, e no fim das contas – devia ele raciocinar – quantas centenas de homens como ele sempre tiveram duas casas e duas mulheres, a esposa e a outra?<sup>107</sup>

De alguma forma, Erico tentou justificar a ação de seu pai apontando a tradição, procurando entender os sentimentos que o levaram a certas ações. Seu grande medo era que seu pai cometesse suicídio.

---

<sup>106</sup> Os estudos de gênero e, em particular, da masculinidade possibilitaram ao historiador observar a sociedade de diferentes épocas por ângulos antes não imaginados, fazendo com que os personagens sociais ganhassem novos contornos.

<sup>107</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.156.

Vários dias se seguiram, mas, quando visitava o pai, o encontrava deitado na mesma cama, com a barba por fazer, completamente prostrado em sua situação de desânimo e autocomiseração. Ao ver seu pai chorar, Erico parecia compreender o que é ser homem, aquele que não tem vergonha de expor ao mundo seus sentimentos, de se deixar decair pela dor. Esse fato marcou a vida do jovem, pois nunca vira seu pai chorar e sabia que isso não fazia parte da identidade masculina estabelecida para a época e para os homens da família Verissimo.

Nessa mesma época, outro episódio significativo na vida de Erico ocorreu quando bateu à porta da casa de Sebastião uma menininha que, a mando da mãe, levava trabalho para D. Bega. Entretanto, ao ouvir Sebastião gritar que não havia ninguém em casa, a garota correu assustada e a chorar. Era Mafalda, que viria a ser a esposa e companheira de Erico pelo resto de sua vida.

Os dias se passaram e Sebastião finalmente recuperou-se. Agora sem a farmácia, aceitou trabalhar com um amigo como guarda-livros. D. Bega continuava trabalhando e Erico decidiu não retornar ao colégio; queria ajudar a família, então arrumou emprego com o tio em seu armazém. A tristeza tomou conta do rapaz, que

via todos os seus planos ruírem. Não seria em um armazém, entre goiabadas e farinha, que se tornaria um artista. Ali não lhe adiantava ser leitor de Zola, Machado, seus conhecimentos de francês e inglês.

Ao desistir dos estudos para trabalhar e ajudar sua mãe, Erico exprimia sua visão de filho, aquele que deve cuidar e proteger, deixando de forma drástica de ser o jovem sonhador.

### 2.3 PRIMEIROS ESBOÇOS: SURGIMENTO DO ESCRITOR

Foi durante o trabalho no armazém e nesse lugar que escreveu seu primeiro texto, influenciado por Euclides da Cunha e outros autores. Era muito parecido com o pai, tinha vergonha do trabalho simples e sem glamour intelectual, mas nada fazia para mudar essa situação. Trabalhava dia após dia, sentindo pena de si mesmo: “E lá me ia eu, humilhado, pelas ruas, evitando olhar para os lados, temendo encontrar um conhecido. Não queria que me

vissem – suprema vergonha! – carregado de pacotes e envelopes.

Eu, um Verissimo!”<sup>108</sup>

Seu desânimo era percebido em vários aspectos. D. Bega também percebeu a tristeza do filho e lhe arrumou um emprego no banco, mas os números perseguiram o rapaz. O salário também era pouco e ele tinha vergonha de ver sua mãe trabalhando ainda para sustentá-lo.

A vida de Erico seguia e a Semana de Arte de Moderna<sup>109</sup> marcava presença. O jovem concordava com seus representantes quanto à necessidade de uma literatura genuinamente nacional.

Além da questão da literatura nacional, outro aspecto da vida do autor, esse mais íntimo, tirava-lhe a tranquilidade: era virgem.<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.158.

<sup>109</sup> A **Semana de Arte Moderna**, também chamada de **Semana de 22**, ocorreu em São Paulo no ano de 1922, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro, no Teatro Municipal. Cada dia da semana foi dedicado a um tema: respectivamente, pintura e escultura; poesia e literatura; e música. O presidente do Estado de São Paulo da época, Dr. Washington Luís, apoiou o movimento, especialmente por meio de René Thiollier, que solicitou patrocínio para trazer os artistas do Rio de Janeiro Plínio Salgado e Menotti Del Pichia, membros de seu partido, o Partido Republicano Paulista.

A Semana de Arte Moderna representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo, inserida no contexto da República Velha, controlada pelas oligarquias cafeeiras e pela política do café-com-leite. O capitalismo crescia no Brasil, consolidando a República e a elite paulista.

<sup>110</sup> A masculinidade estava muito relacionada à questão da virilidade. Para ser homem era necessário ter a vida sexual ativa. Essa iniciação, que geralmente era acompanhada e proporcionada pelo pai, faltou ao jovem, que se viu obrigado a resolver o problema sozinho.

A timidez o impedia de iniciar sua vida sexual. Resolvido a encerrar a questão, encontrou uma prostituta, Déa, a quem finalmente se entregou. Ato burocrático e sem prazer, foi somente a certeza de ser tornar um homem completo.<sup>111</sup>

Terminado o ato, levantei-me... Encaminhei-me para casa dominado por dois sentimentos. Um de alívio e satisfação: agora eu era um homem completo... O outro era de frustração. Afinal de contas, desde os onze anos eu tivera... mulherinhas de papel que me haviam proporcionado muito, mas muito mais prazer do que a moça de Bagé<sup>112, 113</sup>.

O ano de 1923 foi marcado pela revolução no Rio Grande do Sul<sup>114</sup>. O fato era que a eleição de Antônio Augusto Borges de Medeiros, que chegava ao seu quinto mandato, havia desencadeado protestos pelo estado e Erico assistia a tudo com

---

<sup>111</sup> Era comum para a época os jovens terem sua vida sexual iniciada com o auxílio dos pais com uma prostituta. A necessidade da certeza do pai era de que seu filho era macho e viril e não negaria fogo de forma nenhuma.

<sup>112</sup> Bagé era a cidade natal da prostituta Déa, que iniciou a vida sexual de Erico Verissimo.

<sup>113</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.162.

<sup>114</sup> A **Revolução de 1923** foi o movimento armado ocorrido durante onze meses daquele ano no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em que lutaram, de um lado, os partidários de Borges de Medeiros (borgistas ou ximangos) e, de outro, os aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil (assisistas ou maragatos). ARMITAGE, João. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943. ALENCAR, Francisco et. al. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

sua opinião formada. Para ele era uma Minirrevolução Francesa, a luta do oprimido contra o opressor. Foi necessária a intervenção do presidente Arthur Bernardes para pôr fim ao conflito, instituindo o voto secreto e acabando com a possibilidade de um presidente de estado suceder a si mesmo no cargo.

No ano de 1924 a família mudou-se para Porto Alegre para que Enio pudesse estudar. Erico transferiu-se no banco, mas D. Bega teve problemas para arrumar trabalho. As dificuldades financeiras aumentaram e para que o irmão estudasse foi necessário trabalhar na contabilidade do colégio. A moradia da família era um pequeno quarto numa casa de cômodos. Nessa época, Erico foi trabalhar em uma companhia de seguros e de novo se viu fazendo o mesmo trabalho realizado no armazém do tio. Observava o quanto o irmão trabalhava, estudava e mostrava o caráter de bom rapaz e homem valoroso.

No ano seguinte voltaram todos para Cruz Alta, com exceção de Enio. Erico voltou a trabalhar no banco, obteve promoção, mas manteve o salário.

Luis Carlos Prestes atravessava o país com a Coluna Prestes<sup>115</sup>, e Erico vivenciava as alterações provocadas por esse episódio em Cruz Alta. Trincheiras eram erguidas nas ruas. Todos esperavam um ataque de Prestes, que não aconteceu.

Erico completou 21 anos em 1926, mesmo ano em que o jovem arrumou uma namorada quase cinco anos mais velha, o que preocupou a mãe. Primeiro pela idade do filho, que, segundo ela, era muito novo para o matrimônio; e segundo por não ter como sustentar uma família. O caso terminou rápido; ela era professora e foi transferida de cidade.

---

<sup>115</sup> A **Coluna Miguel Costa-Prestes**, popularmente conhecida somente por **Coluna Prestes**, foi um movimento político-militar brasileiro ocorrido entre 1925 e 1927 e ligado ao tenentismo, corrente que possuía um programa bastante difuso, mas algumas linhas gerais podem ser delineadas: insatisfação com a República Velha, exigência do voto secreto, defesa do ensino público e a obrigatoriedade do ensino primário para toda a população. O movimento contou com lideranças das mais diversas correntes políticas, mas a maior parte do movimento era composta por capitães e tenentes da classe média, donde originou-se o ideal de "Soldado Cidadão". O movimento deslocou-se pelo interior do país pregando reformas políticas e sociais e combatendo o governo do então presidente Artur Bernardes e, posteriormente, de Washington Luís. Em sua marcha pelo Brasil, os integrantes da Coluna Prestes denunciavam a miséria da população e a exploração das camadas mais pobres pelos líderes políticos. BUENO, Eduardo (Org.). **História do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 1997. CARNEIRO, Glauco. **História das Revoluções Brasileiras**. 2 vols. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1965. CALMON, Pedro. **História Social do Brasil**. 2 vols. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

O ano de 1926 marcou a chegada da Era do Rádio a Cruz Alta e a morte de Rodolfo Valentino<sup>116</sup>. Nesse cenário Erico se tornou homem. Mas, o que era o homem cruz-altense?

Psicologicamente o homem dessa região do Rio Grande do Sul se parece muito com o mineiro na sua ausência de fanfarronice e teatralidade. Mas, diferente do mineiro, é expansivo, sem desconfianças, embora de menor densidade psicológica.<sup>117</sup>

Erico começou a despertar para as dificuldades da vida adulta. O sonho de escrever e as necessidades e obrigações de homem marcaram a vida do jovem.

---

<sup>116</sup> Rodolfo Valentino (6 de maio de 1895 - 23 de agosto de 1926) foi um ator italiano radicado nos Estados Unidos da América. Foi uma estrela popular do cinema mudo norte-americano e o primeiro símbolo sexual do cinema, protótipo do "amante latino" fabricado por Hollywood. Em 1913 imigrou da Itália para os Estados Unidos, tendo trabalhado como jardineiro e lavador de pratos. Em 1918 fez pequenos papéis em Hollywood. Sua fotogenia e habilidade como dançarino lhe garantiram um lugar no elenco de *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, em 1921, que o transformou em astro. Morreu em consequência de uma úlcera, aos 31 anos de idade. Cf.: WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Rodolfo Valentino**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodolfo\\_Valentino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodolfo_Valentino)>. Acesso em: 15/09/2009. CAWTHORNE, Nigel. **A vida sexual dos ídolos de Hollywood**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.72.

<sup>117</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.182.

## 2.4 NOVA FASE: SEGUINDO OS PASSOS DO PAI

Também no ano de 1926 Lotário Muller, um amigo da família, ou “agregado sentimental”, termo carinhoso de Erico para tratar os amigos dos Verissimo, convidou o jovem para serem sócios em uma nova farmácia, pois, segundo dizia, jamais teria sucesso no banco. As economias de D. Bega e de Lotário supririam o valor da entrada para montar a nova farmácia, e o dinheiro ganho com o trabalho pagaria o resto da dívida.

O motivo que o levou a aceitar o convite foi o desejo de livrar D. Bega do trabalho de costureira. Sem entender nada de farmácia, confiou no amigo, que, embora não fosse médico de formação, tinha vocação para cuidar dos outros. Enquanto não pagassem toda a dívida da compra, Erico trabalharia como professor de inglês e literatura para prover seu sustento.

Uma nova fase começava em sua vida. Agora era dono de seu negócio, que, a princípio, parecia prosperar, pois todos queriam ser seus fregueses. Entretanto, ao cabo de um ano, eles acumulavam muitas vendas a crédito e nenhum dinheiro em caixa. Para piorar a situação, seu coração batia em outro ritmo; era na

literatura, na roda de amigos, numa certa boêmia que encontrava seu “eu”.

Nisso Erico lembrava muito o pai, achava o trabalho menor e preferia passar seu tempo no café a conversar com os amigos sobre futebol e, principalmente, literatura, que era sua grande paixão. Porém, o desfecho do casamento de seus pais e as dificuldades financeiras pareciam manter o jovem preso ao trabalho e longe dos riscos que seus sonhos poderiam lhe trazer. Erico precisou assumir o papel que deveria ter sido de seu pai – “ser o provedor”, permitindo à mãe cuidar dos filhos.

Eu considerava o comércio uma atividade prosaica e vagamente imoral... meu coração recusava a permanecer na botica. Sempre que me vinham venetas de me livrar daquele ambiente, eu fugia para o café mais próximo para conversar com amigos.<sup>118</sup>

Suas palavras mostram o quanto ele era ligado ao pai. Apesar das críticas a Sebastião, seu comportamento não só desculpava como validava suas ações. Nenhum dos empregos que

---

<sup>118</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.190.

Erico arrumou quando jovem o agradaram. O rapaz acreditava que a grandeza do homem estava no intelecto e nas letras. Como o pai, era mulherengo e não via mal em sua conduta.

Junto com a atividade na farmácia continuou dando aulas de inglês e português para prover seu sustento. Ainda não tinha condições de tirar a mãe da velha máquina de costura.

Os acontecimentos sucediam-se e em 1928 o contato com o pai era pequeno, mas esteve presente quando Sebastião foi trabalhar na Intendência, para substituir o intendente Pedro Paulo Scheunemann em uma viagem para falar com o Dr. Borges de Medeiros, chefe do Partido Republicano Rio-Grandense. O sonho de seu pai durou pouco e logo recebeu um telegrama do intendente que acabava de renunciar. Ficou frustrado, talvez mais por perder seu cargo e poder do que por verdadeiras convicções políticas.

A farmácia continuava a funcionar e nela passavam alguns dos tipos mais interessantes de Cruz Alta. Para Erico, bom material para os futuros romances, pois, como ele mesmo afirmava:

O futuro ficcionista aprendia que raramente os homens decentes, pacatos e cumpridores de seus deveres dão um bom conto ou um bom romance. O

cafajeste, o tampinha, esses são, via de regra, sujeitos pitorescos e de convívio social muito divertido... (Devo concluir hoje que a virtude é mau assunto para a ficção?).<sup>119</sup>

Nesse espaço passavam prostitutas, para tratar de seus problemas íntimos, assim como senhores de família, que buscavam a discrição do tratamento. Já no final da tarde a Farmácia Central era palco da reunião de chimarrão de amigos, com os mesmos temas que Erico ainda menino via serem discutidos na farmácia de seu pai.

Pedidos de remédio fiado eram constantes e deixavam um rombo no caixa da farmácia. Na maioria das vezes eram feitos com sorrisos e demonstrações de afeto que garantiam o crédito, mas também podiam ser realizados de forma agressiva. Uma dessas situações marcou a memória do escritor, quando um freguês quis comprar um frasco de xarope para pagar depois. Impedido por Erico, sacou a arma e ameaçou atirar.

Não leva! O homem enfureceu-se. Deu um passo à retaguarda, tirou do coldre um revólver e apontou-o

---

<sup>119</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.202.

para o meu peito... numa cidade gaucha como Cruz Alta vigorava um código não escrito, mas implacável como o da máfia, e segundo o qual um homem de verdade não deve jamais pagar vale.<sup>120</sup>

O trabalho da farmácia não o contentava. Seus sonhos de escritor estavam em segundo plano, pois o trabalho e as obrigações de chefe de família tomavam seu tempo. Mesmo com as dificuldades, Erico, de forma tímida, escrevia alguns textos, que foram publicados.

## 2.5 PRIMEIRAS LETRAS: SONHO E REALIDADE

Corriam os anos de 1928 e 1929 e Erico começava a publicar alguns contos na imprensa com a ajuda de amigos, como Manoelito de Ornelas<sup>121</sup> e Prado Júnior<sup>122</sup>. A vida como escritor começava tímida, mas o namoro com Mafalda Volpen, que se iniciara em 1927, ela com 15 anos e ele com 23, caminhava bem.

---

<sup>120</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.206.

<sup>121</sup> **Manuelito de Ornelas**, jornalista e escritor brasileiro. Foi redator do *Jornal da Manhã* e, depois, redator-chefe de *A Federação*. Em 1938 foi nomeado diretor da Biblioteca Pública do Estado e eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI).

<sup>122</sup> Jornalista de Cruz Alta que foi responsável pela única publicação do Estado Novo na cidade, *A Folha de Serras*.

No começo do romance, trocavam olhares entre o balcão da farmácia, enquanto ele escrevia seus contos, e a janela da casa de Mafalda, que fingia não percebê-lo.

Desejava casar e ter filhos, constituir uma família numerosa, como era o padrão da época, morar em uma casa que pudesse ter uma ameixeira-do-japão no pátio, mas não tinha boa reputação, pois ganhara a fama de namorador entre as famílias da cidade. Contudo, o relacionamento evoluiu para passeios públicos, e, em certa noite, encontrava-se na casa da namorada, na data de seu aniversário, e todos o olhavam de forma indagativa, enquanto ele parecia não compreender o que se passava.

Em 1929, no dia do aniversário da bambina... À noite fui levar flores e um presente à namorada... Encontrei na sala de visitas dos Volpe, além dos membros da família, algumas vizinhas nas quais notei um vago ar bisbilhoteiro... Puxei todos os assuntos que me ocorriam... Alguém me perguntou como ia a farmácia. Fui franco: Mal. Muito mal.. Cerca das onze horas, levantei-me... Bom, disse eu, se me dão licença, vou retirar-me. Nesse momento percebi com o rabo dos olhos uma garrafa de champanha... e um bolo de aspecto suspeito. Compreendi então num relâmpago - estúpido - o que

se passava... Que melhor ocasião para pedir a mão de uma moça que o dia de seu aniversário?<sup>123</sup>

Erico não pediu a mão de Mafalda naquela noite, o fez quatro meses mais tarde. O casamento surgiu como um porto seguro e a chance de vivenciar uma experiência positiva em relação às relações afetivas, pois seu modelo familiar deixara marcas negativas no rapaz.

A Farmácia Central faliu, o que foi um alívio. Era o único proprietário, pois havia comprado a parte do amigo um ano antes. As dívidas ficaram com os credores e só foram sanadas 16 anos depois, ao vender os direitos cinematográficos de *Olhai os Lírios do Campo*<sup>124</sup>. Os devedores tiveram as dívidas perdoadas pelos anos.

Erico não tinha ainda a vida que sonhara para si. Pobre, desempregado, sem condições de sustentar a si próprio ou mesmo a família e futura esposa. Continuava D. Bega a trabalhar na sua velha Singer, para o sustento da família.

---

<sup>123</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.210.

<sup>124</sup> **Olhai os Lírios do Campo** é um romance escrito por Erico em 1938. Narra a história de Eugênio Fontes, que, com muito sacrifício, se formou em Medicina. Na faculdade, Eugênio se apaixonou por Olívia, mas se casou por interesse com Eunice, uma mulher rica. Com essa história ao fundo, o autor compõe um painel de tipos humanos sempre às voltas com o conflito segurança *versus* felicidade.

Cruz Alta nesse momento assistia aos primeiros passos da Revolução de 1930<sup>125</sup>, que derrubou o presidente Washington Luis e colocou no poder o gaúcho Getúlio Vargas. Assim como os personagens do Casarão de *O tempo e o Vento*, que muito presenciaram das janelas do Sobrado da ficção, também assistiu ao desenrolar dos acontecimentos das janelas do velho casarão da família Verissimo.

O ano de 1930 marcou também um momento importante de sua vida: a volta de seu pai a Cruz Alta. Todavia, já não era nem de longe o homem charmoso e altivo que conhecera na infância. Roupa gasta, aparência endurecida e envelhecida, fora convidado por um amigo para ajudar na Revolução em Santa Catarina e agora se encontrava na estação, onde se despedia do filho. Sentimentos e

---

<sup>125</sup> A **Revolução de 1930** foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o **Golpe de 1930**, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha. Em 1929, lideranças de São Paulo romperam a aliança com os mineiros, conhecida como *política do café-com-leite*, e indicaram o paulista Júlio Prestes como candidato à presidência da República. Em reação, o Presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, apoiou a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas. Em 1 de março de 1930 foram realizadas as eleições para presidente da República que deram a vitória ao candidato governista, que era o presidente do estado de São Paulo Júlio Prestes. Porém, Júlio Prestes não tomou posse, em virtude do golpe de estado desencadeado em 3 de outubro de 1930, e foi exilado. Getúlio Vargas assumiu a chefia do “*Governo Provisório*” em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha. KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil: de Deodoro a FHC**. Rio de Janeiro: Empório do Livro, 2002. JORGE, Fernando. **Getúlio Vargas e seu Tempo**. 2 vols. São Paulo: T. A. Queirós, 1986. VARGAS, Getúlio. **A campanha presidencial**. São Paulo: Ed. José Olympio, 1951.

emoções tomaram Erico; os anos marcaram o escritor e o fizeram tentar perdoar ou ao menos entender o pai pelos erros do passado: “Lembro-me de que naquela hora de despedida procurei não julgar meu pai, mas simplesmente amá-lo, tentar compreendê-lo, aceitá-lo como ele era, com todas as suas qualidades e defeitos.”<sup>126</sup>

Erico cresceu e não era mais o menino que sonhava com heróis e cavaleiros de capa e espada. Como adulto cometeu alguns dos erros de seu pai. Por mais que trabalhasse, não tivera condições de se casar com Mafalda tão rápido como gostaria, pois não podia sustentar uma família. Receava cometer os mesmos erros do pai com Mafalda.

A despedida de Erico e seu pai foi para sempre, pois nunca mais se veriam. Na estação, sem palavras, repassou a memória da sua relação com o pai: a carta escrita anos antes pedindo ao pai que se afastasse da família e devolvida com o único pedido de esquecê-la, como se nunca tivesse sido escrita; o pedido de Sebastião para que pagasse a conta do leiteiro; a corrida à velha casa de sua infância para buscar a linguiça que seria o único alimento de Sebastião na viagem. As cobranças do menino, o

---

<sup>126</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.216.

inconformismo do jovem e a maturidade do adulto marcaram o último encontro de Erico e Sebastião, em outubro de 1930.

O encontro do filho com pai pode ter provocado a verdadeira transição da infância para a vida adulta. Já não havia cobranças ou críticas, somente a sensação de vazio, de uma relação que não deu certo, relação essa que o escritor procurou não reproduzir no relacionamento que estabeleceu com os filhos, estando sempre perto e disponível. Desse encontro e das feridas deixadas tirou a coragem de lutar por seu sonho de escrever.

No mês de dezembro daquele ano Erico tomou uma decisão importante: deixar Cruz Alta e mudar-se para Porto Alegre, na busca do sonho de ser escritor. Dinheiro emprestado no bolso, a máquina de escrever do futuro sogro a tiracolo, sapato furado nos pés, uma muda de roupa na velha mala e outra no corpo. Tudo pronto! Hora de pegar o trem que o levaria para uma nova vida.

Já em Porto Alegre, seguiu a tradição paterna: ostentação e pouca preocupação com as finanças. Mesmo com pouco dinheiro no bolso, o jovem aspirante a escritor se recusou a hospedar-se em uma pensão e escolheu o melhor hotel da cidade, o Hotel

Majestic<sup>127</sup>. Como ele mesmo diria, tinha de residir de acordo com a profissão que buscava.

De alguma maneira, a vida de escritor trazia as lembranças dos momentos de infância, que o faziam sentir-se próximo ao pai. A ideia de arrumar emprego no setor público o assustava, mas sua vida começou a mudar quando fez contato com o escritor e diretor da Revista *O Globo*<sup>128</sup> Mansueto Bernardi, que iria publicar um de

---

<sup>127</sup> O Hotel Majestic hoje abriga a Casa de Cultura Mário Quintana. Prédio histórico brasileiro e um centro cultural da cidade de Porto Alegre, um dos maiores e mais bem aparelhados do Brasil. O prédio pertence ao Estado do Rio Grande do Sul. O Hotel foi lar de um dos maiores poetas brasileiros, Mário Quintana, que, nascido na cidade gaúcha de Alegrete, adotou Porto Alegre como sua cidade de coração. O escritor viveu no hotel entre 1968 e 1982, no apartamento 217. Constituído por dois blocos imponentes, teve seu auge nos anos 30, 40 e 50. Nessa época, teve grandes nomes entre seus clientes: políticos como Jango e Getúlio Vargas, e artistas como Vicente Celestino, Virginia Lane e Francisco Alves. O prédio, projeto do arquiteto alemão Theodor Wiederspahn, foi tombado em 1990, sendo então adaptado para tornar-se o grande centro cultural que é hoje, com locais muito agradáveis para confraternização. Foi o primeiro grande edifício de Porto Alegre em que se utilizou concreto armado, e foi concebido para ocupar os dois lados da Travessa Araújo Ribeiro; interligam a construção grandes passarelas embasadas por arcadas e contendo terraços, sacadas e colunas. O projeto do hotel foi considerado muito ousado para a cidade, pois a ideia das passarelas suspensas sobre a via pública era inédita na época. Em 1916 tiveram início as obras e em 1918 foi concluída a primeira parte do edifício, que atualmente abriga o acervo e o memorial. Em 1926 foi projetada a parte leste. Ao final da obra, em 1933, o Majestic possuía sete pavimentos na ala leste e cinco na parte oeste. BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. Vol.1 - História da Imprensa Brasileira. 4ªed. São Paulo: Ática, 1990. BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio** - Imprensa, Poder e Público (1880-1920). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000. CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/EdUSP, 1988. IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. "Estabelecimento da Tipografia e origens do Jornalismo no Brasil". **Revista Brasileira de Comunicação**. Brasília: mar.-jun. 1968. MELLO E SOUZA, Cláudio. **Impressões do Brasil**. São Paulo: Grupo Machline, 1986. MELO, José Marques de (Org.). **Imprensa Brasileira** - Personagens que fizeram história. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

<sup>128</sup> Periódico ilustrado brasileiro editado quinzenalmente pela Livraria do Globo em Porto Alegre entre 1929 e 1967. Sua criação aconteceu após sugestão de Getúlio

seus contos com suas próprias ilustrações. Dessa relação surgiu o primeiro emprego em Porto Alegre, na redação da Revista d'O *Globo*, traduzindo contos e artigos internacionais que enchiam as páginas da revista.

Foi nesse período que começou a frequentar as rodas de intelectuais da época, com personalidades como Augusto Meyer. Porém, as marcas da infância ao lado do pai ainda acompanhavam o jovem; sempre que convidado a beber com os novos amigos, recusava, alegando problemas hepáticos, mas, na verdade, ele não suportava a imagem que o álcool trazia de seu pai e a lembrança de como influenciara na separação do casal.

Erico não deixou claro o papel do álcool na crise da família nem relatou as cenas de violência doméstica presenciadas na infância. No entanto, a aversão à bebida demonstrada ao longo dos

---

Vargas, então Presidente do Estado, servindo ao longo da primeira década de existência como um de seus porta-vozes e como importante divulgador de cultura no Rio Grande do Sul e também no Brasil. A revista trazia matérias sobre variedades locais, nacionais e internacionais. O periódico teve a supervisão de Mansueto Bernardi e, depois, de Erico Verissimo, até 1939. CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/EdUSP, 1988. IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. "Estabelecimento da Tipografia e origens do Jornalismo no Brasil". **Revista Brasileira de Comunicação**. Brasília: mar.-jun. 1968. MELLO E SOUZA, Cláudio. **Impressões do Brasil**. São Paulo: Grupo Machline, 1986. MELO, José Marques de (Org.). **Imprensa Brasileira - Personagens que fizeram história**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

anos revela o papel negativo que o álcool desempenhou no lar dos Veríssimo.

Augusto Meyer o estimulou a continuar escrevendo. Por algumas vezes, o mandou retornar à sua velha botica, mas sempre encorajando o escritor a desenvolver o seu potencial. Outra figura da roda de amigos era Theodemiro Tostes, poeta, cronista e colunista do Diário de Notícias. Além deles, havia também João Santana, que, segundo relatos, há anos escrevia um ensaio sobre Aristóteles. Paulo Correia Lopes, poeta, era o amigo ausente que pouco frequentava o grupo. Completavam a roda Reynaldo Moura, Paulo de Gouvêa e Guerreiro Chaves. Esses foram alguns dos primeiros amigos de Erico em Porto Alegre; algumas amizades se solidificaram, outras ficaram esquecidas no tempo.

Começava o ano de 1931 e Erico agora também trabalhava no Diário de Notícias<sup>129</sup> e no Correio do Povo<sup>130</sup>. Suas condições

---

<sup>129</sup> O **Diário de Notícias** foi fundado em 1º de março de 1925, sob a direção de Francisco de Leonardo Truda, Raul Pilla, Adroaldo Mesquita da Costa, João Pedro Moura e outros. Foi comprado em 1930 por Assis Chateaubriand, quando passou a fazer parte da construção do império dos Diários Associados. Foi um dos mais importantes jornais do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre trabalhava acompanhado da TV Piratini (pioneira no estado), Rádio Farroupilha e Revista Campo. A trajetória do *Diário de Notícias* está diretamente relacionada com a história política do estado e do país. Durante sua existência, competiu diretamente com o *Correio do Povo* (tido como mais conservador) pelo mercado de jornais no estado, tendo superado sua tiragem em algumas ocasiões. Tinha formato *standard* e já no primeiro número apresentou uma diagramação mais dinâmica do que a dos concorrentes. Com

financeiras, no entanto, levaram-no a se mudar para uma pensão, a fim de economizar. Foi lá que, doente, conheceu Marcos Iolovitch e iniciou a longa amizade.

Tornou a aparecer mais tarde com seu pijama... declarando que ia passar a noite à minha cabeceira para cuidar de mim. Jamais esqueci esse gesto, feito sem alarde, e que revelou a qualidade desse homem que tem sido igual durante os quarenta anos em que temos sido amigos...<sup>131</sup>

---

sua relativa agilidade, produziu muitos furos de reportagem. Reconhecido como contrário à ditadura de Getúlio Vargas. BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. Vol. 1 - História da Imprensa Brasileira. 4ªed. São Paulo: Ática, 1990. BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio** – Imprensa, Poder e Público (1880-1920). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000. CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/ EdUSP, 1988. IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. "Estabelecimento da Tipografia e origens do Jornalismo no Brasil". **Revista Brasileira de Comunicação**. Brasília: mar.-jun. 1968. MELLO E SOUZA, Cláudio. **Impressões do Brasil**. São Paulo: Grupo Machline, 1986. MELO, José Marques de (Org.). **Imprensa Brasileira** - Personagens que fizeram história. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

<sup>130</sup> O **Correio do Povo** é um jornal impresso brasileiro em formato tabloide pertencente à Central Record de Comunicação, com circulação no estado do Rio Grande do Sul, fundado em 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior. Foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação em 1986. Foi o primeiro a contar com quadro próprio, e não, como ocorria em outros jornais da época, com colaboradores que tinham outra fonte de renda. Também deu ênfase aos aspectos tecnológicos: por exemplo, teve quatro impressoras num período de quinze anos, também teve a primeira impressora rotativa do Rio Grande do Sul, em 1910, quando atingiu uma circulação de 10 mil exemplares. BAHIA, op. cit., 1990. BARBOSA, op. cit., 2000. CAPELATO, op. cit., 1988. IPANEMA, IPANEMA, op. cit., mar.-jun. 1968. MELLO E SOUZA, op. cit., 1986. MELO, op. cit., 2005.

<sup>131</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.230.

Naquele mesmo ano, voltou a Cruz Alta para seu casamento com Mafalda, que tinha agora 18 anos. Um caso curioso aconteceu na cerimônia. O avô materno de Erico explicou, enquanto assinava o registro, uma tese sobre o matrimônio, conforme relato do escritor: “Ouvi a voz pachorrenta de meu avô... No fim das contas o casamento é uma espécie de putaria social. Romperam-se risos ao nosso redor.”<sup>132</sup>

Sem mais contratempos, o casamento aconteceu e Erico levou a esposa para Porto Alegre. Instalaram-se no Hotel Majestic, o que encantou Mafalda. Atuava como tradutor para complementar o salário, o que não lhe dava prazer, pois seu primeiro trabalho consistia na translação de uma novela policial que não o agradava. Para agravar a situação, teve problemas de saúde, o que o levou a pedir licença no final do ano para que, segundo ele, pudesse morrer em Cruz Alta. O tratamento de Dr. Catarino, em sua cidade natal, devolveu-lhe ao trabalho completamente renovado no início do ano seguinte.

---

<sup>132</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.231.

No começo de 1931 conheceu Henrique Bertaso<sup>133</sup>, filho do chefe, de quem manteve certa distância, justamente por sua filiação. Porém, por conta do trabalho, se tornaram amigos. Esse rapaz foi parceiro de trabalho de Erico por muitos anos e teve importância no desenvolvimento de seu trabalho como escritor.

---

<sup>133</sup> Henrique Bertaso se tornou título de um livro de Erico, "Um certo Henrique Bertaso", no qual o escritor narra de forma resumida sua trajetória como autor por intermédio da amizade de Henrique, que, segundo Erico, foi uma pessoa extremamente importante em sua carreira.



**CAPÍTULO III - “MAGICAMENTE, ENTRAVA NA  
DIMENSÃO DO ROMANCE”<sup>134</sup>**

---

<sup>134</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.16.

Este terceiro capítulo analisa a maturidade do homem e do escritor, assim como a produção de *O tempo e o Vento*. Verifica-se o papel do casamento, dos filhos, da mãe e do pai dentro do contexto da maturidade literária, a influência dessas personalidades em suas obras, o gosto por viagens e as reflexões que o homem fez de sua vida.

Discute-se como a inquietação literária dialoga com a infância e suas referências de memória para a construção do romance *O Tempo e o Vento*. Trabalha-se com a imagem do menino que conquistou o mundo e conheceu mais que Cruz Alta, mas que, ao mesmo tempo, volta-se em sua obra para as memórias da criança para construir sua Santa Fé.

### 3.1 PRIMEIRA PÁGINA: UMA TRAJETÓRIA

Em 1932, com a ajuda de Bertaso, Erico publicou seu primeiro livro, intitulado *Fantoches*<sup>135</sup>, parte de uma coleção de contos escritos na forma de pequenas peças de teatro.

---

<sup>135</sup> Erico Verissimo estreou na literatura em 1932 com o volume de contos *Fantoches*. Décadas depois, fez apontamentos manuscritos e ilustrações para a edição comemorativa do quadragésimo aniversário de sua publicação. O texto foi relançado

Pensei então em fazer a publicação por minha própria conta, e um dia perguntei ao jovem Bertaso quanto me poderia custar a produção da obra. Ele ficou pensativo por um instante, murmurou: “Podemos editar seu livro por conta da casa. Onde estão os originais?” Esse dialogo... teve uma grande significação em minha carreira.<sup>136</sup>

Esse primeiro livro não foi sucesso de vendas, mas, segundo Erico, representou o começo da sua vida de escritor. Dos 1500 exemplares, foram vendidos cerca de 500, e o restante foi queimado no incêndio que atingiu a Editora, que, por conta da tragédia, teve o seguro da obra pago, de forma que Erico recebeu sua porcentagem sobre esses livros. Isso permitiu mais tarde a produção de uma segunda obra. Paralelamente à carreira de escritor que se iniciava, continuava trabalhando n’*O Globo* traduzindo textos, criando histórias e personagens que deveriam encher as lacunas do impresso.

Nesse tempo, recebeu do pai uma carta com fotografia na qual anunciava que morava em São Paulo e trabalhava como chefe

---

em 2007 como parte da Coleção Erico Verissimo, pela Companhia da Letras, composta de 37 obras.

<sup>136</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.234.

em uma seção do Departamento do Trabalho. Conforme dizia, era feliz e estava completando cinquenta anos de vida. Foi a última notícia que teve dele. Quando estourou a Revolução Constitucionalista de 32<sup>137</sup>, seu pai foi destituído do cargo, pois se mantinha fiel ao velho governo, e Erico não teve mais notícias.

Em 1933 publicou *Clarissa*<sup>138</sup>, em que conta a história de uma menina de 13 anos que descobre a vida. Ainda assim, era obrigado a deixar em segundo plano os sonhos de romancista. Os trabalhos na Editora O Globo, traduzindo textos para publicação, tomavam a maior parte do seu tempo, e só sobravam poucas horas dos seus dias para sua paixão: “Quando hoje penso nos meus

---

<sup>137</sup> Revolução Constitucionalista de 1932 foi o movimento armado ocorrido no Estado de São Paulo entre os meses de julho e outubro de 1932. Tinha por objetivo a derrubada do *Governo Provisório* de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova constituição para o Brasil. Foi uma resposta paulista à Revolução de 1930, a qual acabou com a autonomia de que os estados gozavam durante a vigência da Constituição de 1891. CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: o Estado policial na Era Vargas**. 2ªed. Brasília: Editora da UNB, 1994. CANUTTI, Wanda A. **Getúlio Vargas em Dois Mundos**. 6ªed. Capivari - SP: Opinião, 1999. CARDIM, Carlos Henrique. **Revolução de 1930 - Textos e Documentos**. 2 vols. Brasília: Editora da UNB, 1982. CHAGAS, Carmo. **Política - Arte de Minas**. São Paulo: Carthago & Forte, 1994. CARNEIRO, Glauco. **História das Revoluções Brasileiras**. 2 vols. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1965.

<sup>138</sup> Clarissa vem de uma cidadezinha do interior para estudar na capital, Porto Alegre, onde mora na pensão de tia Eufrasina. Com os olhos voltados para o futuro, Clarissa é o contraponto de Amaro, outro morador da pensão, músico malsucedido preso a sonhos passados que o presente recusa-se a concretizar. Através do olhar de uma adolescente alegre e otimista, Erico Verissimo revela não só a realidade de uma pensão pequeno-burguesa, mas também a situação do Brasil e do mundo na década de 30, com todo o seu deslumbramento e iniquidade.

primeiros romances, custa-me crer que eu os tenha escrito dentro das aparas de tempo que me sobravam de outras funções...”<sup>139</sup>

Esse romance e os quatro que se seguiram foram escritos em tardes de sábado, para que Erico pudesse cumprir seus deveres profissionais. Desse começo o escritor considera que *Clarissa* não era uma obra satisfatória.

Por mais ternura que me inspirasse a figura de Clarissa, relendo a sua história, eu não a achava satisfatória como literatura. A vida não era apenas uma sucessão de cromo, de momentos de serena poesia doméstica. Tinha também o seu lado sombrio e sórdido ao qual o romancista não devia fechar os olhos ou virar as costas.<sup>140</sup>

Enquanto conciliava a confecção de seus romances e o trabalho na Editora O Globo, que não o agradava, teve a oportunidade de se aprimorar como escritor ao ler e traduzir obras importantes da literatura internacional para a Editora. Junto aos poemas e aos contos, amadureceu sua obra, conheceu estilos,

---

<sup>139</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.236.

<sup>140</sup> Ibidem. p.236.

refletiu e se deixou inspirar por nomes como Aldous Huxley<sup>141</sup>, André Gide<sup>142</sup>, entre outros.

Depois de *Clarissa*, em 1934, saiu *Caminhos Cruzados*<sup>143</sup>, que foi publicado em 1935, sendo alvo de certa polêmica. Para Erico, era uma obra de protesto social que fora considerada, pelos conservadores, imoral, subversiva.

[...] imagino, porque não só ousava mostrar o medonho contraste entre os muito ricos e os muito pobres, como também expunha as mazelas morais de certas camadas de nossa burguesia, naquele tempo...<sup>144</sup>

Como resultado desse impasse:

---

<sup>141</sup> Escritor inglês e autor de *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932.

<sup>142</sup> Escritor francês que teve várias de suas obras traduzidas para o português, entre elas *A escola das mulheres* (*L'école des femmes*), publicada pela Editora O Globo de Porto Alegre em 1944.

<sup>143</sup> Obra influenciada pela técnica de intrigas entrelaçadas e pela ausência de personagem principal da ficção de Aldous Huxley. Trata-se de um romance urbano, ambientado em Porto Alegre, que conta uma história coletiva, fazendo uma abordagem crítica da sociedade brasileira, mostrando o enorme contraste entre a riqueza e a pobreza e expondo fielmente os problemas em certas camadas sociais. Na época de sua publicação, o livro chocou os leitores conservadores e a crítica, que viram na obra imoralidade e subversão. Visto como uma obra comunista, recebeu elogios dos seguidores dessa ideologia e "manchou" a imagem de Verissimo frente ao governo varguista, ainda mais que nesse ano irrompera a Intentona Comunista.

<sup>144</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.238.

O romance contou desde logo com a má vontade do clero católico, e foi tão violentamente denunciado por certos críticos do centro e da direita, que a celeuma acabou chamando sobre a minha pessoa a atenção da Delegacia Especial de Segurança Política e Social do meu estado, onde fui fichado como comunista.<sup>145</sup>

Depois de uma rápida visita ao Gabinete de Polícia, Erico foi deixado em paz. Porém, os ataques à sua obra continuaram, o que incomodava Mafalda, que, como boa católica, se ressentia das alfinetadas na igreja. O fato é que *Caminhos Cruzados* recebeu o prêmio anual de romance conferido pela Fundação Graça Aranha.

Na vida familiar, os problemas financeiros continuavam. Deixara o Majestic e fora morar no Alto do Bronze, passando depois para a rua Riachuelo. Nessa época, mandou buscar D. Bega e Maria para morarem com eles. Sua mãe trouxe o manequim, a máquina e a tesoura, pois pretendia continuar trabalhando, acreditava que o filho não poderia sustentá-los sozinho.

O ano de 1935 marcou também a chegada da primeira filha, que recebeu o nome do livro *Clarissa*. Esse acontecimento trouxe

---

<sup>145</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.238.

felicidade para a casa – o casal sofreu com a ausência de herdeiros nos três anos iniciais do casamento.

Mafalda ainda estava no hospital quando Erico recebeu a notícia de que seu pai sofrera um derrame e estava mal e sem recursos. Sem dinheiro, já que gastara tudo com o nascimento da filha, conseguiu um adiantamento de futuros direitos autorais e foi a São Paulo para socorrer o pai. A viagem foi marcada pelo medo de que algo acontecesse sem que ele estivesse presente.

Mas eu precisava socorrer o velho com a maior urgência. Além dos motivos de ordem sentimental, eu levava em consideração a idéia de que qualquer hesitação da minha parte poderia mais tarde parecer a mim mesmo um ato inconsciente de punição ao meu pai... [...]

No dia seguinte, porém, chegou-me a notícia do falecimento do velho Sebastião. Morrera sem saber que tinha uma neta. Morrera sozinho e na miséria. Isso me doeu, dando-me um sentimento de culpa que eu repelia com o intelecto, mas sentia intensamente com o corpo inteiro.<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.240.

O pai sempre fora alguém difícil de entender, ou aceitar. Sebastião levava a vida como gostava, não deixava seus sonhos de lado com as dificuldades da rotina diária. Sua partida deixou um vazio para o filho, e também uma dúvida: teria feito pelo pai em vida tudo o que poderia? O consolo veio no rosto da filha, que tinha traços do avô.

No ano de 1935, Erico publicou *Música ao Longe*<sup>147</sup>, obra em que novamente aparece *Clarissa*, em “Jacarecanga, que de certo modo, é uma estilização caricatural de Cruz Alta”.<sup>148</sup>

*Música ao Longe* foi resultado de um conselho de Dyonélio Machado<sup>149</sup>, que insistia com Erico para que escrevesse um livro para o Prêmio de Romance Machado de Assis, no qual concorreria

---

<sup>147</sup> Escrito para concorrer ao Prêmio Machado de Assis, o romance traz de volta a personagem Clarissa, do romance de mesmo título, publicado dois anos antes. A narrativa centra-se na história da tradicional família Albuquerque, que na década de 30, atolada em dívidas, luta para não perder o último casarão familiar. Toda a cena é descrita por meio do olhar da professora Clarissa.

<sup>148</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.241.

<sup>149</sup> **Dyonélio Tubino Machado** (Quaraí, 21 de agosto de 1895 - Porto Alegre, 1985) foi escritor (romancista, contista, ensaísta, poeta), jornalista, médico e militante comunista brasileiro. Foi um dos principais expoentes da segunda geração do Modernismo no Brasil. Em 1911, fundou o jornal *O Martelo*, nome sugestivo que já demonstrava o seu interesse pelo comunismo. De 1924 a 1929, dedicou-se ao estudo da Medicina, em Porto Alegre. Fez especialização em psiquiatria no Rio de Janeiro, junto com Antônio Austregésilo. Foi um dos principais responsáveis pela divulgação da psicanálise no Rio Grande do Sul. A medicina foi sua atividade mais constante ao longo da vida. Entre suas produções de destaque encontra-se *Os Ratos*, de 1935. A militância política tornou-se uma extensão de suas atividades como médico e escritor; foi um Membro dedicado do Partido Comunista Brasileiro.

com *Os Ratos*. Mesmo duvidando da possibilidade de ser premiado, o romance foi escrito em poucas semanas e foi um dos finalistas, ao lado da obra de Dyonélio. No impasse do vencedor, o prêmio foi dividido.

Por essa época, entre os anos de 1935 e 1936, Erico fez sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, onde conheceu o mar; nasceu seu filho Luis Fernando; e publicou *Um lugar ao Sol*<sup>150</sup>, que denota as incertezas e inseguranças de uma época.

[...] gente moça que luta pela sobrevivência – refletia as apreensões de dificuldades de nossa própria vida, embora o elemento autobiográfico nesse livro seja muito tênue...<sup>151</sup>

Nesse mesmo período, retomou o seu trabalho voltado para as crianças.<sup>152</sup> Atendendo a um pedido do amigo Arnaldo Balvé,

---

<sup>150</sup> *Um lugar ao sol* retoma personagens de obras anteriores de Erico Verissimo, como *Clarissa* e *Música ao longe*. Depois que o pai é assassinado a mando do prefeito de Jacarecanga e a família perde seu casarão, a jovem professora Clarissa se muda para Porto Alegre com a mãe e o primo Vasco. Primeiro eles se hospedam na pensão de tia Eufrasina (cenário de *Clarissa*); depois, na casa da professora Fernanda (em *Caminhos Cruzados*). Enquanto Clarissa enfrenta precocemente a luta pela sobrevivência na cidade grande, Vasco se envolve com a boêmia local e conhece um estudante de Medicina cujas atividades revolucionárias incitam a ira da polícia.

<sup>151</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 243.

<sup>152</sup> Em 1936 publicou seu primeiro livro infantil, “As aventuras do avião vermelho”. Lançou também “Um lugar ao sol”. Criou o programa de auditório para crianças “Clube

começou a apresentar um programa de rádio infantil. A atração acabou em 1937, devido ao Estado Novo.

Quando em 1937 Getulio Vargas instituiu o Estado Novo e o famigerado DIP começou a exercer rigorosa censura sobre a imprensa e as estações de rádio, fui notificado de que dali por diante o Amigo Velho teria de se submeter previamente suas histórias ao Departamento de Censura, antes de contá-las aos seus pequeno ouvintes...<sup>153</sup>

A decisão de terminar o programa foi do próprio Erico, que não aceitava submeter suas histórias ao DIP<sup>154</sup>. Essa decisão implicou um novo chamado para se explicar na polícia<sup>155</sup>.

Na Editora O Globo o trabalho crescia. Henrique Bertaso criou com ele a Coleção Nobel<sup>156</sup> para editar livros, e ambos

---

dos três porquinhos”, na Rádio Farroupilha. Dessa ideia surgiu a “Coleção Nanquinote”, com os livros “Os três porquinhos pobres”, “Rosa Maria no castelo encantado” e “Meu ABC”. Lançou a revista “A novela”, que oferecia textos canônicos ao lado de outros de puro entretenimento.

<sup>153</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.244.

<sup>154</sup> O **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)** foi criado em 1939, em substituição ao "Departamento de Propaganda e Difusão Cultural" (DPDC), para controlar, centralizar, orientar e coordenar a propaganda oficial, que se fazia em torno de sua figura. Abrangia a imprensa, a literatura, o teatro, o cinema, o esporte, a recreação, a radiodifusão e quaisquer outras manifestações culturais.

<sup>155</sup> A decisão de encerrar o programa foi uma resposta à repressão do governo Vargas, que queria submeter seus textos a censura prévia.

<sup>156</sup> A Nobel era uma coleção responsável pela publicação de traduções de textos de autores importantes da literatura internacional, como Virginia Wolf, Thomas Mann,

adentraram um segmento mais apurado. A vida pessoal também ganhava contornos mais definidos. O casamento ia de vento em popa, e Mafalda, por seu companheirismo e dedicação, a cada dia ganhava mais a admiração do esposo. A paixão da juventude dava lugar agora ao amor maduro e sereno. Os filhos cresciam, Clarissa era a alegria infantil, enquanto Fernando se mostrava introvertido.

Erico se dedicava a escrever histórias infantis; só no ano de 1936, escrevera seis histórias. Outra paixão do casal era mudar de casa. Em 1937 se estabeleceram numa vivenda na rua Quintino Bocaiúva, onde começou a escrever *Olhai os lírios do campo*<sup>157</sup>. A história foi inspirada em uma visita que fez a um amigo hospitalizado. No hospital, viu um jovem sair de um quarto com um bebê. Descobriu que a esposa havia morrido no parto, episódio que o inspirou a escrever o romance, em um momento em que sentia que sua criatividade havia acabado.

---

Balzac e Proust. O objetivo dessa coleção era trazer para o Brasil obras de valor intelectual inestimável.

<sup>157</sup> Considerado o primeiro best-seller de Erico Verissimo. Várias edições se esgotaram em poucos meses. Narra a trajetória de Eugênio Pontes, moço de origem humilde que se forma médico e, graças a um casamento por interesse, ingressa na elite da sociedade. Nesse percurso, porém, é obrigado a virar as costas para a família, deixar de lado antigos ideais humanitários e abandonar a mulher que realmente ama.

Tive a intuição de que estava na pista dum romance. E, como sempre acontece quando sinto aproximar-se a idéia para um livro, fiquei numa espécie de exaltação interior...<sup>158</sup>

O romance foi um marco decisivo na carreira do escritor. Publicado em 1938, teve uma grande aceitação do público. A todo momento José Bertaso recebia mais pedidos de novos exemplares para venda em livrarias, o que marcou um novo rumo na vida do escritor, que passava a colher os frutos do seu trabalho.

A literatura da época ampliava a sua área de interesse ao incluir preocupações novas de ordem política, social, econômica, humana e espiritual. Os autores da segunda geração modernista<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.246.

<sup>159</sup> O **modernismo brasileiro** foi um amplo movimento cultural que repercutiu fortemente na cena artística e na sociedade brasileira da primeira metade do século XX, sobretudo nos campos da literatura e das artes plásticas. Comparado a outros movimentos modernistas, o brasileiro foi desencadeado tardiamente, na década de 1920. Foi resultado, em grande parte, da assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, como, por exemplo, o Cubismo e o Futurismo, refletindo, então, a procura da abolição de todas as regras anteriores e a procura da novidade e da velocidade. Contudo, pode-se dizer que a assimilação dessas ideias europeias deu-se de forma seletiva, rearranjando elementos artísticos de modo a ajustá-los às singularidades culturais brasileiras. Considera-se a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, como ponto de partida do modernismo no Brasil. Porém, nem todos os participantes desse evento eram modernistas: Graça Aranha, um pré-modernista, por exemplo, foi um dos oradores. Não sendo dominante desde o início, o modernismo, com o tempo, suplantou os anteriores. Foi marcado, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, sendo os da primeira fase mais radicais em relação a esse marco. Didaticamente, divide-se o Modernismo em três fases: a primeira fase, mais radical e fortemente oposta a tudo que foi anterior,

como Erico estavam assumindo uma postura séria em relação ao mundo, considerando-se responsáveis por suas dores. Também caracterizou o romance dessa época o encontro do autor com seu povo, sua busca pelo homem brasileiro em diversas regiões, tornando o regionalismo importante.

Lucrando com os direitos autorais, Erico mudou-se para a rua Pelotas, desligou-se extraoficialmente da Editora O Globo e passou a dedicar-se mais à Nobel. Paralelamente, houve mudanças também na relação com seus leitores. Seus romances passaram a inspirar seus interlocutores e Erico agora era procurado para dar conselhos amorosos.

Muitos desses correspondentes pediam-me conselhos. Outros vinham pessoalmente até o meu escritório... para me exporem verbalmente seus problemas e queixas, na esperança de eu pudesse

---

cheia de irreverência e escândalo; uma segunda mais amena, que formou grandes romancistas e poetas; e uma terceira, também chamada Pós-Modernismo por vários autores, que se opunha, de certo modo, à primeira e era por isso ridicularizada com o apelido de neoparnasianismo. BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ªed. São Paulo: Cultrix, s/d. BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). **Modernismo: Guia Geral**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna**. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

resolver suas dificuldades, em geral de ordem sentimental, moral ou financeira.<sup>160</sup>

A vida parecia melhorar para Erico, que começava a escrever com mais regularidade. Seus livros já lhe davam alguma notoriedade e os rendimentos já permitiam algumas melhoras, como a mudança para um bom apartamento. Corria o ano de 1940 e a Rússia soviética assinava pacto asseverando a não agressão com a Alemanha Nazista, enquanto o mundo assistia à Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, publicou *Saga*<sup>161</sup>, narrando a trajetória de Vasco Braga, que, após lutar na Guerra Civil Espanhola, retornou a Porto Alegre. Esse romance foi considerado por Erico seu pior livro.

---

<sup>160</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.248.

<sup>161</sup> Vasco Bruno atravessa o oceano e luta na Guerra Civil Espanhola como voluntário da Brigada Internacional. Após a vitória do general fascista Francisco Franco, é enviado a um campo de concentração e deportado ao Brasil. De volta a Porto Alegre, Vasco se depara com novo campo de batalha: em vez de fuzilamentos e bombardeios, os golpes baixos da sociedade burguesa; em vez das vilanias da guerra, as pequenas torpezas do cotidiano, as traições que também podem terminar em tragédia. Ao mesmo tempo, o jovem sente renascer a antiga chama de seu amor pela prima Clarissa. Esse romance fecha o ciclo urbano da obra de Erico Verissimo - composto de *Clarissa*, *Caminhos cruzados*, *Música ao longe*, *Um lugar ao sol* e *Olhai os lírios do campo*.

O mundo assistia ainda a uma outra guerra<sup>162</sup>, mas o Brasil também era assunto para o autor, que via o Estado Novo<sup>163</sup> controlando a nação.

O Estado Novo estava cada vez mais forte. A imprensa, amordaçada. Um ou dois generais do nosso exercito - contava-se - bebiam champagne na embaixada alemã, no Rio, festejando as vitórias da webrmacht, deslumbrados pela estupenda eficiência de suas Panzerdivisionen.<sup>164</sup>

Se o mundo assistia ao desenrolar da guerra, Erico continuava colhendo os frutos de seu trabalho. Convidado pelos irmãos Saraiva para uma tarde de autógrafos em São Paulo,

---

<sup>162</sup> A Segunda Guerra é considerada o maior conflito bélico da história e teve relação com o desenrolar da Primeira Guerra e seu desfecho, marcado pela assinatura do Tratado de Versalhes. Esse acontecimento foi decisivo para a ascensão do nazifascismo e a conseqüente Segunda Guerra. RÉMOND, René. **Introdução à História do Nosso Tempo**. 2ªed. Lisboa: Gradiva, 2003. COSTA, Sérgio Correa da. **Crônica de uma Guerra Secreta**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004. SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

<sup>163</sup> **Estado Novo** compreende o período da ditadura de Getúlio Vargas, entre os anos de 1937 e 1945. KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil: de Deodoro a FHC**. Rio de Janeiro: Empório do Livro, 2002. JORGE, Fernando. **Getúlio Vargas e seu Tempo**. 2 vols. São Paulo: T. A. Queirós, 1986. VARGAS, Getúlio. **A campanha presidencial**. São Paulo: Ed. José Olympio, 1951. MELO FRANCO, Afonso Arinos de. **A Câmara dos Deputados - Síntese Histórica**. 2ªed. Brasília: Coordenação de publicações - Câmara dos Deputados, 1978.

<sup>164</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.252.

descobriu seu grande número de leitores paulistanos e o interesse destes pelos rumos de seus personagens.

O que mais me comoveu foram as perguntas que se faziam sobre as personagens de meus romances, como se se tratasse de pessoas da vida real.

Como vai Clarissa? Já teve o bebê? Quantos anos tem agora a filha de Olivia? O coitado do João Benévolo finalmente encontrou um emprego? E assim por diante.<sup>165</sup>

Durante sua estada em São Paulo, conheceu Antonio Candido, Lygia Fagundes e muitos outros. Não se limitou ao Brasil. Recebeu um convite para visitar os Estados Unidos, pelo Programa de Boa Vizinhança<sup>166</sup> instituído pelo presidente Roosevelt. Em sua primeira viagem internacional, não pôde levar Mafalda. As lembranças dessa viagem foram contadas em *Gato Preto em Campo de Neve*<sup>167</sup>, de 1941.

---

<sup>165</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.253.

<sup>166</sup> A **Política da Boa** foi uma iniciativa política criada e apresentada pelo governo dos Estados Unidos presidido por Franklin D. Roosevelt durante a Conferência Panamericana de Montevideo, em dezembro de 1933. Ela se referiu ao período das relações políticas com os países da América Latina entre 1933 até 1945. Essa política consistia em investimentos e venda de tecnologia norte-americana para os países latino-americanos, mas em troca estes deviam dar apoio à política norte-americana.

<sup>167</sup> Erico passou três meses nos Estados Unidos. O contexto da Segunda Guerra preenchia os jornais americanos, que perguntam aos leitores se o governo deveria

Os livros rendiam o sustento da família, ajudando-a a se estabelecer.

Nos primeiros anos, era-nos até possível determinar a fonte do dinheiro com que comprávamos essas coisas. A estante de livros? Caminhos Cruzados. A mobília do quarto de dormir? Olhai os lírios do campo. O tapete da sala de jantar? Gato preto em campo de neve...<sup>168</sup>

*O Resto é Silêncio* foi publicado em 1943 e teve seu ponto de partida em uma cena trágica que Erico presenciou com o irmão Enio no centro da cidade: a queda de uma jovem de um prédio.<sup>169</sup> O motivo era desconhecido e havia várias hipóteses para o acidente, mas o fato é que daí surgiu o romance. No entanto, por essa obra foi alvo de críticas.

---

ajudar a Grã-Bretanha contra Hitler. Na obra ele fala do desconhecimento dos americanos em relação ao Brasil, da miséria e da segregação racial enquanto narra sua viagem por todo o território americano e as pessoas que conheceu, como Thomas Mann, Somerset Maugham, Orson Welles, Walt Disney e Alfred Hitchcock.

<sup>168</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.256.

<sup>169</sup> O desassossego por ter presenciado essa cena o levou a escrever *O Resto é Silêncio*, que se inicia justamente com a queda de uma moça do alto de um espigão da capital gaúcha. A história, narrada a partir de diferentes perspectivas, transcorre em pouco mais de 24 horas, entre a tarde da sexta-feira da Paixão e a noite do sábado de Aleluia. O destino da moça, que no enredo imaginado pelo escritor é uma simples vendedora de um grande magazine, revela-se o ponto de ligação entre as trajetórias dos diversos personagens.

Nesse comenos, recebeu novo convite para dar um curso nos Estados Unidos em universidade de sua escolha. Optou, então, pela Universidade da Califórnia, que o recebeu por dois anos com toda a família, já que era seu desejo ficar longe do Brasil e do Estado Novo. Essa nova viagem foi contada em *A Volta do Gato Preto*<sup>170</sup>, de 1946.

Nos Estados Unidos, recebeu a notícia do fim da guerra e da rendição japonesa.<sup>171</sup> Sua produção no período era pouca e com “pouco” significado, como ele mesmo afirmava, e sempre em inglês. Porém, foi uma fase necessária para recompor-se e poder voltar à ativa como romancista. Por isso, retornou ao Brasil, onde começou a pensar em seu novo romance.

---

<sup>170</sup> É o relato dos dois anos em que morou entre San Francisco e Los Angeles, dando aulas e conferências em Berkeley e em outras universidades. Nessa segunda ida ao país, o escritor teve um contato mais íntimo com o cotidiano dos americanos, que estavam em plena Guerra Mundial. Nessa obra apresentou sua impressão dos Estados Unidos, assim como sua visão do Brasil em suas aulas e conferências. Narra trivialidades familiares: as pequenas descobertas dos filhos no país; a decepção inicial da mulher, Mafalda, com um país que não correspondia ao dos filmes de Hollywood; a adaptação de todos à cultura norte-americana. Enquanto soldados lutavam nas frentes de batalha e aviões patrulhavam a costa do Pacífico, falava em literatura, tentando explicar o Brasil e os brasileiros a jovens estudantes e a si mesmo.

<sup>171</sup> Em agosto de 1945, com objetivo de pôr fim à guerra com o Japão, os EUA lançaram as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, forçando a rendição. MANDEL, Ernst. **O significado da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1989.

### 3.2 A AVENTURA RIO-GRANDENSE: O TEMPO E O VENTO

Nesse momento de sua vida, iniciou a produção de *O Tempo e o Vento*<sup>172</sup>, em 1947, trilogia que narra 150 anos da história do Rio Grande do Sul – composta, portanto, de três partes: *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago* –, com sete volumes, publicados entre 1949 e 1962.

O romance coloca a trajetória da família Terra Cambará, desde o romance de Ana Terra com Pedro Missioneiro, passando por Bibiana, Capitão Rodrigo, Luzia e Bolívar. O cenário é marcado por disputas de poder, guerras. A ideia inicial não era escrever um romance de tamanha proporção, a obra foi ganhando contorno durante sua escrita. Nela Erico buscou se reencontrar com o Brasil que conhecia e responder questões que ainda o afligiam. Inicialmente o romance teria um só volume, com aproximadamente 800 páginas, e seria escrito em três anos. Acabou ultrapassando as 2.200 páginas, consumindo quinze anos de trabalho.

---

<sup>172</sup> O romance representa a história do estado gaúcho, de 1680 até 1945 (fim do Estado Novo). *O continente* está inserido no chamado Romance de 30, obras de cunho neo-realista que aliam a descrição denunciante do Realismo às investigações psicológicas dos personagens e liberdades linguísticas do narrador, frutos do Modernismo.

A cidade que encontrou em seu retorno estava diferente, havia passado por muitas mudanças. Na política, Luis Carlos Prestes<sup>173</sup> estava livre e o Partido Comunista<sup>174</sup>, na legalidade; Prestes e Vargas dividiam o palanque. Erico sentiu a pressão dos novos tempos, pois acabara de chegar e os membros do Partido Comunista exigiam sua colaboração.

Depois do período na América do Norte, começou a questionar sua literatura em relação ao Rio Grande do Sul. Perguntava-se sobre o quanto estava envolvido em uma literatura representativa de seu estado e suas tradições: “Procurando analisar com imparcialidade os meus romances anteriores, eu percebia o

---

<sup>173</sup> Com o fim do Estado Novo, Prestes foi anistiado, elegendo-se Senador. Assumiu a secretaria geral do PCB. O registro do partido foi cassado, e novamente Prestes foi perseguido e voltou à clandestinidade. Na Assembleia Constituinte de 1946, Prestes liderava a bancada comunista de 14 deputados, composta por, entre outros, Jorge Amado, eleito pelos paulistas, Carlos Marighela, pelos baianos, João Amazonas, o mais votado do país, escolha de 18.379 eleitores do Rio, e o sindicalista Claudino Silva, único constituinte negro, também eleito pelo Rio. Durante a Constituinte, Prestes fechou questão a favor da emenda nº 3.165, de autoria do deputado carioca Miguel Couto Filho. Tal emenda dizia: “É proibida a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência.” Em 1951, conheceu sua segunda companheira, a pernambucana Maria, que passava a se chamar Maria Prestes. Da união com Prestes nasceram outros sete filhos: João, Rosa, Ermelinda, Luiz Carlos, Zoia, Mariana e Yuri. Prestes e Maria viveram juntos por 40 anos, até a morte de Prestes. Em 1958, Prestes teve sua prisão decretada, porém foi revogada por mandato judicial. GARCIA, Marco Aurélio. “Prestes (1898-1990): um cavaleiro na esperança”. **Teoria & Debate**. nº10. São Paulo, abr/mai/jun 1990. MENEZES, Marcos Vinícius Bandeira de. **Estratégias e táticas da revolução brasileira: Prestes versus o Comitê Central do PCB**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

<sup>174</sup> O Partido Comunista Brasileiro foi fundado em 1922 baseando-se ideologicamente em Karl Marx e Friedrich Engels e na proposta socialista implementada na Rússia em 1917. GARCIA, op. cit., abr/mai/jun 1990. MENEZES, op. cit., 2002.

quão pouco, na sua essência e na sua existência, eles tinham a ver com o Rio Grande do Sul...”<sup>175</sup>

No contexto em que pensou seus romances<sup>176</sup>, a cidade de Porto Alegre passava por um processo de transformações urbanas decorrentes de mudanças na economia, política e sociedade brasileira e sul-rio-grandense. A expansão da economia capitalista no campo e a industrialização relacionada ao projeto político modernizador de Getúlio Vargas projetou a mobilização política das massas urbanas e seu ordenamento social de acordo com um novo ideal de cidade, inserido num contexto mais amplo da nação. Porto Alegre foi administrada, nos anos 1930 e 40, por políticos engajados nesse projeto.<sup>177</sup>

Talvez por essas inquietações ou pela maturidade que estava adquirindo, Erico começou a pensar em escrever sobre a história sul-rio-grandense e seus mais variados tipos humanos: “Havia o valentão, o coronel, o peão, o gaudério, o bandido, o

---

<sup>175</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.264.

<sup>176</sup> LA CAPRA, Dominick. “História e romance”. **Revista de História**. nº2/3. Campinas, 1991. p.107-124.

<sup>177</sup> MONTEIRO, Charles. A Porto Alegre de Erico Verissimo. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.24-35. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art3.pdf>>.

poltrão, o paladino, o gaiato, o parlapatão, o capanga, o sisudo, o potoqueiro, o gaúcho da cidade com flor no peito... tantos.”<sup>178</sup>

Ao iniciar o estudo necessário para escrever a trajetória do Rio Grande do Sul, se entusiasmou com o processo e começou a se questionar sobre a história gaúcha que não havia percebido anteriormente. Do vínculo com o passado se extraiu a força para a formação da identidade.<sup>179</sup>

Idiota! Como era que eu não tinha visto antes toda essa riqueza? E que dizer de Nico Velho, Aníbal Lopes, Nestor Verissimo e cem outros varões. Era o meu povo. Era o meu sangue. Eram as minhas vivências diretas ou indiretas, que por tanto tempo eu renegara.<sup>180</sup>

A obra *O Tempo e o Vento* transcorre num tempo cronológico entre 1745 e 1945, compreendendo a história sul-riograndense, que tem suas origens na fase colonial. As várias gerações das famílias Terra e Cambará realizam uma leitura da

---

<sup>178</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20<sup>a</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.267.

<sup>179</sup> BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4<sup>a</sup>ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>180</sup> VERISSIMO, op. cit., p.267.

história, cruzando os destinos de seus personagens com os momentos da formação do território.

Cento e cinquenta anos foram focados em *O Continente*; os demais, em *O Retrato* e *O Arquipélago*. A conquista do território e a formação da sociedade sul-rio-grandense abordadas em *O Continente* têm continuidade histórica em *O Retrato*, que encontra nas primeiras décadas do século XX a sua ambientação histórica. Em um cenário histórico em que oligarquias tradicionais entravam em processo de decadência, o autor remete o leitor, em *O Arquipélago*, ao fechamento do ciclo dessa decadência, bem como à ascensão de novos grupos junto à sociedade gaúcha.<sup>181</sup>

Para ele, o ato de escrever não era uma simples representação da sociedade, e sim um ato mais profundo completamente impregnado do ser do escritor. Quando escrevia, passava para o papel seus sentimentos, impressões, angústias e anseios da sociedade que observava em seu cotidiano.<sup>182</sup>

---

<sup>181</sup> VITAL JUNIOR, Raul Rebello. O tempo do “tempo e o vento”. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. Disponível em: <[http://www1.fapa.com.br/ciencias\\_eletras/pdf/revista38/art14.pdf](http://www1.fapa.com.br/ciencias_eletras/pdf/revista38/art14.pdf)>.

<sup>182</sup> Literatura e história são narrativas que têm o real como referência, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que buscam sua compreensão.

Acredito que qualquer homem inteligente pode escrever um romance, que será necessariamente a história de sua própria vida ou a de alguém que ele conhece de maneira íntima. Mas de romancistas sei que não se podem livrar da própria memória.<sup>183</sup>

O processo de criação de *O Tempo e o Vento* foi agitado, com constantes mudanças<sup>184</sup> de rumo e alterações no texto.

Sinceramente, não me lembro de quantos roteiros fiz para *O Tempo e o Vento*. Só sei que foram muitos e que até o fim da obra eu os alterei, acrescentando ou subtraindo personagens e episódios.<sup>185</sup>

A ideia de sociedade penetrou na consciência dos personagens em todos os seus aspectos profundamente problemáticos, de forma que pode ser observada em seus comportamentos, quase sempre apoiando ou opondo-se à sociedade como tal.

---

<sup>183</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.269.

<sup>184</sup> Para compreender mais: HARTOG, François. "A arte da narrativa histórica". In: BOUTIER, Jean; JULIA Dominique (Orgs.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998. p.193-202.

<sup>185</sup> VERISSIMO, op. cit., p.269.

Para ser um romance, a obra deve conter a representação usual do comportamento humano, tratando de sentimentos morais, paixões e emoções. Esse gênero literário tenta, acima de tudo, capturar a qualidade da experiência concreta.<sup>186</sup>

Contrariando o projeto inicial do romance, o volume da pesquisa e o trabalho do romancista o levaram a criar uma obra muito mais abrangente<sup>187</sup>: “Mal sabia eu que a obra acabaria por transformar-se numa trilogia num total de mais de 2.200 páginas e que eu levaria mais de 15 anos para terminá-la.”<sup>188</sup>

Não era sua intenção contar a história de sua família, mas Erico deixou claro que, como escritor, de alguma maneira foi influenciado por sua tradição ao trabalhar a história do Rio Grande do Sul que conheceu.

Durante os três anos em que vivi na casa de meu avô materno, observando-o – às vezes consciente, outras inconscientemente – no ato de viver, de ser, mal sabia eu que estava fazendo com ele o meu “aprendizado gaúcho”, e que sua prosódia, a

---

<sup>186</sup> HOWE, Irving. **A Política e o Romance**. São Paulo: Perspectiva, 1998. p.7.

<sup>187</sup> Para compreender mais: HOBBSAWM, Eric J. “O ressurgimento da narrativa: alguns comentários”. **Revista de História**. n.2/3. Campinas, 1991. p.39-46.

<sup>188</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.270.

cadencia de sua voz, sua sabedoria da vida, seus ditos, seu gosto em matéria de comida, os causos que ele contava, a maneira como se vestia, a opinião que manifestava sobre política, instituições, pessoas, bichos, coisas... – haviam de no futuro ajudar-me a escrever a obra talvez mais importante de minha carreira. Assim, o velho Aníbal foi, sem querer nem saber, uma espécie de interprete, de ponte, entre este seu neto citadino e a terra e a gente do Rio Grande.<sup>189</sup>

O *Continente*, o primeiro volume, que narra a história de Ana Terra e sua família, foi construído para criar uma atmosfera de drama e apresentar Ana e sua família: Maneco (pai), Henriqueta (mãe), Antonio e Horácio (irmãos). Os personagens e a paisagem integram-se, criando uma atmosfera que se combina e se completa.

O Capitão Rodrigo Cambará nasceu de uma forma que o próprio autor desconhece.

Quando e como nasceu o Capitão Rodrigo Cambará? Eu mentiria se respondesse com certeza essa pergunta. Há tipos óbvios e inevitáveis. O problema é como aceitar a inevitabilidade do óbvio sem cair no estereótipo. A palavra gaúcho está

---

<sup>189</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.270.

associada em nosso espírito a termos como macho, bravo, violento, mulherego, aventureiro, nobre, generoso... Talvez eu não esteja muito longe da verdade se disser que, antes de ter corpo e nome, o Capitão Rodrigo era uma idéia no meu cérebro – de certo modo o símbolo duma rude estirpe e duma era áspera.<sup>190</sup>

O Capitão inicialmente se chamaria Severo, e o sobrenome Cambará pode ter vindo de uma estância da família.

O sobrenome Cambará foi escolhido conscientemente: além de ser sonoro, designa uma árvore de duro lenho. Se bem me lembro, uma das estâncias perdidas de meu avô paterno chamava-se Cambará.<sup>191</sup>

As características físicas de Rodrigo Cambará foram delimitadas sob a influência da observação dos tipos físicos cotidianos. Segundo Erico, homens com o temperamento de Rodrigo não costumam ser altos.

---

<sup>190</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.270.

<sup>191</sup> Ibidem. p.271.

[...] Ora, tenho observado que homens do temperamento de Rodrigo não são altos. Assim, descrevi-o como um tipo de estatura mediana, e me pareceu natural que ele usasse barba, e que tivesse olhos claros.<sup>192</sup>

Relembra a trajetória da imigração para o Estado para justificar as características físicas do personagem e até mesmo seu temperamento.

[...] Não havia porventura sangue flamengo nas veias de muitos açorianos que no século XVIII se estabeleceram no litoral do Rio Grande? Mais tarde eu haveria de coonestar a cor desses olhos, descrevendo a cena em que o pai de Rodrigo rouba de casa a filha dum colono açoriano de Viamão, uma ruiva de olhos garços.<sup>193</sup>

O ingresso desses imigrantes na região do sul do Brasil mudou as características físicas dos habitantes, imprimindo à população um novo conjunto de atributos únicos, os quais Erico usou para marcar o pai do Capitão Rodrigo. Porém, pai e filho não poderiam existir, já que haveria uma disputa territorial entre eles.

---

<sup>192</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.271.

<sup>193</sup> Ibidem. p.271.

Desde o momento em que vi o Capitão em meus pensamentos, com um corpo, um nome e já com certas tendências ou ímpetos, esse homem passou a existir. E, como estava vivo e tinha um temperamento feroso, a primeira coisa que fez foi livrar-se de seu criador. Quem sou eu para sujeitar um potro como o capitão Cambará?<sup>194</sup>

Para Erico, o ato de escrever não fazia parte do processo de construção da memória, mas sim o trabalho do escritor de fazer uma leitura da sociedade.

Uma das muitas provas por que tem de passar o romancista para convencer-se a si mesmo e aos leitores de que não é apenas um memorialista nem um fotógrafo ambulante, é a de criar com verossimilhança uma personagem que seja diferente dele em matéria de gosto, temperamento, caráter.<sup>195</sup>

O processo de construção dos personagens, por mais que o autor buscasse um distanciamento emocional, ainda assim era permeado de sentimentos e opiniões, como no caso de Licurgo Cambará.

---

<sup>194</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.271.

<sup>195</sup> Ibidem. p.272.

Por exemplo, não simpatizo nada com Licurgo Cambará, embora reconheça que o homem possui suas virtudes. E, já que estamos no capítulo das simpatias, declaro em voz alta que tenho um fraco pelas mulheres d'*O Tempo e o Vento*, como Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria. Quando esta última era ainda moça, tive lá as minhas implicâncias com ela, mas, depois que a filha do velho Florêncio envelheceu e ficou parecida com as outras matronas da família, passei a votar-lhe uma admiração temperada de ternura.<sup>196</sup>

Quando questionado sobre como era escrever sobre os sentimentos de uma mulher, Erico respondia: “Expliquei-lhe que, no meu caso, sempre que tinha de fazer isso, eu procurava ser uma mulher.”<sup>197</sup>

Para comentar sobre o romance e se tornar um narrador onipresente, criou a figura do Dr. Carl Winter. Pesquisando sobre Cruz Alta, soube que um médico alemão se apresentara certa vez para a Câmara da cidade e dessa história criou a figura do médico que se tornaria o elo da narrativa – “A certa altura d’O Continente

---

<sup>196</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.272.

<sup>197</sup> Ibidem. p.272.

comecei a sentir necessidade de criar uma personagem que pudesse fazer o papel de 'coro' daquela comédia provinciana."<sup>198</sup>

Para Erico, a criação do personagem era também uma reflexão sobre seus sentimentos em relação à sua gente e o Rio Grande do Sul.

[...] Quanto às suas idéias e reações ao ambiente, não seria ele o porta-voz de minha antiga relutância em aceitar o Rio Grande e o seu povo? Não representaria o estrangeiro, o exótico, o civilizado, o erudito?<sup>199</sup>

Construir um romance que abordasse a história do Rio Grande do Sul era um desafio, pois ele fugira, mesmo que inconscientemente, dessa tarefa em romances anteriores. Ademais, para que pudesse criar uma boa história, deveria estar, de alguma forma, desvinculado da realidade, pois negava o papel de memorialista. Ao escrever sobre algo tão próximo à sua existência, poderia tornar-se aquilo que não queria ser.

---

<sup>198</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.273.

<sup>199</sup> Ibidem. p.274.

No processo de construção dos sujeitos da obra, o Sobrado tornou-se personagem de relevância. A casa tinha vida e fazia parte do conjunto de tipos humanos que habitavam o romance.

Outro personagem importante *d'O Tempo e o Vento* é o Sobrado, que sinto como um ser vivo e quase pensante. É, evidente, um símbolo uterino, materno e – abrigo, fortaleza, aconchego, tradição – pode também ser uma recriação idealizada do lar que eu perdera que ainda buscava.<sup>200</sup>

Outro personagem lembrado em suas memórias é Fandango, capataz de Angico, criado com base nas memórias de Erico acerca de uma época, como explicou a um crítico que considerou o personagem uma cópia de outro autor regionalista<sup>201</sup>. Fandango foi inspirado em um tipo conhecido na infância, Nico Velho, além de outros tipos conhecidos na meninice.

---

<sup>200</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.274.

<sup>201</sup> Erico lembra que um ensaísta gaúcho acusou-o de copiar a obra de Ricardo Güiraldes (1886-1927) “Dom Segundo Sombra” para criar Fandango. Güiraldes, poeta, novelista e contista argentino, nascido em Buenos Aires, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura (1926) com seu romance “Don Segundo Sombra”. Filho dos estancieiros Manuel Güiraldes e Dolores Goñi, viveu uma infância rural e a juventude na estância paterna de La Porteña, em San Antonio de Areco, província de Buenos Aires, onde conheceu e aprendeu a estimar os gaúchos, em cujos costumes e tradições centrou sua obra. Erico nunca havia lido a obra antes de criar o romance. Maiores informações sobre a polêmica ler: *Ibidem*. p.274.

No início, Erico não sabia que escreveria uma trilogia. A cada tomo, percebia a necessidade de outro para chegar ao ano de 1945.

Trabalhei n'O Continente durante boa parte de 1947 e 1948, e um dia me surpreendi diante duma pilah assustadora de papéis datilografados, e compreendi, vagamente apreensivo, que me seria impossível meter toda a história dos Terra Cambará e de Santa Fé dentro dum único volume. Seria necessário um segundo tomo. Quando mais tarde me atirei ao trabalho dessa sequência, foi para verificar que, se quisesse chegar até 1945, precisaria ainda de um terceiro volume. Uma trilogia então? Que fosse!<sup>202</sup>

Com a publicação da primeira parte em 1949, Erico conquistou de vez o público, já encantado com seu trabalho desde *Olhai os lírios do campo*, bem como a crítica. O primeiro tomo levou dois anos para ser escrito. Quando estava quase concluído, o desgaste físico e emocional motivado pela confecção do romance em condições pouco favoráveis levou o escritor à exaustão; teve, então, de ficar dois meses em repouso.

---

<sup>202</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.275.

O *Retrato* começou a ser escrito em janeiro de 1950<sup>203</sup>, na praia de Torres. Na época, sua sala de jantar foi tomada por sua máquina de escrever e por antigos exemplares do *Correio do Povo* publicados entre 1910 e 1915. O personagem central seria o Dr. Rodrigo Cambará, que representaria um passo na urbanização da família. Esse processo de criação, segundo ele, apresentava perigos, aos quais ele tentou fugir, por vezes caindo em alguns. Sentia mais facilidade e intimidade com Dr. Rodrigo, justamente pelo fato de deixar um pouco do passado rural e se voltar para a modernidade.

Entrei nesse segundo tomo da trilogia cômico das armadilhas que suas aparentes facilidades me preparavam – o que entretanto não me impediu de cair em algumas delas. Tinha decidido dedicar todo o livro a um retrato de corpo inteiro do Dr. Rodrigo Terra Cambará... que dali por diante seria o personagem central da história e, por assim dizer o porta-estandarte de seu clã, deveria representar um largo passo dos Cambarás rumo de sua urbanização

---

<sup>203</sup> Sobre a década de 50 ler: ARAÚJO, Fernando. **Juscelino Kubitschek**, o Médico. Belo Horizonte: Ed. Belo Horizonte, 2000. CHAGAS, Carmo. **Política** - Arte de Minas. São Paulo: Carthago & Forte, 1994. CHAGAS, Paulo Pinheiro. **As Respostas de Juscelino** - Ensaio Sobre a Formação do Povo Mineiro. Belo Horizonte: Ed. Belo Horizonte, 1953. COHEN, Marleine. **JK** - O Presidente Bossa Nova. Ed. Globo, 2001. JARDIM, Serafim. **Juscelino Kubitschek** - Onde Está a Verdade? Petrópolis: Vozes, 1999.

e também o principio da intelectualização dessa família...<sup>204</sup>

O Dr. Rodrigo Cambará foi inspirado em seu pai; o personagem, como o próprio escritor afirmava, tratava-se de um sócia psicológico de Sebastião. Desse modo, Erico, em algum momento, também teria de aparecer no romance. Seria então o escritor Floriano Cambará, filho do Dr. Rodrigo.

E, como, havia muito, tivesse decidido que Rodrigo Cambará ia ser uma especie de sócia psicológico de Sebastião Verissimo, era natural que eu pensasse também na possibilidade de entrar no livro como personagem, caso em que teria de meter-me na pele de Floriano, o filho mais velho do futuro senhor do Sobrado.<sup>205</sup>

Semelhanças entre Rodrigo e Sebastião existiam, como a vivacidade, a bravura, a generosidade. Porém, Rodrigo, um belo homem, seria mais responsável e teria ambições políticas, atributos que o escritor desejava poder relacionar ao pai.

---

<sup>204</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.276.

<sup>205</sup> Ibidem. p.277.

Destarte, com a ajuda da pesquisa em jornais e da memória, se entregou ao trabalho de escrever *O Retrato* e foi se familiarizando com o universo do romance. Acreditava ser a lembrança uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, assim como nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado no presente exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.<sup>206</sup>

Flora, a esposa de Rodrigo, não foi inspirada na mãe de Erico, pois o escritor procurou repelir velhos tormentos da memória. Queria que sua personagem não apresentasse as características da mãe que o marcaram na infância.

---

<sup>206</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p.55.

[...] estivesse correndo o risco de transformar-se em um retrato de minha própria mãe. Reagi quase em pânico contra essa tendência, pois tive a intuição de que, se a seguisse, Flora estaria irremediavelmente condenada, por motivos óbvios, a aparecer no livro como uma criatura assexuada e sem falhas de caráter.<sup>207</sup>

A necessidade de manter a figura de Flora distante da imagem que tinha de sua própria mãe é justificada na apresentação da personagem no romance. Dessa forma, nota-se que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado "tal como foi", passado esse que se daria no inconsciente de cada sujeito<sup>208</sup>.

Seja como for, sempre que lidava com essa personagem, era perturbado pelo temor de fazê-la parecida com D. Bega, de maneira que tive de tratá-la sem verdadeira intimidade, e isso talvez explique

---

<sup>207</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.278.

<sup>208</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p.55.

a razão por que Flora é das figuras mais apagadas tanto d'O Retrato como d'O Arquipélago.<sup>209</sup>

O fato de a personagem aparecer de forma apagada pode denotar, na verdade, a leitura que ele teve de sua mãe ao rever suas memórias, e não a intenção de não parecer com D. Bega. Cabe considerar ainda que, sendo uma figura apagada, já se torna semelhante à figura de D. Bega colocada pelo escritor em suas memórias.

O *Retrato* foi publicado em 1951, sendo considerado por Erico inferior a *O Continente*. Conforme explicava em resposta às críticas recebidas na época, nesse tomo faltava o elemento “épico”<sup>210</sup> do romance. A publicação da terceira parte do romance ainda demoraria algum tempo, pois um novo convite interrompeu a saga dos Terra Cambará.

---

<sup>209</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.278.

<sup>210</sup> Para maiores informações, ler: Ibidem. p.278-279.

### 3.3 AMÉRICA! ANOS DE EXÍLIO E RETORNO

Em 1952 Erico foi convidado a assumir o cargo de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana em Washington<sup>211</sup>. Após uma reunião de família, o convite foi aceito. Então, com sua esposa e seus filhos, decidiu passar o verão em Torres antes da viagem, ocasião em que tentou começar a escrever *O Arquipélago*, mas produziu o livro *Noite*<sup>212</sup>, publicado em 1954.

Os anos de trabalho nos Estados Unidos foram intensos, cheios de palestras, conferências, conselhos a outros funcionários. Porém, a vida diplomática não o atraía; apesar das intermináveis viagens e da possibilidade de conhecer novas culturas, sentia falta do escritor, que ficou esquecido ao longo de três anos.

---

<sup>211</sup> A Organização dos Estados Americanos é uma organização internacional, sediada em Washington, Estados Unidos. Seus membros são os 35 estados independentes da América, sendo que Honduras foi suspensa em 28 de junho de 2009, após o golpe de Estado que expulsou o presidente Manuel Zelaya do cargo.

<sup>212</sup> O romance *Noite* foi considerado por Erico um exercício literário. Não foi bem recebido pelo seu público, devido ao estilo sombrio da obra. Nessa novela, os personagens adquirem caráter simbólico, e todo o enredo tem um sentido de alegoria. A história começa ao fim do dia e vai num crescente à medida que a noite avança. O personagem central, o "Desconhecido", ou "Homem de gris", perambula pelas ruas de uma cidade submersa no anonimato sem reconhecê-las. Não sabe quem é, nem de onde veio, nem para onde dirigir seus passos. Atormenta-o uma culpa inenarrável. Sabe que cometeu um crime, mas não sabe como fazer para descobrir qual foi esse crime - e qual é sua identidade. Usando os cenários conhecidos, Erico compôs o painel social de uma sociedade que se perdeu em seus labirintos, tomada pelo anseio de modernidade e, ao mesmo tempo, presa a suas raízes do passado. A despeito do pouco sucesso no Brasil, o romance fez fama internacional, chegando a ganhar um teleplay (filme).

A família vivia bem, Erico trabalhando em seu cargo burocrático, Clarissa estudando artes cênicas e Luis Fernando se enveredando pelo mundo da música. Em uma reunião de senhoras, uma mulher, questionando sobre a família, perguntou a Mafalda: “Vamos ver... Mister Verissimo é escritor. A menina é atriz. O rapaz, músico... E a senhora? Mafalda sorriu: Eu cuido dos três gênios.”<sup>213</sup>

Durante os anos em Washington, tentou escrever *O Arquipélago*, mas nada conseguiu. Em setembro de 1956 decidiu deixar seu cargo e retornar ao Brasil. Apesar dos protestos e das tentativas de mantê-lo nos Estados Unidos, decidido, retornou ao seu país. O sentimento de culpa por ter deixado D. Bega o atormentava.

A volta da família ao Brasil, no entanto, causou tristeza a Clarissa, que se apaixonara por um amigo de nome David e deixara seu coração nos Estado Unidos. Casou-se com o rapaz tempos depois no Brasil por exigência do pai, que queria que D. Bega assistisse ao casamento da neta. Ele soube do amor da filha três meses antes do retorno e, por mais que ficasse chocado, apoiou a decisão da filha.

---

<sup>213</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.310.

O casamento foi realizado após três meses da chegada da família a Porto Alegre, em 1956. Como o noivo era judeu e não entendia uma palavra do português, a cerimônia foi realizada na sacristia da igreja. Enciumada, D. Bega, ao cumprimentar o noivo, disse: “Então este é o filho-da-puta que vai roubar a minha neta?”<sup>214</sup>

Assim, a família voltou à rotina, sem viagens, para a satisfação de D. Bega. Após questionar se sua ida para Washington teria sido uma fuga para não terminar de escrever sua trilogia, Erico decidiu que tinha de terminar o romance.

Entre o final de 1956 e o início de 1957, Erico foi alertado a respeito dos cuidados que deveria ter com seu coração, pois já apresentava sintomas que revelavam que sua saúde não andava bem. Mesmo com a recomendação de seu primo médico Dr. Franklin Verissimo e do amigo também médico Dr. Eduardo Faraco, não se preocupou. Outro coração o afligia mais, o do Dr. Rodrigo Cambará, que já havia sofrido dois infartos desde que Erico começara a escrever *O Arquipélago*.

---

<sup>214</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.10.

Decidido a terminar o romance, viajou novamente para a praia de Torres, onde continuou a escrever. Quando retornou a Porto Alegre, em meados de março, recebeu a notícia do nascimento de seu neto Michael, nos Estados Unidos.

Continuou a escrever *O Arquipélago*, mas lhe causava espanto o volume que a obra estava ganhando. Se *O Continente* possuía pouco material de referência, *O Retrato* apresentou um volume considerável, mas *O Arquipélago* mostrou-se monstruoso ao escritor.

[...] O Continente que a principio me parecera um obstáculo, isto é, a falta de documentos e de um maior conhecimento da vida do Rio Grande do Sul, tinha na realidade sido uma vantagem. Era como se eu estivesse dentro de um avião que voava a grande altura: podia ter uma visão do conjunto, discernia os contornos do Continente... Ao escrever O Retrato, já o avião voava tão baixo que comecei a perder de vista a floresta para prestar mais atenção as árvores... E agora, no processo de escrever o terceiro volume, o aparelho voava a pouquíssimos metros do solo....<sup>215</sup>

---

<sup>215</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.20.

Em 1959, resolveu visitar a Europa, um sonho antigo, com Mafalda e Luis Fernando. Depois, passou uma temporada nos Estados Unidos para conhecer e ficar ao lado do neto. Assim, deixou *O Arquipélago* novamente guardado.

Erico levava uma preocupação na alma, acerca da relação com o filho. O romance também apresentaria esse conflito no momento em que Floriano tem uma conversa sincera com Rodrigo, aquela que ele queria ter tido com seu pai. Teria também seu filho Luis Fernando mágoa que merecia ser conversada com o pai.

Novamente seus escritos e suas memórias se misturavam inconscientemente. Mesmo o escritor querendo manter longe de sua obra sua própria história, via o romance tomar situações e sentimentos da realidade que assistiu e viveu.<sup>216</sup>

---

<sup>216</sup> O dilema da história enquanto discurso sobre o passado situa-se, pois, nesse problema decorrente da situação de fronteira trazida pela representação: ser reconstrução, utilizar recursos fictícios, reconhecer a existência da diferença entre *res factae* e *res fictae*, mas, mesmo assim, buscar, se não a verdade, a verossimilhança. E, nesse ponto, o historiador da cultura tem de admitir que muitos outros discursos que falam do real podem não apenas ajudar na compreensão do passado, como são capazes de iluminar a sua compreensão do mundo a partir de outros vieses. Tais olhares e saberes distintos não se apresentam como meros “auxiliares” da história, mas como parceiros na tarefa de decifração do real acontecido. PESAVENTO, Sandra J. *Cidades Imaginárias: Literatura, História e Sensibilidades*. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.6, Ano VI, n.1. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

Durante os primeiros tempos nos Estados Unidos, a única ocupação de Erico era desfrutar a companhia do neto. Mandara buscar no Brasil as páginas de *O Arquipélago*, mas nada fazia para reiniciar o trabalho. Agora se encontrava distante de seus personagens e de Santa Fé. Por conta do mal-estar que persistia, resolveu procurar o médico e soube que sua pressão estava alta.

Cuidou da saúde com os médicos americanos, aproveitou a companhia do neto e esperou a chegada do segundo, que, nascido em 1960, foi chamado de Paul. Logo depois, retornou ao Brasil. Porto Alegre era o único local onde poderia terminar de escrever seu romance.

Nesse ano, dedicou-se a escrever *O Arquipélago*, tendo uma máquina de escrever negra para as crises de construção do romance, e uma vermelha para os momentos de inspiração. As preocupações com o tempo histórico da narrativa ainda o afligiam.

Por intermédio da literatura, em percurso imaginário de sentido e que inclui uma trajetória individual do autor no século XX, a narrativa atinge esse núcleo central de percepção e investimento

no mundo, expresso em práticas e representações que constituem as sensibilidades.<sup>217</sup>

Vinham-me de vez em quando grandes dúvidas a respeito da estrutura e do ritmo *d'O Arquipélago*. Talvez eu tivesse dado no pão do tempo histórico do Rio Grande do Sul uma mordida que a minha capacidade de mastigar e digerir. Apesar de haver já escrito mais de mil páginas, percorrera apenas pouco mais da metade do tempo que a ação da história devia abranger (1922-1945) de acordo com o roteiro original.<sup>218</sup>

Nesse mesmo ano de 1960, Erico sofreu um enfarte, que o manteve impossibilitado de dar sequência a *O Arquipélago*, mas não lhe tirou o bom humor. Para aqueles que o visitavam sempre tinha uma frase jocosa ou uma brincadeira que aliviava a tensão.

Após a convalescença, recebeu o aval do médico para continuar o romance, porém sem cometer exageros e na cama. Sua esposa trouxe-lhe as 1.600 páginas do romance e ele dedicou-se

---

<sup>217</sup> PESAVENTO, Sandra J. *Cidades Imaginárias: Literatura, História e Sensibilidades*. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.6, Ano VI, n.1. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

<sup>218</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.27.

ao trabalho de arrumar o que já havia sido escrito. Nessa releitura, decidiu reescrever todo o primeiro capítulo, no qual o Dr. Rodrigo sofre um enfarte, pois decidiu aproveitar suas experiências dos últimos meses para complementar o episódio.

Em julho de 1961, entregou a Henrique Bertaso as 1.600 páginas de *O Arquipélago* e assumiu o compromisso de mandar de Washington os capítulos finais do romance. Nesse mesmo ano, enquanto se recuperava, em seu gabinete de trabalho, recebeu a notícia da renúncia de Jânio<sup>219</sup>, nova que o decepcionou, e do movimento pró-legalidade liderado por Leonel Brizola<sup>220</sup>.

Voltou ao Brasil, mas pouco tempo depois embarcou para os Estados Unidos para rever os netos e a filha. Na chegada, soube que o terceiro herdeiro estava a caminho e, com Mafalda, decidiu esticar a estadia no país para esperar o novo netinho chegar.

---

<sup>219</sup> O presidente Jânio Quadros renunciou oito meses após assumir a presidência do Brasil. Esse ato foi fundamental para a tomada do poder pelos militares em 1964, dando início à Ditadura Militar no Brasil. BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O Governo Jânio Quadros**. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1999. BOTTO, Almirante Carlos Penna. **A Desastrosa Política Exterior do Presidente Jânio Quadros**. Petrópolis: Vozes, 1961. CARRARO, Adelaide. **Eu e o Governador**. São Paulo: Loren, 1977. CASTILHO CABRAL, Carlos. **Tempos de Jânio e Outros Tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. CASTRO, Viriato de. **O Fenômeno Jânio Quadros**. 2ª ed. São Paulo: Edição do autor, 1959.

<sup>220</sup> Comandou a chamada "Campanha da Legalidade", que garantiu a João Goulart assumir a presidência após a renúncia de Jânio. KUHN, Dione. **Brizola: da legalidade ao exílio**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.

Em um quarto “à prova de netos”, começou a escrever o que faltava d’*O Arquipélago* (Do Diário de Silvia, Encruzilhada e várias páginas do Caderno de Pauta Simples).

Foi fechado num quarto a prova de netos que continuei a escrever *O Arquipélago*, trabalhando intensamente de seis a sete horas por dia, resistindo à tentação de abrir a porta sempre que um dos meninos batia nela e me convidava a tomar parte na sua vadiagem lúdica.<sup>221</sup>

Em março de 1962, terminou *O Arquipélago* e resolveu que no mês seguinte embarcaria para Atenas com Mafalda. Estava na hora de tirar férias. Durante o trajeto, tiveram a oportunidade de visitar vários monumentos e fizeram amizade com o embaixador do Brasil.

Durante um passeio noturno, o casal se deparou com uma agitação, um confronto entre a população e a polícia.<sup>222</sup> Desse fato riu com sua esposa, após ser retirado do conflito pelo embaixador,

---

<sup>221</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.39.

<sup>222</sup> A partir de 1955, os governos gregos são marcados pelo conflito entre o líder dos conservadores, Constantinos Karamanlis, e o dos socialistas, Georgios Papandreou, e pela crise com a Turquia por causa da disputa pela ilha de Chipre e por direitos territoriais no mar Egeu. Em 1967, um grupo de coronéis, sob a liderança de Georgios Papadopoulos, estabelece uma ditadura militar. A monarquia é formalmente abolida em 1973.

que acreditava que o casal encontrava-se no hotel para descansar e por isso recusara seu convite para jantar. Passaram a noite na embaixada e no dia seguinte embarcaram em uma excursão por sete dias pelo Egeu. Sobre a viagem à Grécia Erico pretendia escrever um livro que seria intitulado “Sol e Mel”, mas o projeto nunca foi concretizado.

Em junho retornaram aos Estados Unidos, onde em agosto presenciaram o nascimento do neto Eduardo. O casal sentia falta de casa e marcou o retorno para dois meses depois. Era outubro quando voltaram para o Brasil. Nesse comenos, Luis Fernando havia amadurecido e parecia ao pai mais sério e centrado.

No começo de 1963, D. Bega não andava bem. O médico Dr. Franklin Verissimo, após alguns exames, diagnosticou câncer de pulmão. Ela morreu sem jamais questionar sobre a doença que tanto temia.

Não vejo razão para entrar em pormenores para mim dolorosos... Minha mãe foi hospitalizada em agosto de 1963. Câncer de pulmão... Minha mãe jamais procurou saber do que sofria. Seu pavor ao câncer fora sempre tão grande que ela temia pronunciar essa palavra, substituindo-a pela

expressão aquela doença... No dia 12 de outubro daquele mesmo ano, por volta do meio dia, minutos depois que meu irmão e eu deixamos o seu quarto, D. Bega morreu com a discrição e a dignidade com que sempre tinha vivido.<sup>223</sup>

No final daquele ano, Erico e Mafalda souberam que Luis Fernando iria se casar, o que ocorreu em 1964. Como o pai, o jovem foi rápido e de poucas palavras; a noiva trabalhava com ele. Os pais se encantaram com a jovem e já começaram a pensar nos netos que teriam.

Ainda no ano de 1963, Erico pensou em escrever seu livro sobre a Grécia. Todavia, consultando suas anotações, não encontrou a coerência ou a matéria-prima necessária a um romance. Então, rascunhou a imagem de um homem que o fazia lembrar da visita a Caracas. Começava a nascer o romance *O Senhor Embaixador*<sup>224</sup>, sobre um homem latino-americano envolvido na política norte-americana.

---

<sup>223</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.55.

<sup>224</sup> Na pequena ilha de Sacramento, república imaginária no Caribe, explode uma revolução. Don Gabriel Heliodoro Alvarado, embaixador em Washington e compadre do tirano, volta ao país natal para defender seu amigo contra as forças rebeldes. Mas os guerrilheiros comunistas triunfam e prendem o Senhor Embaixador, figura que é a expressão do típico caudilho. Primeiro livro publicado após *O Tempo e o Vento*, é um retrato crítico e mordaz dos problemas políticos que assolam a América Latina.

Sempre que começava a escrever um livro, tinha uma intenção, e a de *O Senhor Embaixador* era discutir as relações políticas entre a América Latina e os Estados Unidos, assim como a participação de intelectuais idealistas na política.

O autor, após criar o ambiente e as estratégias do romance, dedicou-se aos personagens e neles colocou um pouco de si.

Emprestei a essas figuras fictícias várias de minhas doenças, gostos e hábitos. Ao Dr. Jorge Molina leguei a minha discopatia degenerativa<sup>225</sup>. A Rosalia, a minha vagotonia<sup>226</sup>. A Pablo Ortega e ao Dr Leonardo Gris, minha afeição pela música barroca. Ao pai de Pablo, o meu enfarte...<sup>227</sup>

Em 1965 tornou-se avô de Fernanda, filha de Lúcia e Luis Fernando. Para o avô, a menina tinha traços de Sebastião

---

Concebido sob o impacto da Revolução Cubana e publicado um ano após o golpe de 1964.

<sup>225</sup> Degeneração do disco da coluna devido ao processo de envelhecimento do nosso corpo. Consiste na perda da capacidade de amortecimento pela redução na altura e pelo endurecimento das estruturas discais. Por isso, o sintoma mais comum é a dor na região lombar, de caráter incomodativo, mas que pode evoluir com crises de dor bastante intensa e, geralmente, durando bastante tempo.

<sup>226</sup> Alteração de uma parte do sistema nervoso (o Sistema Nervoso Autônomo). Os seus sintomas principais são a bradicardia (lentidão do ritmo cardíaco), estreitamento das pupilas, queda da pressão sanguínea, hiperacidez gástrica, câimbras e o resfriamento de mãos e pés.

<sup>227</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.59.

Verissimo. No mesmo ano publicou *O Senhor Embaixador* e voltou para os Estados Unidos<sup>228</sup>.

Em 1966 viajou a Israel, e em 1967 publicou *O Prisioneiro*<sup>229</sup>. Seis anos depois seria a vez de *Incidente em Antares*<sup>230</sup>, sua penúltima publicação, datada de 1973, seguida do primeiro volume de *Solo de Clarineta*.

O escritor faleceu em 1975 deixando o segundo volume de *Solo de Clarineta* inacabado. Suas memórias ficaram cortadas no ponto de sua viagem aos Estados Unidos em 1965.

---

<sup>228</sup> Aqui se encerra a narrativa do autor em *Solo de Clarineta*. As informações que seguem foram acrescentadas ao Segundo Volume por Flavio Loureiro Chaves, autor de *Erico Verissimo: O Escritor e seu Tempo*, a pedido da família e baseando-se em seus manuscritos e anotações, tentando manter o desejo do autor em sua obra. Erico pretendia continuar seus relatos de viagem e acrescentar uma terceira parte que seria a amarra entre as outras. Esse texto não foi terminado, porém foi acrescentado pelo editor ao segundo volume de *Solo de Clarineta*.

<sup>229</sup> Envolvido numa guerra fratricida em terra estrangeira, um tenente prestes a voltar ao seu país presencia uma cena dramática: uma bomba destrói o bordel onde ele estava poucos momentos antes e mata a moça por quem se apaixonara. Um dos terroristas, capturado logo depois pelas forças aliadas, é um jovem de apenas 19 anos cujas feições o remetem à amante morta. O coronel encarrega o oficial de interrogar o prisioneiro e descobrir o paradeiro de uma segunda bomba. O tenente tem duas horas para obter a verdade. O romance se inspira nos eventos da Guerra do Vietnã.

<sup>230</sup> Em dezembro de 1963, uma sexta-feira 13, a matriarca Quitéria Campolargo arregala os olhos em sua tumba, imaginando estar frente a frente com o Criador. Mas logo descobre que está do lado de fora do cemitério da cidade de Antares, junto com outros seis cadáveres, mortos-vivos como ela, todos insepultos. Uma greve geral na cidade, à qual até os coveiros aderiram, impede o enterro dos mortos. Os defuntos, já em putrefação, resolvem reivindicar o direito de serem enterrados - do contrário, ameaçam assombrar a cidade. Seguem pelas ruas e casas, descobrindo vilanias e denunciando mazelas. O mau cheiro exalado por seus corpos espelha a podridão moral que ronda a cidade. Lançado em 1971, em plena ditadura militar, aborda temas como tortura, corrupção e mandonismo.

### 3.4 ÚLTIMAS ANOTAÇÕES: O ESCRITOR E O ESPELHO

Por ocasião dos preparativos para o lançamento do conjunto de sua obra em cinco volumes pela Editora Aguilar, em 1966, Erico começou a escrever uma pequena autobiografia para inserir na publicação, intitulada “O Escritor diante do espelho”, mas, com sua morte, o texto ficou inacabado e não teve a revisão do escritor. Esse texto, em que fez uma análise de sua personalidade, seria o último capítulo de *Solo de Clarineta*. Seria a amarração entre sua vida e os romances. Os originais tinham anotações que demonstram que pretendia reescrever algumas passagens e eliminar outras.

[...] depende da ocasião. Nos momentos escuros, minha tendência é considerar tudo quanto produzi até hoje medíocre ou mesmo mau. Nas horas claras, porém, olho com mais indulgência para a minha própria obra e concluo que, dentre os vinte poucos livros que até esta data escrevi, uns três ou quatro possuem alguma importância, e pelo menos um

deles – creio que O continente – talvez me sobreviva por algum tempo.<sup>231</sup>

Erico considerava-se um contador de histórias.

Desde o minuto em que nasce, a criatura humana não só entra na história, da qual não poderá jamais livrar-se, como também começa a sua história. Não conheço biografia que, por mais erudita, seca e sem imaginação que seja, consiga fugir de contar uma história.<sup>232</sup>

Para ele, o escritor deveria estar envolvido com o homem e a vida, e não vinculado a questões políticas se não o desejasse. Considerava-se um humanista socialista e dizia que o radicalismo tanto de direita como de esquerda eram faces do mesmo tipo de totalitarismo. Comparava o ser escritor ao ser ator, afirmando que ambos representam múltiplos papéis.

Que espécie de homem sou eu? Creio que deixei nestas memórias – que alguns talvez possam classificar como autobiografia – elementos que

---

<sup>231</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.258.

<sup>232</sup> Ibidem. p.258.

podem ajudar o leitor a encontrar resposta a essa pergunta.<sup>233</sup>

O escritor, de alguma maneira, se encontra em sua obra<sup>234</sup>, se não de maneira literal, nas nuances de alguns personagens, da maneira como ele se via ou gostaria de ser visto pelos outros. Jeitos ou características deixam a criatura parecida em certos aspectos com seu criador.

[...] Depois que publiquei O Arquipélago, muitos leitores quiseram saber se a personagem Floriano Cambará é autobiográfico. Ora, parece-me ter deixado claro que, no que diz respeito a fatos, nossas vidas diferem muito uma da outra. Nem todas as coisas que aconteceram a Floriano aconteceram a este contador de histórias. Poder-se-ia dizer, isso sim, que psicologicamente Floriano e eu somos irmãos gêmeos ou sócias.<sup>235</sup>

---

<sup>233</sup> VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**: memórias. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.266.

<sup>234</sup> MARCHI, Diana Maria. Erico Veríssimo: profissão, escritor. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art12.pdf>>.

<sup>235</sup> VERISSIMO, op. cit., p.266.

A escrita de suas memórias assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sob ela a “sua verdade”. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.<sup>236</sup>

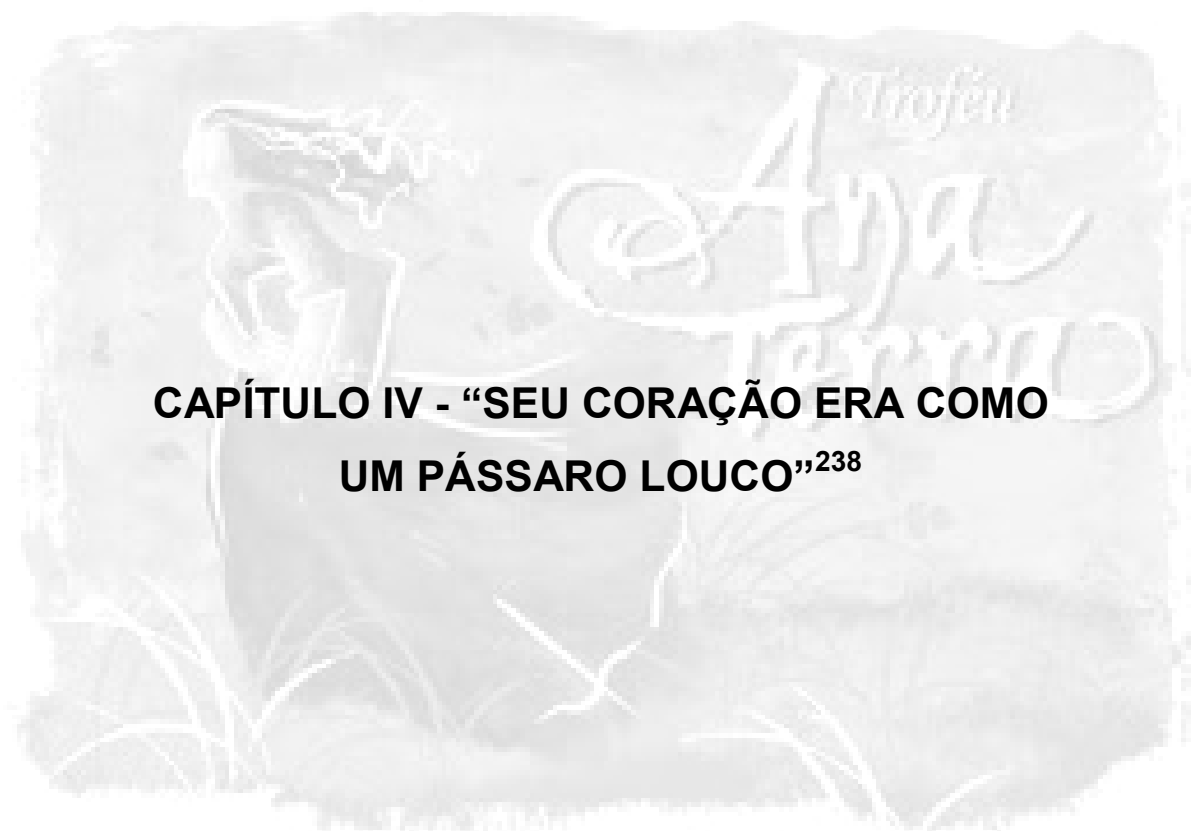
O trabalho de crítica exigido pelo documento não é maior ou menor do que o necessário em qualquer outra fonte de análise. No entanto, deve levar em conta determinadas características próprias, tais como as relações do texto com seu “autor”, seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária do “eu”.<sup>237</sup>

---

<sup>236</sup> GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p.14.

<sup>237</sup> BINS, Suzana Borges da Fonseca. O tempo e o Vento: ou a crítica da tradição. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. p.115-127. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art10.pdf>>. GOMES, op. cit., p.14.





**CAPÍTULO IV - “SEU CORAÇÃO ERA COMO  
UM PÁSSARO LOUCO”<sup>238</sup>**

---

<sup>238</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.274. Sensação de Bibiana no romance ao ser convidada pelo Capitão Rodrigo para dançar na festa de casamento da prima de seu pai.

O quarto capítulo discute as relações de gênero e a construção do feminino na obra de Erico Verissimo, situando a produção do autor em seu contexto histórico. Trabalha-se com personagens de destaque como Ana Terra e Bibiana Terra, observando as relações de gênero com família, amigos e sociedade.

#### 4.1 DA FORÇA DA TERRA NASCE ANA

As mulheres marcam a narrativa do romance *O Tempo e o Vento*. No primeiro volume – *O Continente* – Ana Terra é apresentada ao leitor, sendo sua história centrada na trajetória de sua família. Filha de Henriqueta e Maneco Terra, a jovem vive com os pais e os irmãos em uma estância afastada do mundo.

A família tem uma vida rústica e sem luxos e a moça, como qualquer jovem, pensa em viver na cidade<sup>239</sup>, deseja mudar de vida, conhecer pessoas, ir a festas e arrumar um bom casamento, que figurava para a mulher sua forma de realização, segundo os

---

<sup>239</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

padrões morais da época. Ao lado da figura do marido, estaria protegida do mundo e deixaria de ser um fardo para a família, que não teria mais de se preocupar com seu sustento e sua honra, pois essas funções passavam para o marido após a união. Este, por sua vez, ganharia uma esposa, alguém que cuidaria de sua casa, filhos e o esperaria sempre calada e submissa, sem questionar seus casos ou gastos, pois não cabia à mulher controlar seu esposo.<sup>240</sup>

O cotidiano<sup>241</sup> era sempre igual: acordar cedo e cuidar dos afazeres de mulher, esquentar água para o chimarrão dos homens, tratar os animais, cuidar da casa, da horta, do galinheiro, entre outras tarefas femininas.

Mas havia épocas em que não aparecia ninguém. E Ana só via a seu redor quatro pessoas: o pai, a mãe e os irmãos... Não havia outro remédio – achava ela – senão trabalhar para esquecer o medo, a tristeza, a aflição... Acordava e pulava da cama, mal raiava o dia. Ia aquecer a água para o chimarrão dos homens, depois começava a faina diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos do

---

<sup>240</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>241</sup> MATOS, M. Izilda Santos. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002. SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

quintal, lavar a roupa. Por ocasião das colheitas ia com o resto da família para a lavoura e lá ficava mourejando de sol a sol.<sup>242</sup>

A mulher era colocada em uma posição de submissão, pois sua vida dependia dos interesses da família e do marido. A ela cabia aceitar as vontades alheias, sem direito de questionamento perante a sociedade.

Entre as personagens femininas do romance Ana Terra é representada como forte e enigmática, vivendo no século XVIII, em uma região de disputa de terras entre portugueses, índios, missioneiros e espanhóis. Nesse período, tratados foram assinados a fim de resolver a questão das terras.<sup>243</sup> No entanto, Ana e sua família viviam sob constante ameaça de conflitos e da partida dos homens para a luta, já que cabia a eles o domínio do público, e à mulher o domínio do privado.

As mulheres deveriam ser fortes e capazes de sobreviver a qualquer adversidade. Nesse contexto, não havia espaço para sonhos de menina.

---

<sup>242</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.103.

<sup>243</sup> O **Tratado de Madrid** definiu os limites entre as respectivas colônias sul-americanas. CALMON, Pedro. **História diplomática do Brasil**. Belo Horizonte: Livraria Editora P. Bluhm, 1941.

A força feminina centrava-se na possibilidade de suportar a rotina do campo sem dificuldade e saber ser útil aos homens da família quando necessário, fosse no trabalho da roça, no apoio na guerra ou tornando-se o esteio da família na falta do chefe da casa.

[...] Foi como se estivesse enxergando outra pessoa: uma moça de olhos e cabelos pretos, rosto muito claro, lábios cheios e vermelhos. Não tinha sequer um caco de espelho em casa, e, no dia em que pedira ao irmão que lhe trouxesse de Rio Pardo um espelhinho barato, o pai resmungara que era uma bobagem gastar dinheiro em coisas inúteis. Para que queriam espelho naqueles cafundós onde Judas perdera as botas?<sup>244</sup>

Apesar da dura rotina, ainda existia espaço para a vaidade. Seu desejo por um espelho expressava sua feminilidade<sup>245</sup>. Mesmo longe da cidade e cercada por homens da família, sonhava em se casar, e a beleza era elemento necessário para a realização de seu

---

<sup>244</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.104.

<sup>245</sup> BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>. BORELLI, Andrea. **Matei por amor!** Representações do Masculino e Feminino nos crimes passionais (São Paulo nos anos 20 e 30) . Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

desejo. Já seu pai, Maneco, ao colocar a inutilidade do objeto, representa a incompreensão masculina. Amava a filha e a queria feliz, mas isso não significava viver na cidade ou a realização de seus sonhos.

A utilização do espelho como elemento da narrativa expressa a fantasia da personagem na obra. Com o objeto, a jovem pode se olhar e tentar buscar seu “eu”, seus sonhos, seus desejos, pois representa um elemento mágico, uma fuga da realidade. Possibilita à personagem ver o que quiser, e não o real; assim, sua visão torna-se uma reconstrução da realidade.<sup>246</sup>

A vida que Maneco proporcionava aos seus na estância era sua concepção de felicidade. Assim, cumpria seu papel de marido e pai. Para ele, moça da cidade não prestava para ser esposa, pois se encontrava impregnada de vícios mundanos, como a vaidade, maldade, maledicência, e não havia sido preparada para a vida dura do campo e do trato com os animais<sup>247</sup>. A feminilidade tornar-se-ia um problema ao estilo de vida rústico e uma ameaça à honra

---

<sup>246</sup> BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas, SP: Papyrus, 1992. ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. GAIARSA, José Angelo. **O espelho mágico: um fenômeno social chamado corpo e alma**. São Paulo: Summus, 1984.

<sup>247</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

do marido, pois o excesso de beleza traria riscos, como adultério, estupro e sequestro, que seriam a desonra do marido e sua família.<sup>248</sup>

[...] repetiu um ditado que aprendera nos campos de Vacaria: - Pra essas éguas da cidade não há cabresto nem palanque.

Não queria que os filhos casassem com moça da vila, dessas que não gostam de campo e só pensam em festas, roupas e enfeites.<sup>249</sup>

Como pai, cabia a ele determinar o que seria melhor para seus filhos, e a cidade era vista como um espaço de futilidade, pouco trabalho e agitação, que fariam mal à jovem de família honesta.

Maneco Terra não conseguia entender o mundo pelo olhar da filha e muito menos os sentimentos que apertavam seu coração.

---

<sup>248</sup> FAGUNDES, Antônio Augusto. Tradicionalismo gaúcho no mundo. **Jornal Zero Hora**. Segundo Caderno. Porto Alegre, 6 fev. 1999. GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/ Editora 34, 1998.

<sup>249</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.124.

Como homem do campo e chefe de família, desconhecia as mulheres e suas necessidades.<sup>250</sup>

Ana tinha o que necessitava da família: casa, comida, segurança e uma cama. Trabalhar todos os dias preencheria sua vida e nada lhe faltaria. O estudo não era valorizado por Maneco; o valor estava no trabalho obtido com o suor do rosto.

A educação feminina no Brasil assemelhou-se, durante muito tempo, à educação dada às mulheres em Portugal. Na tradição ibérica, por sua vez, a mulher deveria restringir-se a cuidar da casa, do marido e dos filhos, rara poucas exceções a grande maioria era educada em casa e essa educação restringia-se a prendas domésticas, à leitura de livros piedosos e morais e a rudimentos de escrita: aprendizado suficiente para administrar uma casa e comandar escravos.<sup>251</sup>

---

<sup>250</sup> MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. PESAVENTO, Sandra J. Cidades Imaginárias: Literatura, História e Sensibilidades. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.6, Ano VI, n.1. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

<sup>251</sup> RIBEIRO, Arilda Inês M. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Dessa forma, Ana levava a vida escondendo-se de todos. Suas dores e tristezas eram guardadas para si, nunca compartilhadas.<sup>252</sup>

A liberdade de seus pensamentos só existia em meio à solidão da natureza. Nesses instantes, se deixava levar pelos sonhos de mulher e pelas lembranças de momentos especiais, como a visita do guerrilheiro Rafael Pinto Bandeira<sup>253</sup>, que dissera a ela como era bonita. A natureza surgia para a personagem como um lugar seguro, longe dos olhares de repreensão do pai e dos irmãos, no qual poderia se deixar levar por seus pensamentos e se perder em seus sonhos.<sup>254</sup>

---

<sup>252</sup> MATOS, M. Izilda Santos. **Dolores Duran**: Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

<sup>253</sup> **Rafael Pinto Bandeira** (Rio Grande, 16 de novembro de 1740 – Rio Grande, 9 de abril de 1795) foi um militar brasileiro. Comandou inúmeras batalhas em defesa das possessões portuguesas no Rio Grande do Sul, à época Capitania de São Pedro do Rio Grande. Esteve ininterruptamente envolvido em campanhas militares desde 1754, com 14 anos incompletos, até 1777, quando Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Santo Ildefonso, que deu certa estabilidade às fronteiras meridionais do Brasil, pois foi seguido de demarcação demorada e detalhada dos limites de cada império.

Erico utilizou-se de personagens históricos para construir uma narrativa em que a ficção e a realidade se misturam, dando verossimilhança ao texto.

CÉSAR, Guilhermino. As Raízes Históricas. In: PRUNES, Lourenço Mário et. al. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. Porto Alegre: Globo, 1964. COSTA, Eimar Bones da (ed). **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 1998. QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003

<sup>254</sup> WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

O vento sacudiu o penacho do major. Pois é, dona, quando o último castelhano for expulso, vamos ficar dono de todo o Continente, e poderemos ter cidade como na Europa. Nesse dia precisaremos de moças bonitas e trabalhadeiras como vossa mercê.<sup>255</sup>

O casamento era mais uma etapa da trajetória feminina<sup>256</sup>, fazendo parte da vida da mulher, que estava ligada à família. E para Ana representava ainda a chance de sair da estância para uma nova vida.

O cotidiano de Ana figurava o destino que a jovem rejeitava. D. Henriqueta era a personificação da submissão, existia para atender às ordens do marido, jamais o contrariava ou expunha um desejo. Seus dias dividiam-se entre os tratos da casa e os cuidados com a família.

A mãe de Ana Terra era a representação do modelo de feminilidade calma, submissa e sem sonhos, guardando para si seus sentimentos, sem jamais aborrecer o marido com essas

---

<sup>255</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.105.

<sup>256</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

“besteiras” de mulher.<sup>257</sup> Por vezes, D. Henriqueta perdia-se em sua memória de uma outra vida, em São Paulo, com sua família, antes de seu casamento com Maneco Terra, que sonhava em migrar para o Rio Grande, assim como fizera seu pai, Pedro Terra.

A mulher ressentia-se de viver na solidão, do que havia perdido estando naquele lugar e da forma como seus filhos cresceram. Porém, como mandava a tradição, o papel da mulher era seguir o marido e esperar os acontecimentos da vida.<sup>258</sup>

E eles vieram... E já tinham pago bem caro àquela loucura. O Lucinho lá estava enterrado em cima da coxilha. E, quanto mais o tempo passava, mais o marido e os filhos iam ficando como bicho naquela lida braba... Parecia que a terra ia se entranhando não só na pele como também na alma deles.<sup>259</sup>

---

<sup>257</sup> MATOS, M. Izilda Santos. **Dolores Duran**: Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero**: a construção da identidade feminina. Rio Grande do Sul: Educs, 2006.

<sup>258</sup> MATOS, op. cit., 1997.

<sup>259</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.108.

Ao criar uma mulher submissa ao marido, o autor expôs sua leitura das experiências vividas pelas mulheres de sua época.<sup>260</sup>

D. Henriqueta respeitava o marido, nunca ousava contrariá-lo. A verdade era que, afora aquela coisa de terem vindo para o Rio Grande e umas certas casmurrices, não tinha queixa dele. Maneco era um homem direito, um homem de bem, e nunca a tratara com brutalidade. Seco, calado e opiniático – isso ele era. Mas quem é pode fugir ao gênio que Deus lhe deu?<sup>261</sup>

Os perfis de comportamentos femininos e masculinos se constroem em função mútua, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados.<sup>262</sup>

Já Ana seria a outra parte de sua mãe, a força de romper com a tradição e lutar por seus filhos, separar-se do marido e seguir sua vida. Uma mulher forte que enfrenta as adversidades e não se

---

<sup>260</sup> VÉSCIO, Luís Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). **Literatura e História: Perspectivas e Convergências**. São Paulo: EDUSC, 1999.

<sup>261</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.109.

<sup>262</sup> SANTOS, Dulce Amarante dos. Mulheres: O cruzamento de dois imaginários. In: MATOS, M. Izilda Santos de; SOLER, M. Angélica (Orgs.). **O Imaginário em Debate**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1998. p.15.

abate diante da dor e do pensamento dos outros, mas que sonha com o modelo de feminilidade da época.

#### 4.2 O AMOR E DESEJO

Isolada naquele mundo e tendo como único padrão de feminilidade a mãe, Ana não conhecia o amor, que chegou na figura do índio Pedro Missioneiro, encontrado ferido perto de sua casa.

Apaixonar-se por um índio configurava uma ruptura, já que os índios eram vistos de maneira crítica pela sociedade. Dizia-se que não possuíam alma e não podiam ser cristãos, tinham má índole e não respeitavam ninguém. Assim, criava-se a justificativa do colonizador para tomar suas terras e destruir seu povo. Nesse contexto, o amor de uma mulher por um índio não era visto com “bons olhos”, ao contrário, representava a desonra dela e de sua família.

Ao apresentar a relação amorosa entre a jovem e o índio, o escritor ratifica a ideia da fundação da nação baseada na miscigenação étnica e cultural, constituindo assim a nação brasileira.

Esse homem trouxe para Ana sentimentos novos e desconhecidos; odiava-o, mas não conseguia ficar longe dele. Durante os dias em que o rapaz ficou inconsciente sob os cuidados da família, coube a Ana tratá-lo, e isso a exasperava, pois não sabia dominar seus sentimentos. Fora da família, tivera poucos contatos com homens.

Pedro recuperou-se e foi ficando na estância, para ajudar na lida com os animais. Nesse convívio o sentimento de Ana crescia e tornava-se incontrolável. Atraía-lhe a figura do índio, que sabia histórias, ler e escrever, recitava latim e tinha uma vida de aventuras, como um herói, que Ana não conhecera, mas esperava encontrar um dia. Contudo, entre homens como o pai de Ana, a educação não era tão valorizada quanto o trabalho. Assim, a jovem nunca teve a oportunidade de aprender a ler ou escrever.

Se para ela Pedro era uma alternativa na vida, para sua família ele era um índio e merecia pouca consideração e certa desconfiança. Suas histórias de como fugira da missão<sup>263</sup> quando

---

<sup>263</sup> Os primeiros jesuítas chegaram ao território brasileiro em março de 1549, juntamente com o primeiro governador-geral, Tome de Souza. Comandados pelo **Padre Manoel de Nóbrega**, quinze dias após a chegada edificaram a primeira escola elementar brasileira, em Salvador. As Missões no Brasil foram resultado do Concílio de Trento, que estabeleceu novas regras para a cristandade, com o objetivo de

menino e lutara contra os castelhanos não impressionavam o pai e os irmãos da mesma maneira que impressionavam a jovem.

E assim Pedro Missioneiro foi ficando na estância dos Terras, e passou a morar numa barraca de taquara coberta de palha, que ele mesmo ergueu na encosta da coxilha, não muito longe da sanga.<sup>264</sup>

Para Maneco, o índio só servia para trabalhar e domar cavalos selvagens; foi isso que lhe garantiu a permanência na estância. Ana recusava-se a demonstrar qualquer interesse pelo índio, não entendia seus próprios sentimentos, mas ficava constrangida quando o encontrava e evitava olhar em seus olhos: “Não tinha coragem para encará-lo de frente. Quando o via, sentia uma coisa que não podia explicar: um mal-estar sem nome, mistura de acanhamento, nojo e fascinação.”<sup>265</sup>

Seus sentimentos eram ambíguos, tanto que chegava a ter vontade de judiar do índio. Como qualquer jovem, sonhava com

---

diminuir o impacto das novas igrejas protestantes. FREITAS, Décio. **Missões** - Crônica de um Genocídio. Porto Alegre: Movimento, 1997.

<sup>264</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.116.

<sup>265</sup> Ibidem. p.117.

alguém que pudesse tirá-la daquela vida dura de trabalho e amá-la como nas histórias românticas.

Apesar dos sonhos românticos<sup>266</sup>, não sabia como vivenciá-los, pois nunca fora apresentada a formas de sedução. Criada sozinha, não estava acostumada a demonstrar sentimentos e cuidados a um homem que não fosse da família, tampouco a recebê-los.

Ana sonhava com a cidade e em poder sair da estância, passando a frequentar festas e a conviver com a agitação. Sempre que um de seus irmãos viajava, ficava encantada com as novidades que contavam. Desenvolvera uma visão idílica da cidade e de seus moradores.

Toda essa curiosidade de Ana incomodava Maneco Terra, que sonhava com outro caminho para os filhos. Ele quis sair da cidade e ir para o campo, ganhar uma sesmaria. Tinha orgulho de ser dono das terras em que morava com a família e desejava deixá-las como herança.

---

<sup>266</sup> REZENDE, Valdeci. **Histórias Românticas na Corte Imperial: O Romance Urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870)**. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

O sentimento de Ana pelo índio Ihe causava dúvida, provocava a ruptura com a infância e a chegada da fase adulta. A jovem não sabia interpretar seu desejo. Ao mesmo tempo que queria manter os valores familiares e não romper com o modelo vigente, sentia desejo pelo desconhecido, proibido, por algo que nunca tivera. A possibilidade de fugir daquela vida e seguir seu coração a assustava, mas a fascinava, demarcando a transição da menina para a mulher Ana Terra que marca a narrativa de *O Continente*.<sup>267</sup>

As representações da cidade eram negativas, enquanto o campo era positivado pela tranquilidade. Maneco tinha aversão aos sujeitos urbanos, cuja organização social considerava uma afronta. As terras eram divididas entre poucos homens com dinheiro enquanto a maioria não tinha nada. E o governo, na incapacidade de criar um exército eficaz em sua defesa, precisava da ajuda dos estancieiros, que se sentiam donos do mundo.

---

<sup>267</sup> PESAVENTO, Sandra J. *Cidades Imaginárias: Literatura, História e Sensibilidades*. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.6, Ano VI, n.1. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2009. PESAVENTO, Sandra J. *História Cultural & Multidisciplinaridade*. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.4, Ano IV, n.4. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

Enquanto seu pai seguia seu cotidiano na estância, Ana sonhava com a cidade e uma mudança de vida. Agora também tinha Pedro para tomar conta de seus pensamentos. Sentia o desejo consumindo seu corpo e rejeitava essa ideia, tentando se convencer de que tinha aquela sensação somente porque ele era o único homem na casa que não pertencia à sua família.

Ana estava inquieta. No fundo ela bem sabia o que era, mas envergonhava-se de seus sentimentos. Queria pensar noutra coisa, mas não conseguia. E o pior é que sentia o bico dos seios e o sexo como três focos ardentes. Sabia o que aquilo significava.<sup>268</sup>

A jovem não compreendia o que estava sentindo pelo índio, pois não fora educada para compreender as mudanças em seu corpo e certos sentimentos. Sua mãe jamais conversara com ela sobre coisas femininas. Havia uma moral que impedia a mulher de conhecer sua intimidade ou discutir seus sentimentos.

---

<sup>268</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.127.

O casamento era a chance de a mulher exercer o seu papel de esposa e mãe. O sexo com prazer era para o homem; para a mulher, significava a reprodução.<sup>269</sup>

Sem conhecer seus sentimentos ou desejos, Ana entregou-se a Pedro Missioneiro na sanga<sup>270</sup>. O que os unia poderia não ser amor, e sim uma atração física. Era, para ela, a possibilidade de se relacionar com alguém fora de seu mundo, alguém que havia participado de guerras, viajado... Ele representava a emoção que faltava em sua vida. Ao lado dele, poderia deixar a estância e começar uma vida em outro lugar.

Uma tarde, à hora da sesta, Ana Terra tornou a sentir aquela agonia de outras tardes e noites. Era uma sensação que não saberia descrever a ninguém... Tinha sensação de que lhe faltava alguma coisa no corpo, como se lhe houvessem cortado um pedaço do ser...

Ana Terra começou a descer a encosta que levava à sanga...

Ana então sentiu, mais que viu, que era Pedro. Quis gritar, mas não gritou. Pensou em erguer-se, mas

---

<sup>269</sup> AGUIAR, Flávio. Mulheres de Érico. **Via Atlântica**. n.2. FFLCH-USP. São Paulo: Humanitas, 1999. ALENCAR, Francisco. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996. ALENCASTRO, Luís Felipe (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>270</sup> Córrego de água.

não se ergueu... Sentiu quando o corpo do índio, soltou um gemido quando a mão dele lhe pousou num dos seios, e teve um arrepio quando essa mão lhe escorregou pelo ventre, entrou-lhe por debaixo da saia e subiu-lhe pelas coxas como uma grande aranha-caranguejeira. Numa raiva Ana agarrou com fúria os cabelos de Pedro, como se os quisesse arrancar.<sup>271</sup>

Ao ato se seguiu o sentimento de culpa e vergonha, pois a jovem não sabia lidar com seus desejos, tampouco entendia de fato o que tinha se passado. Havia ainda o risco de uma gravidez, que seria a confissão de sua desonra.<sup>272</sup>

Os dias que se seguiram foram para Ana Terra dias de vergonha, constrangimento e medo. Vergonha pelo que tinha passado; constrangimento perante Pedro, quando o encontrava diante das outras pessoas da casa; e medo de que estas últimas pudessem ler nos olhos dela o que havia acontecido.

---

<sup>271</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.133.

<sup>272</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. A memória da Terra: missão feminina - Leitura do Sul do Brasil a partir d'O Tempo e o Vento, de Erico Verissimo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo: o romance da História**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

Ana, confusa com a situação, temia que os outros descobrissem. Sentia vergonha até mesmo com Pedro, afinal, havia se deixado dominar por seu corpo, deixando de lado o recato e perdendo sua honra.<sup>273</sup>

O próprio Erico se perguntaria: “No fim das contas, que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo? Ódio? Pena?” A ideia do amor romântico<sup>274</sup> não é apresentada na personagem, ao contrário, o autor criou a ideia do amor físico, voltado para atender às necessidades do corpo e mais próximo da dimensão das personagens que vivem no campo, longe de um conceito de “civilidade”.

Tomada por uma série de sentimentos, Ana descobre sua gravidez. Esse fato lhe traz desespero, pois compreende a situação como a desonra sua e de sua família: “Num temor permanente passou a olhar para o ventre, a apalpá-lo, para ver se ele já começava a crescer.”<sup>275</sup>

---

<sup>273</sup> BORELLI, Andrea. **Matei por amor!** Representações do Masculino e Feminino nos crimes passionais (São Paulo nos anos 20 e 30). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

<sup>274</sup> REZENDE, Valdeci. **Histórias Românticas na Corte Imperial: O Romance Urbano de José de Alencar** (Rio de Janeiro - 1840-1870). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

<sup>275</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.136.

Sua esperança era que Pedro e ela fugissem e se casassem. Essa seria a solução de seus problemas, pois sairia daquela vida e não teria de enfrentar a ira da família, que poderia aceitar a união com a fuga.<sup>276</sup> Ana compreendia que uma humilhação como essa só poderia ser reparada com a morte do índio, e isso acabaria com seus sonhos de outra vida. Lavar a honra com sangue fazia parte do contexto da época, como uma forma de impedir o agressor de infligir nova humilhação à família ao contar o que se passara.<sup>277</sup>

A novidade de sua gravidez não teve impacto na vida de Pedro, que dizia que seu destino estava traçado e já profetizara que seria assassinado por dois homens. De fato, na noite em que Ana contou que estava grávida, ele foi assassinado pelos irmãos da moça, como forma de lavar a honra da família.

Pedro Missioneiro foi o elemento desencadeador da virada da personagem Ana Terra. A partir desse encontro, tem início a história dos Terra Cambará.

---

<sup>276</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>277</sup> BORELLI, Andrea. **Matei por amor!** Representações do Masculino e Feminino nos crimes passionais (São Paulo nos anos 20 e 30). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

Tomada pelo medo, Ana retornou à casa e encontrou sua mãe, para quem contou sua desgraça, obtendo seu apoio.

- Mas ele me mata, mamãe!
- Não mata, não. Teu pai é um homem de bem. Nunca pegou em arma a não ser para defender sua casa.
- A honra, a honra, a honra! A honra, mãe. Ele vai me matar.
- Não mata, minha filha, não mata.<sup>278</sup>

A mãe, ao se colocar ao lado da filha para apoiá-la, revela uma nova faceta de sua personagem, manifestando seus sentimentos quando ampara sua menina.

Do meio da sombra surge o pai, Maneco Terra, que a tudo escutara. Sem grandes demonstrações sentimentais, ordena aos filhos que matem Pedro Missioneiro, que é levado para longe e assassinado.

Tudo aconteceu muito rápido e Ana não compreendeu o que se passara. Estava tomada pela dor, desonra, medo e cansaço:

---

<sup>278</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.139.

“Quis gritar mas não teve forças... o corpo inteiro tremia, como se ela estivesse atacada de sezões.”<sup>279</sup>

Tomadas as providências, Maneco retorna para dentro da casa e D. Henriqueta segue o marido, vendo-o chorar pela primeira vez.

Ao entrar encontrou-o sentado, encurvado sobre a mesa, com a cabeça metida nos braços, soluçando como uma criança. Estavam casados havia quase trinta anos e aquela era a primeira vez que ela via o marido chorar.<sup>280</sup>

O choro de Maneco Terra expressa o sentimento de fracasso e humilhação diante da impossibilidade de proteger seu lar e sua família. A esposa nunca vira o marido chorar, pois o pranto não fazia parte do universo masculino e dos padrões de conduta da sociedade. O choro quase infantil era resultado da ruína do seu sonho de uma vida calma na estância, pois a desonra da filha mostrava-lhe que seu mundo perfeito não existia.<sup>281</sup>

---

<sup>279</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.140.

<sup>280</sup> Ibidem. p.140.

<sup>281</sup> BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Os posicionamentos culturais conservadores determinam que a construção da masculinidade e da virilidade se faz pela ausência de emoções palpáveis ou pela repressão de emoções e sentimentos. Chorar, de todas as formas de se expressar emocionalmente, é tida como um desprezível sinal de fraqueza e vulnerabilidade pois se qualifica como índice da incapacidade de se organizar interiormente.<sup>282</sup>

Após essa noite, não se falou mais do episódio. O cotidiano da família não foi alterado, a não ser pelo fato de ninguém falar com Ana, com exceção de sua mãe. Todos viviam como se nada tivesse acontecido, e a jovem estava morta para seu pai e seus irmãos. Quando recebiam visita, D. Henriqueta informava que a filha era viúva, como forma de esconder a vergonha da família.<sup>283</sup>

Enfrentando a indiferença do pai, Ana deu à luz Pedro Terra. O nascimento do menino não foi comemorado. Nenhum dos homens dirigia palavra à jovem, somente D. Henriqueta parecia importar-se com a filha.

---

<sup>282</sup> BARBOSA, Maria José S. Chorar, Verbo Transitivo. **Cadernos Pagu**. n.11. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/ Unicamp, 1998.

<sup>283</sup> MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Ao ouvirem os gemidos da rapariga, os três homens encilharam os cavalos, montaram e se foram, sem dizer para onde. D. Henriqueta viu-os partir e não perguntou nada.

Naquela noite nasceu o filho de Ana Terra. A avó cortou-lhe o cordão umbilical com a velha tesoura de podar. E o sol já estava alto quando os homens voltaram, apearam e vieram tomar mate. Ouviram choro de criança na cabana, mas não perguntaram nada nem foram olhar o recém-nascido.<sup>284</sup>

Três dias após o nascimento, Ana já estava em pé e de volta ao trabalho. Porém, agora, carregava o filho para todos os lugares. Tinha perdido os sonhos e sua vida se resumia a criar o filho e ver o tempo passar.

O menino não foi batizado, pois o avô temia a humilhação de todos saberem da desonra de sua casa. Como homem, não fora capaz de proteger a honra de sua filha, casa e família, permitindo que um índio seduzisse a menina e a desonrasse. Assim, expor a situação a todos da vila com o batismo do neto seria aumentar

---

<sup>284</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.144.

ainda mais a humilhação e desonrar ainda mais sua filha, que seria vista por todos como uma moça “perdida”.<sup>285</sup>

D. Henriqueta esperava que quando o neto começasse a andar o avô se derretesse pela criança, pois o menino se tornaria uma companhia para o velho. Já para ele o menino era a desgraça em pessoa e teria sido melhor se tivesse nascido morto.

Um dia D. Henriqueta sugeriu timidamente ao marido que levasse o neto ao Rio Pardo para que o vigário o batizasse. Maneco pulou furioso:

- No Rio Pardo? Estás louca. Pra tudo mundo querer saber quem é o pai da criança? Estás louca. Pra arrastarem meu nome no barro? Estás louca varrida.

- Então o inocente vai ficar pagão?

- O melhor mesmo era ele ter nascido morto – retrucou o velho.<sup>286</sup>

A indiferença da família não irritava mais a jovem mãe, que parecia anestesiada com o sofrimento, aceitando a vida que lhe era imposta sem discussão. A morte de Pedro e o nascimento do filho

---

<sup>285</sup> BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>. GONÇALVES, Robson Pereira. **O tempo e o Vento**: 50 anos. Santa Maria: EDUSC/ Ed. UFSM, 2000.

<sup>286</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.145.

havam levado Ana a assimilar a dimensão do seu papel de mulher: viver para atender os homens e sofrer em silêncio.<sup>287</sup>

Os anos se passaram e a família Terra começou a prosperar. Maneco comprou escravos, sementes e sonhava com o futuro da família. Fingiam não lembrar do passado, mas Ana ainda carregava mágoa dos irmãos.

Seu pai e seu filho tinham algo em comum, o gosto pela terra, fato que parecia aproximar o menino do avô. A compra dos escravos, no entanto, fez a mágoa da jovem vir à tona, após um comentário do irmão sobre os negros. Pela primeira vez em anos, o assassinato de Pedro Missioneiro foi lembrado.

- Vê agora se vai dormir também com um desses negros!

Ana estacou de repente no meio da sala, de cabeça alçada, olhos fuzilando, como uma cobra pronta a dar o bote. Olhou firme para o irmão e cuspiu a palavra que havia muito recalcava:

- Assassino!<sup>288</sup>

---

<sup>287</sup> DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**: raízes históricas do machismo brasileiro, a mulher no imaginário social, "lugar de mulher é na história". São Paulo: Contexto, 1989. DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

<sup>288</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.146.

Toda a dor de Ana, todo o sofrimento, toda a amargura explodiram em sua raiva. Finalmente saiu do peito tudo o que o apertava e ela pôde extravasar sua amargura e rancor. Dessa forma, colocava-se como uma mulher adulta e consciente de sua situação. Somente assim pôde seguir sua vida e recuperar sua autoestima.

Os anos se passavam e Ana tinha como único alento ver o filho crescer. Para ela, a vida estava acabada, pois cada dia era como uma cópia do anterior. Só restava deixar o tempo correr.

Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado, e no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembra-se de coisas...<sup>289</sup>

Era 1787 ou 1788 quando a morte de D. Henriqueta tirou de Ana sua única companheira de vida. Sentiu um certo alívio, pois finalmente sua mãe não sofreria mais naquela vida. Sentiu ainda um certo prazer em saber que, daquele momento em diante, o pai dependeria exclusivamente dela para os afazeres da casa. Os anos

---

<sup>289</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.147.

trouxeram maturidade para Ana e a fizeram perder a inocência e doçura.

Ana não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava. [...]

Ana olhava para o pai... Não sentia pena dele. Por que havia de ser fingida? Não sentia. Agora ele ia ver o quanto valia a mulher que Deus lhe dera. Agora teria de se apoiar na nora, ou nela, Ana...<sup>290</sup>

A família continuava com seu cotidiano: trabalhar no campo, cuidar dos animais e esperar o tempo passar. A novidade ocorreu no ano de 1789, quando Maneco trouxe as sementes de trigo para o plantio. Estava feliz por realizar seu sonho.

Pedrinho Terra já estava com onze anos e demonstrava a mesma afeição pela terra que seu avô. O trabalho no campo fixava o homem à terra e o dignificava. Assim, poderia colher da terra seu sustento, sem depender de ninguém ou ter de tirar dos outros para

---

<sup>290</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.148-149.

sobreviver. Novamente uma reflexão política se fazia presente na obra de Erico.<sup>291</sup>

#### 4.3 RENASCER: UMA NOVA ANA

A paz na estância foi interrompida com a invasão dos castelhanos<sup>292</sup>, entre 1789 e 1790, que na época destruíam tudo por onde passavam. E não foi diferente com a família de Ana. Seu pai e irmão foram assassinados nos confrontos, sua cunhada sobreviveu ao ataque ilesa, por ter se escondido na mata com a filha e o sobrinho, enquanto ela teve sua vida poupada após sofrer estupro.<sup>293</sup>

---

<sup>291</sup> BINS, Suzana Borges da Fonseca. O tempo e o Vento: ou a crítica da tradição. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. p.115-127. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art10.pdf>>. BORDINI, Maria da Glória. **Criação Literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: L&PM/ EDIPUCRS, 1995.

<sup>292</sup> A história Sul-Rio-Grandense é marcada por movimentos políticos e populares. Para maior compreensão do tema, ler: FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 8ªed. Porto Alegre: Ediplat, 2006. FLORES, Moacyr; FLORES, Hilda A. H. **Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893**. 3ªed. Porto Alegre: Martins, 2005.

<sup>293</sup> MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, estupro e purificação. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999. PIMENTEL, Silvia et al. **Estupro: crime ou cortesia? Abordagem sociojurídica de gênero**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1998. SEGATO, Rita Laura. A estrutura de gênero e a injunção do estupro. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal**. Brasília: Paralelo 15 e UnB, 1999.

Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entranhas... (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos.<sup>294</sup>

Ana sabia que se ficasse ao lado do pai para defender a estância correria o risco do estupro, mas achou melhor que fosse com ela do que com a cunhada, que era frágil e não sobreviveria a tamanha violência. Além do mais, ao contrário de Eulália, nunca se casara e não seria uma mulher desonrada para o marido.

Nesse contexto, o estupro significava:

[...] uma violência simbólica, mas também física, e além disso, o estupro é mostrado como um ato de linguagem corporal falado a outros homens através e no, corpo de uma mulher, sendo uma estratégia de guerra.<sup>295</sup>

---

<sup>294</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.157.

<sup>295</sup> MELO, A. C. **Ana Terra**: uma "tragédia fundadora". **Continente Multicultural**. Recife: fev. 2002. Disponível em: <<http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto>>

Ao proteger a cunhada, a personagem demonstra ter assimilado a mesma visão do pai quanto à inferioridade dos habitantes da cidade. Sua cunhada Eulália<sup>296</sup> fora trazida pelo irmão da cidade quando de seu casamento, de forma que era vista por todos da casa como uma moça frágil.

A força da mulher do campo se contrapõe à fragilidade da mulher da cidade. Porém, ao mesmo tempo que exalta essa sua “superioridade”, Ana se inferioriza, pois se coloca como uma mulher desonrada, a quem o estupro traria menos vergonha. Além disso, pertencia ao campo, onde as mulheres seriam mais fortes.

Tendo em vista que não era casada e, mesmo assim, tinha um filho, a personagem já apresentava uma desonra para a sociedade, de modo que nada poderia ser pior, nem mesmo o estupro. Já a cunhada era mulher honrada e, como moça da cidade, caracterizava-se pela fragilidade, de forma que não suportaria o ato.

Passado o choque, enterrados os mortos e sem nada restar da estância, Ana assume a família e ruma para Santa Fé, com a ajuda de viajantes que passavam pelo local. O povoado fora

---

\_ensaios3.htm>. MONTENEGRO, O. **O Romance Brasileiro**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

<sup>296</sup> Eulália era casada com seu irmão Antonio, enquanto seu outro irmão Horácio vivia na cidade e era dono de venda.

fundado pelo Coronel Ricardo Amaral e estava em seu início. As sesmarias foram recompensa por seu serviço como soldado e foi nelas que se fixou após a expulsão dos espanhóis e o Tratado de Santo Ildefonso<sup>297</sup>, de 1777.

Chegando ao povoado, Ana conheceu, junto com o filho, o coronel e contou-lhe “sua história”. O marido havia morrido em uma guerra enquanto os outros homens da família foram assassinados por castelhanos. Terminada a conversa, Ana saiu com terras para começar uma nova vida e Pedro, encantado com o homem.

Ao se dizer viúva, recupera sua honra e tira do filho a humilhação que sua origem poderia criar, dando a Pedro a possibilidade de uma existência digna e honesta, sem preconceito e com sua masculinidade intacta, pois os erros da mãe poderiam manchar a honra do filho.<sup>298</sup>

Pedro olhava fascinado para as grandes botas do estancieiro e para as chinelas de prata que lampejavam ao sol.

---

<sup>297</sup> Tratado que visava a pôr fim às disputas entre Portugal e Espanha, pela colônia de Sacramento, revalidando o Tratado de Madrid.

<sup>298</sup> KONDER, Rodolfo. **A memória e o esquecimento**. São Paulo: Global, 1997. JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.

Quando ele se foi, o menino puxou o vestido da mãe e disse:

- Mãe, que velho bonito!

Ana sacudiu a cabeça devagarinho e acrescentou:

- E dizem que sabe ler e escrever.<sup>299</sup>

As escolas eram poucas e voltadas para um grupo elitizado. Por isso, saber ler e escrever era um sinal de superioridade e riqueza.

A família construiu um rancho e nele foi morar. Todos ajudaram e logo Ana e Pedro estavam morando na casa sem um único móvel, a não ser a velha roca de D. Henriqueta.

Ana trazia sempre consigo a velha tesoura de podar da mãe, pois acreditava que um dia ela teria serventia, e isso não demorou muito. Chamada para ajudar em um parto, utilizou a tesoura para cortar o cordão umbilical da criança e encontrou uma nova função para si, tornando-se a parteira da região.

---

<sup>299</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.157.

Nesse contexto, “As parteiras revelam-se como mulheres independentes, respeitadas e valorizadas, de outro, apontam para a vivência de situações de opressão e violência”.<sup>300</sup>

Desde esse dia Ana Terra ganhou fama de ter “boa mão” e não perdeu mais partos naquela redondeza. Às vezes era chamada para atender casos a muitas léguas de distância. Quando chegava a hora e algum marido vinha buscá-la, meio afobado, ela em geral perguntava com um sorriso calmo.

- Então a festa é pra hoje?

Enrolava-se no xale, amarrava um lenço na cabeça, apanhava a velha tesoura e saía.<sup>301</sup>

A função de parteira estava relacionada à ideia de formação da nação, pois cabia a ela trazer ao mundo os novos homens e mulheres que iriam contar a história rio-grandense.<sup>302</sup>

Em Santa Fé, Ana Terra criou seu filho, assistiu ao nascimento de seus netos, viu o povoado crescer, acompanhou guerras, sempre guardando na memória suas antigas experiências,

---

<sup>300</sup> MOTT, Maria Lucia. Parto. **Estudos Feministas**. Vol.10. n.2. Florianópolis, jul./dez. 2002.

<sup>301</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.174.

<sup>302</sup> MELO, A. C. Ana Terra: uma “tragédia fundadora”. **Continente Multicultural**. Recife: fev. 2002. Disponível em: <[http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto\\_ensaios3.htm](http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto_ensaios3.htm)>.

frequentemente trazidas à tona pelo vento que soprava. Ana morreu como viveu, de maneira simples. Sua lápide não tinha datas, somente uma inscrição: ANA TERRA - DESCANSA EM PAZ.

A personagem Ana Terra apresenta a força da mulher simples que ajudou na formação do Rio Grande do Sul.<sup>303</sup> Essa mulher aceita os valores impostos pela sociedade, resigna-se diante da adversidade, mas jamais deixa de lutar pelos seus.

Ana mostrava sentimentos conflitantes: ao mesmo tempo, amava, odiava e respeitava o pai, mesmo em seu final. O amor verdadeiro<sup>304</sup> foi descoberto ao lado do filho, que se tornou sua razão de viver.

#### 4.4 BIBIANA TERRA CAMBARÁ: O AMOR INCONDICIONAL

Bibiana Terra Cambará era filha de Pedro Terra com Arminda Terra e neta de Ana Terra. Nasceu em Santa Fé em 1806, para onde a avó levara o pai ainda pequeno. Cresceu vendo a luta diária para ganhar o pão. Da avó herdara o espírito de

---

<sup>303</sup> BACELAR, Armando. Ideologia e Realidade em Erico Verissimo. In: SEGUNDO Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. **Anais**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963.

<sup>304</sup> DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

sobrevivência e a força na hora da adversidade. A teimosia dos Terra marcava seu caráter.<sup>305</sup>

Era bonita e tinha pretendentes, entre eles Bento Amaral, que era perdido de amores pela jovem. Todavia, como a avó, parecia não ter interesse nos homens. Não entendia o motivo, pois Ana morreu sem revelar seus segredos. Pedro Terra preocupava-se com a filha, que já passara da idade de casar; estava com vinte e cinco anos, ao passo que as meninas costumavam se casar por volta dos treze.<sup>306</sup>

Essa demora para o matrimônio podia significar que a moça escondia algum problema que a impedia de ser uma boa esposa e mãe, o que traria, além da humilhação da família, a preocupação com seu futuro incerto e infeliz, pois o casamento representava a realização da mulher.

[...] Havia nela também muito da avó, principalmente a voz. Bibiana tinha crescido à sombra de Ana Terra, com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e

---

<sup>305</sup> PESAVENTO, Sandra Jatagy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo: O romance da História**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

<sup>306</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

doces e principalmente a avaliar as pessoas... Bibiana via muito os homens com os olhos desconfiados e cautelosos de Ana Terra.<sup>307</sup>

A jovem sentia muita falta da avó, que era sua confidente e amiga.

Depois que a velha morrera, Bibiana se sentira muito desamparada. Costumava confiar-lhe seus segredos e as duas muitas vezes ficavam horas conversando, costurando, fazendo marmelada ou enchendo lingüiça. A avó contava-lhe coisas do tempo em que era moça e morava com a família numa estância perdida no campo...<sup>308</sup>

O primeiro encontro com Rodrigo Cambará aconteceu quando foi com os pais visitar o túmulo da avó, no dia de finados de 1828. O Brasil vivia o império. A jovem ficou espantada, mas não pôde deixar de reparar no capitão.

Sentiu algo diferente por aquele homem, mas não compreendia bem o que era, e tinha observado que seu pai não

---

<sup>307</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.226.

<sup>308</sup> Ibidem. p.227.

gostava do forasteiro. Assim, continuou sua vida, procurando ajudar a mãe nos tratos da casa e não provocar tristezas a seu pai.

Bibiana não se lembrava de jamais se haver interessado tanto por um homem. Bento Amaral... não sentia nada se não aborrecimento perto dele, e quando o moço aparecia ela só desejava que ele fosse embora o quanto antes. No entanto, o desconhecido que ela vira aquela manhã no cemitério... não lhe saía da lembrança.<sup>309</sup>

Quando tinha oportunidade, ficava a observar o capitão Rodrigo e gostava de sua figura. Agora já entendia seu sentimento, estava apaixonada por ele, mas devia respeito à sua família. Quanto a Bento Amaral, nunca sentira nada por ele e não estava disposta a se casar sem amor.

Amaral e Rodrigo eram opostos: enquanto o primeiro representava uma vida calma e tranquila, o segundo era a emoção, a paixão, o proibido, aquilo que atraía qualquer moça, por mais que não se admitisse.

---

<sup>309</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.235.

Casar com Bento Amaral seria seguir as convenções da sociedade, de um casamento sem amor e frio, no qual ambos os lados cumprem seu papel social enquanto o Capitão era a aventura, os sentimentos em explosão, o casamento que fugiria ao convencional e seria por amor.<sup>310</sup>

Tudo começou a mudar na festa de casamento da prima de seu pai, Rosa, que era filha de Antonio Terra, irmão de Ana. Durante a festa, foi convidada a dançar pelo capitão Rodrigo. Como estava acompanhada de Bento, iniciou-se um tumulto e imediatamente foi puxada por seu pai para fora da festa.

Não queria que aqueles homens brigassem por sua causa. Mas não queria também que Rodrigo fosse embora... Bibiana sentiu que alguém lhe pegava do braço e a arrastava para longe dos dois rivais... Não ergueu os olhos, mas sentiu que esse alguém era seu pai.<sup>311</sup>

---

<sup>310</sup> GONÇALVES, Robson Pereira. **O Tempo e o Vento**: 50 anos. Santa Maria: EDUSC/ Ed. UFSM, 2000. GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/ Editora 34, 1998. FAGUNDES, Antônio Augusto. Tradicionalismo gaúcho no mundo. **Jornal Zero Hora**. Segundo Caderno. Porto Alegre, 6 fev. 1999.

<sup>311</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.274.

Na sua condição de mulher, estava envergonhada pela briga, se sentia responsável pelo que pudesse acontecer aos dois e principalmente ao capitão. Todos poderiam pensar que ela incentivou o duelo e isso seria humilhante, pois era uma “moça de família”. Para todos, o duelo seria sua responsabilidade, pois flertara com os dois, sabia do amor de Bento e não lhe dizia não, mas também incentivara o capitão com olhares.<sup>312</sup>

Fechada no quarto, deitada na cama, Bibiana chorava... não tinha coragem de ir para a sala e fazer frente à família. Tudo aquilo havia acontecido por sua causa...<sup>313</sup>

O capitão fora ferido e recuperava-se na casa de seu irmão Juvenal. Quando ficou bom, pediu ao padre que intervisse na situação em conversa com Pedro, para aceitar seu pedido de casamento, mas a palavra final sobre o assunto foi dela, que, mesmo contra a vontade do pai, aceitou se casar com Rodrigo.

---

<sup>312</sup> LOPES, Marco Antonio. A honra dos nobres. **Leituras da História**. nº33. São Paulo: Escala, 2010.

<sup>313</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.281.

Veja só, papai. Se eu me caso com ele, vosmecê fica triste, mas eu fico alegre. Se vosmecê me proíbe de casar, não caso, mas fico triste, e me vendo sempre triste vosmecê vai ficar triste a mamãe também. Não é melhor só um triste em vez de três?<sup>314</sup>

O casamento foi realizado no natal de 1829, mesmo contra a vontade do pai, que temia por sua filha. Pedro não acreditava que o capitão pudesse ser um bom marido, já que não tinha gosto pelo trabalho nem amor pela terra e não respeitava as mulheres, colocando-as todas no mesmo papel.

O casamento deveria representar para a família da noiva a segurança da filha, que teria um marido para ampará-la, orientá-la, protegê-la e sustentá-la. Já para o homem representava a maturidade, a responsabilidade, assumindo para o grupo a principal função do homem, tornando-se chefe da sua família e provedor de seu lar.

Bibiana figurava a continuação da matriz Ana Terra. Já na adolescência dera demonstrações do modo determinado com que faria suas escolhas. Contrariando as expectativas femininas de seu

---

<sup>314</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.297.

tempo, não aceitou um casamento de conveniências com Bento Amaral, preferindo entregar-se a seus desejos e sentimentos, casando-se com um homem pouco convencional, Rodrigo Cambará<sup>315</sup>, determinando toda a trajetória do romance e seus personagens.

A noite de núpcias foi para ela um misto de emoção e constrangimento.

Bibiana se lhe entregou numa passividade comovida, tremula e cheia de medo. Quando se viu a sós com aquele homem, deitada com ele na mesma cama, teve por um rápido segundo quase um sentimento de pânico...

E essa sensação de pecado, essa impressão esquisita de que Rodrigo não era seu marido e de que ela não passava duma “china de soldado” não a abandonou nunca durante toda a lua de mel...<sup>316</sup>

Bibiana amava seu marido, mas estranhava a nova situação.

O capitão era o oposto de seu pai. Este era calmo, introvertido,

---

<sup>315</sup> BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. p.8. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>.

<sup>316</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.299.

falava baixo, trabalhava para sustentar os seus. Já seu marido falava alto, sempre alegre, desajeitado e descuidado. Porém, ela era feliz em cuidar da casa e fazer tudo o que ele precisasse: “Era por tudo isso que Bibiana não se habituava à nova situação. Tudo era bom demais para ser verdade. Tinha agora seu marido, sua casa, sua liberdade...”<sup>317</sup>

O sexo lhe causava certa inquietação, pois achava que os modos do marido não eram corretos, que suas atitudes não eram as devidas entre um casal. Pensava em pedir-lhe certas mudanças, mas amava-o tanto que jamais o fizera e, por mais que não pudesse admitir, gostava da situação.

Dentro dos preceitos da época, o sexo não era uma prática de prazer feminino, e qualquer demonstração em contrário seria uma vergonha. Porém, para Bibiana, não sentir era impossível. Então, por vezes, as mulheres se calavam e viviam essa felicidade somente proporcionada por homens que não diferenciavam as esposas das prostitutas quando o assunto era o sexo.<sup>318</sup>

---

<sup>317</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.301.

<sup>318</sup> MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

A própria paixão era combatida porque, supostamente, botava o casamento de ponta-cabeça. Amor era um sentimento que se devotava exclusivamente a Deus; ao marido, a mulher devia mera obediência, reverência e temor. O marido, por sua vez, deveria sentir apenas piedade da esposa. Um casamento nesses moldes, sem excitação ou afeto, era considerado ideal. Indiretamente, então, reforçou-se o papel da prostituta na sociedade colonial. Ela já existia, é verdade, quando os portugueses voltaram para a colonização. No período posterior, porém, não havia situação intermediária: ou a mulher era da casa ou era da rua.<sup>319</sup>

Mas havia sempre de mistura com seus prazeres e êxtases um elemento secreto de inquietação – não só o pressentimento de que aquilo tudo não podia durar, como também a desconfiança de que aquele tipo de amor não era direito, não devia existir entre marido e mulher.<sup>320</sup>

Em *O Tempo e o Vento*, o heroísmo não é uma exclusividade masculina, ao contrário, o heroísmo feminino é representativo. A mulher é o tempo que fixa raízes, e o homem é o

---

<sup>319</sup> ALVES, Januária Cristina. O lado feminino do Brasil colonial. **Superinteressante**. n.79. São Paulo: Abril, abr. 1994. Disponível em: <[http://super.abril.com.br/super/arquivo/1994/conteudo\\_114103.shtml](http://super.abril.com.br/super/arquivo/1994/conteudo_114103.shtml)>.

<sup>320</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.302.

vento, conquistador e passageiro. Ambos representam forças necessárias para a constituição do Continente.

#### 4.5 MATERNIDADE: DIVISOR DA TRAJETÓRIA

Em novembro de 1830 nasceu o primeiro filho do casal, chamava-se Bolívar. Durante a gestação Bibiana ficara sozinha em Santa Fé, pois o capitão fora fazer as compras da venda. Ela, no entanto, sabia que era uma desculpa para não ver a transformação de seu corpo, mas nada disse e resignou-se a esperar por sua volta e pela chegada do filho – “Bibiana pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar...”<sup>321</sup>.

Um ano após o nascimento do primogênito, nasceu Anita, para sua felicidade, que viu na menina a companheira que estava buscando. Passava os dias a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Porém, algo a afligia: Rodrigo mudara, cheirava a cachaça e fechava a venda para jogar na casa do amigo Chico Pinto. Procurava mulheres e Bibiana sabia, mas nada dizia. Não queria

---

<sup>321</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.305.

aborrecê-lo ou contrariá-lo, tudo fazia para vê-lo feliz e não correr o risco de perdê-lo.<sup>322</sup>

“A maternidade vem completar a constituição feminina, pois dá a mulher a obrigação de educar e formar homens e mulheres, dentro dos valores que a sociedade impunha.”<sup>323</sup> Desse modo, se o futuro dos filhos fosse comprometido com escolhas erradas, toda a responsabilidade da falha seria atrelada à mãe. Assim, a maternidade seria a prova final de uma mulher e seus filhos, sua melhor realização na vida.

[...] ela sabia que era verdade. Rodrigo dividia suas noites entre as mesas de jogo e a casa da Honorina... Sabia que ele gostava era de mulher, que não se contentava com uma só. Mais cedo ou mais tarde havia de ficar também cansado de Honorina e passaria para outra.<sup>324</sup>

---

<sup>322</sup> MELO, A. C. Ana Terra: uma “tragédia fundadora”. **Continente Multicultural**. Recife: fev. 2002. Disponível em: <[http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto\\_ensaios3.htm](http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto_ensaios3.htm)>. MONTENEGRO, O. **O Romance Brasileiro**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

<sup>323</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**: raízes históricas do machismo brasileiro, a mulher no imaginário social, "lugar de mulher é na história". São Paulo: Contexto, 1989. DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>324</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.318.

Aceitaria qualquer humilhação para não ficar sozinha, precisava dele, se sentia como uma viciada. Porém, percebia nele sinais de inquietação, nada o agradava, o capitão estava irritado e cansado, atendia mal os clientes e se mostrava impaciente com a família. Todos conheciam seus casos e as fofocas circulavam. Bibiana, entretanto, fingia não saber e defendia o marido sempre que possível, mas ressentia-se, e nada falava.

Certa noite, Anita estava mal e Bibiana decidiu mandar chamá-lo na casa do amigo, onde estava a jogar. Após várias horas de espera, a filha faleceu sem o pai. Bibiana nada disse quando Rodrigo chegou, ao amanhecer; não reclamou nem brigou, aceitou tudo resignadamente. Tempo depois, estava feliz por ver que o marido se arrependera desde a morte da filha e voltara a ser o seu capitão de antigamente.

Os jogos de azar estavam associados à masculinidade; jogar seria como pelear em uma guerra, mas com a emoção do dinheiro. Uma vez em uma mesa, cabia ao homem honrar o jogo e ir até o

fim, sem hesitar, e, se perdesse, a dívida deveria ser paga, pois sua honra também estava ameaçada.<sup>325</sup>

O terceiro filho do casal, outra menina, nasceu, chamava-se Leonor. O pai de Bibiana ofereceu a casa para o retorno da filha, mas ela não aceitou, pois acreditava que devia ficar ao lado do marido.

- Diga pro papai que muito obrigada. Mas meu lugar é aqui!

Não queria abandonar Rodrigo. Nem lhe guardava rancor pelo que ele fizera.<sup>326</sup>

Estava feliz quando estourou a Revolução Farroupilha<sup>327</sup>, em 1835, e foi com resignação e tristeza que viu seu capitão partir para a guerra. Não deixou sua casa e seus dias eram para esperar seu retorno e sofrer com as notícias do desenrolar do combate.

---

<sup>325</sup> MATOS, M. Izilda Santos. **Meu Lar é o Botequim: Alcoolismo e Masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

<sup>326</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.339.

<sup>327</sup> PESAVENTO, Sandra Jatáhy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo: O romance da História**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História do Rio Grande do Sul**. 7ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

O retorno aconteceu em 1836 e o encontro foi rápido, pois logo depois Rodrigo Cambará partiu. Foi então assassinado ao tentar tomar a casa da família Amaral, que era monarquista, ao contrário de Rodrigo, que lutava ao lado das forças republicanas.

Estava toda de preto e agora, passado o desespero dos primeiros tempos, sentia uma grande tranqüilidade. Ficou por muito tempo sentada junto da sepultura do marido... conversava com Rodrigo, dizia-lhe coisas. Seus olhos estavam secos. Às vezes parecia que ela toda estava seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento.<sup>328</sup>

Passado o desespero, tinha uma vida para continuar e dois filhos para criar. Deixou o cemitério para reconstruir sua existência, que agora estava voltada para a educação do filho Bolívar, e mais tarde seria a vez do neto Licurgo.

[...] lançou um último olhar para a sepultura de Rodrigo e achou que afinal de contas tudo estava bem.

---

<sup>328</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.363.

Podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o cap. Cambará tinha voltado para casa.<sup>329</sup>

Bibiana Terra Cambará tornou-se viúva em 1836, dando início a uma nova fase de sua vida. Tornava-se o centro da família e o elo forte dos Terra Cambará.

#### 4.6 BIBIANA, O CENTRO DE PODER TERRA CAMBARÁ

Bibiana passou a viver para sua casa e seus filhos, acima de tudo Bolívar, que era a representação do seu capitão Rodrigo. Tudo fazia para o filho e depositava nele todas as suas expectativas. Tornara-se uma pessoa amargurada, que vivia lembrando o passado e pensando na vida que tivera.

Teria a neta Bibiana de mostrar a mesma força e determinação da avó Ana Terra. É patente na obra a tensão entre os dois pólos do espírito: a alma heroica e a alma lírica; a alma contemplativa e a alma ativa; a alma masculina e a alma feminina.<sup>330</sup>

---

<sup>329</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.364.

<sup>330</sup> ATAÍDE, T. **O Contador de Histórias**. São Paulo: Globo, 1972. p.92.

A mulher que perde o marido, socialmente deve morrer com ele e ter como único referencial de vida o trato da casa e o cuidado com a educação dos filhos.<sup>331</sup>

Seus olhos de repente se turvaram de saudade. E ela viu o marido em pensamento... caminhava para ela de cabeça erguida e olhos atrevidos.<sup>332</sup>

O jovem Bolívar era introvertido e quieto. Não apresentava a mesma força e coragem do pai, mas era o coração da mãe. Tinha pesadelos e se mostrava instável desde que o capitão Rodrigo voltara da guerra.<sup>333</sup> Seu melhor amigo era o primo Florêncio e com ele dividia o amor por Luzia Silva, neta de Aguinaldo Silva, que era o novo dono do Sobrado que seu avô construía.

Bibiana se ressentira pelo sofrimento do pai ao perder sua casa, pelas dívidas, antes nunca o vira chorar e havia prometido recuperar o Sobrado. Percebeu, então, que Aguinaldo Silva estava pensando em casar a neta com seu filho.

---

<sup>331</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.  
SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

<sup>332</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.58.

<sup>333</sup> O conflito mencionado no romance trata-se da Guerra do Prata, também conhecida como Guerra contra Oribe e Rosas, em que Argentina e Brasil lutaram pela influência no Uruguai e hegemonia na região do Rio da Prata.

Naquela noite Bibiana tomou a grande resolução. Ia casar Bolívar com Luzia. A moça podia ser leviana, podia ser isto e mais aquilo... Fosse como fosse, ela estaria sempre junto dele para ampará-lo e dar-lhe conselhos.

Estava resolvida: ia tomar o Sobrado.<sup>334</sup>

No ano de 1853 o plano de Bibiana para recuperar a casa que havia sido de seu pai começou a ser executado: presenciou o casamento de seu filho Bolívar com a neta de Aguinaldo Silva, o novo proprietário. A jovem não era a moça que sonhara para o filho, pois, criada na cidade, se mostrava independente e decidida. O médico da cidade comparava-a à lenda gaúcha da Teiniaguá, que contava a história da princesa moura transformada em cobra com cabeça de diamante, dona de uma grande beleza, mas com uma personalidade sádica.

Mal sabia Bibiana que a nora Luzia enfrentaria o seu patriarcado. Ambas travaram uma guerra silenciosa e decisiva para os rumos da família.

As duas mulheres passaram a disputar o direito de ser a matriarca da família. Uma casa só poderia ter uma senhora, e, na

---

<sup>334</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.61.

existência de duas, a luta era fatal. Era importante para a mulher ser a dona da casa, a responsável pelos cuidados com a família; somente assim sentiria a realização de sua condição de mulher.<sup>335</sup>

Bolívar casara-se não pelo desejo da mãe, mas pelo amor que nutria por Luzia, mas parecia também temê-la. Seus modos de cidade grande e seu gosto pelo sofrimento assustavam o marido e irritavam a sogra.<sup>336</sup>

Para se tornar a nova dona do Sobrado, Bibiana precisava esperar a morte do velho Aguinaldo e livrar-se da esposa do filho, para que Bolívar pudesse desfrutar a casa sem intromissões. Passara-se um ano do casamento quando Aguinaldo Silva faleceu, o Sobrado era definitivamente dos Terra Cambará.

Mesmo assim, as coisas não iam bem. Bolívar estava infeliz no casamento e sua mãe não o compreendia. Seu irmão Juvenal, tio de Bolívar, mostrava-se preocupado com a situação.

Ando preocupado com o jeito dele. O Boli envelheceu dez anos depois que casou; anda triste como carancho em tronqueira.

---

<sup>335</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. Rio Grande do Sul: Educs, 2006.

<sup>336</sup> CHAVES, F. L. **Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade**. 2ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

[...] a gente vê na cara dela que a coisa anda mal lá pelo Sobrado. Conheço bem a minha irmã.<sup>337</sup>

As pessoas preocupavam-se com o que ocorria no Sobrado, mas nele a vida continuava. Sogra e nora odiavam-se, passavam o tempo a se provocar, enquanto Bolívar vivia seu tormento resignadamente.

Dois anos após o casamento nasceu o único filho do casal, Licurgo Cambará, e a avó viu renascer sua esperança no neto, que seria criado por ela, pois a nora não servia para ser mãe e o filho estava destruído por esse matrimônio. O menino era a continuação da família, uma nova chance de Bibiana de educar o neto para ter o melhor de seu capitão Rodrigo.

Quem vai criar esse menino sou eu... Se quiserem me tirar ele, eu brigo, como uma galinha defendendo seus pintos... assim veria Licurgo homem feito, encaminhado na vida. Aquele menino, que tinha o sangue do cap. Rodrigo Cambará, ia ser o dono do Sobrado... Seu peito inflou-se contentamento e esperança.<sup>338</sup>

---

<sup>337</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.102.

<sup>338</sup> Ibidem. p.134.

Bibiana estava arrependida pelo casamento de seu filho e preocupada com a tensão entre o casal. Bolívar não era forte o suficiente para “domar” a esposa, com suas maneiras de cidade grande.

Tinha pago pelo Sobrado um preço demasiadamente alto. Mas agora era tarde: o mal estava feito. Voltar atrás não só seria pior como também impossível... tinha perdido o filho...<sup>339</sup>

Na tentativa de salvar seu casamento, Bolívar cedeu aos desejos de sua esposa e partiu para Porto Alegre, onde passaram uma temporada, que foi terminada pela epidemia de cólera que os obrigou a retornar a Santa Fé. Ele já não era o mesmo, estava ainda mais atormentado e deprimido que antes, corria o ano de 1855.

Em conversa com o médico, reclamou da sua situação, pois desde que chegara estava preso em casa, a mando da família Amaral, que temia a epidemia de cólera na cidade. Contou ainda seu tormento em relação à esposa, que julgava tê-lo traído em

---

<sup>339</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.135.

Porto Alegre: “[...] Se ela sabia onde o capitão morava era porque tinha estado lá antes...”<sup>340</sup>

Levado pelo tormento e sem suportar a situação, Bolívar decide quebrar a quarentena que isola o Sobrado e sai desafiando as ordens de Bento Amaral. Foi então assassinado. O desespero tomara Bolívar, que não conseguia mais suportar a dúvida da traição de Luzia. Contudo, o suicídio não era uma saída honrosa, deveria morrer como homem, em uma peleja, como seu pai – “Bolívar estava caído de borco no meio da rua, com a cara metida numa poça de sangue.”<sup>341</sup>

Sua morte foi mais um golpe na vida de Bibiana, que se apegou ainda mais ao neto, tomando da nora a responsabilidade de educá-lo. Nos anos que se seguiram, Bibiana tornou-se a senhora do Sobrado de fato. Sua nora, Luzia, vivia em seu canto, até que um tumor lhe tirou a vida, em 1872.

Com a morte de Luzia, Licurgo Cambará era o dono da casa que fora de seu bisavô e Bibiana tinha ganhado sua guerra. Poderia, assim, descansar e viver comandando a vida do Sobrado e

---

<sup>340</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.152.

<sup>341</sup> Ibidem. p.161.

seus frequentadores, até o fim de sua vida, quando finalmente encontraria seu capitão. Jamais apresentava remorso pelo que aconteceu ao filho, mostrava-se forte e determinada, capaz de qualquer coisa para defender seus interesses, assim como fizera sua avó Ana.<sup>342</sup>

Ao longo de sua vida, deixou de ser a menina frágil para se tornar o elemento forte da narrativa. Em nada as duas Bibianas se parecem, a não ser pelo amor do capitão. Assim como a avó Ana Terra, em sua trajetória, Bibiana representa a força da mulher rio-grandense, que luta por seus sonhos, que ama os seus e não mede esforços para o bem-estar da família, não se deixa ser frágil aos olhos do mundo, apesar de revelar romantismo.

Rodrigo Cambará é a personificação do homem guerreiro sulino, configurando como que uma espécie de homem mítico que resguarda um comportamento viril, comum à natureza masculina. Entretanto, a continuidade da família é assegurada pelas figuras de

---

<sup>342</sup> VÉSCIO, Luís Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). **Literatura e História: Perspectivas e Convergências**. São Paulo: EDUSC, 1999. WILLIANS, R. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. ZILBERMAN, Regina. **A literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985. ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2005. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. Rio Grande do Sul: EducS, 2006.

Ana Terra e Bibiana, que tomam a frente das questões familiares, assegurando a permanência de todos. “O espírito de resistência das mulheres rio-grandenses aparece ilustrado nas suas atitudes.”<sup>343</sup>

Bibiana, assim como a avó Ana Terra, foi mulher de um único homem em toda a sua vida e tudo o que fez, de certo ou errado, foi pensando no bem dos seus entes queridos. As marcas do tempo acentuaram-se em sua alma e ela acabou repetindo a “maldição” que sua avó tanto temia: a sina de mulher. Após a morte do marido, ela tornou-se o ponto de continuidade dos Terra Cambará, a força da maturidade, a experiência que conduz a família.

---

<sup>343</sup> BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. p.8. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>.



## CAPÍTULO V - “BUENAS E ME ESPALHO!”<sup>344</sup>

---

<sup>344</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Fala do Capitão Rodrigo ao chegar na venda de Nicolau.

O quinto capítulo discute as relações de gênero e a representação da masculinidade em *O Continente*, que integra a obra *O Tempo e o Vento*, situando a produção do autor em seu contexto histórico. Trabalham-se os personagens de maior destaque no romance – Capitão Rodrigo Terra Cambará, Bolívar Cambará e Licurgo Cambará –, observando-se as relações de gênero com família, amigos e sociedade.

### 5.1 CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ: A FORÇA DA ESPADA

O capitão Rodrigo Cambará chegou a Santa Fé em 1828. Ninguém sabia de onde vinha, quem era ou o que buscava na vila. Sua presença causou curiosidade aos habitantes do local e seus modos não foram bem aceitos por todos.

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida,

e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas.<sup>345</sup>

No primeiro diálogo do personagem no romance, fica marcada sua coragem e virilidade, características do soldado, homem de guerras, assim como sua concepção de masculinidade.

Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

- Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!

Havia porali uns dois ou três homens, que o miraram de soslaio sem dizer palavra. Mas dum canto da sala ergueu-se um moço moreno, que puxou a faca, olhou para Rodrigo e exclamou:

- Pois dê!<sup>346</sup>

Para marcar sua posição e se apresentar aos outros homens, inicia uma discussão, mostrando sua coragem e habilidade para a luta. Sua postura altiva coloca-o em posição de

---

<sup>345</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 209.

<sup>346</sup> Ibidem. p.209.

enfrentamento, deixando transparecer a coragem e força do soldado.

Os outros homens afastarem-se como para deixar a arena livre, e Nicolau, atrás do balcão, começou a gritar:

Aqui dentro não! Lá fora! Lá fora!

Rodrigo, porém, sorria, imóvel, de pernas abertas, rebenque pendente do pulso, mãos na cintura, olhando para o outro com um ar que era ao mesmo tempo de desafio e simpatia.

- Incomodou-se comigo? Perguntou, jovial, examinando o rapaz de alto a baixo.<sup>347</sup>

Ao mesmo tempo que coloca sua valentia para conquistar o respeito dos outros homens, mostra sua satisfação e divertimento com a situação criada.<sup>348</sup>

- Não sou de briga, mas não costumo agüentar desaforo.

- Oô! bicho bom!

---

<sup>347</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.209.

<sup>348</sup> MELO, A. C. **Ana Terra**: uma "tragédia fundadora". **Continente Multicultural**. Recife: fev. 2002. Disponível em: <[http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto\\_ensaios3.htm](http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto_ensaios3.htm)>. Acesso em: 03 ago. 2005. MONTENEGRO, O. **O Romance Brasileiro**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

Os olhos de Rodrigo tinham uma expressão cômica...

- Essa sai ou não sai? Perguntou alguém do lado de fora vendo que Rodrigo não desembainhava a adaga.

O recém-chegado voltou a cabeça e respondeu calmo:

- Não sai. Estou cansado de pelear. Não quero puxar arma pelo menos por um mês.

Voltou-se para o homem moreno e, num tom sério e conciliador, disse: - Guarde a arma, amigo.<sup>349</sup>

A necessidade de guerrear era uma das características dos homens rio-grandenses, que viviam com a obrigação de defender a fronteira sul do Brasil.

A valentia e habilidade no manejo de armas e no cavalgar eram formas de autoafirmação masculina em relação ao grupo. Seus valores eram pautados na coragem, força física e destreza no manejo das armas.<sup>350</sup>

O homem com quem Rodrigo teve essa discussão era Juvenal Terra, que logo se tornou seu amigo e o alertou acerca de

---

<sup>349</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.209.

<sup>350</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma Interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995.

seus modos, avisando que não seriam bem aceitos pelas pessoas de Santa Fé.

- Porquê vosmecê tem um jeito atrevido.
- Sem se zangar, mas com firmeza, Rodrigo retrucou:
- Tenho e sustento o jeito.
- Por aqui hai também muito homem macho.<sup>351</sup>

A masculinidade estava ligada à bravura, à demonstração da força física e à ausência de medo. Rodrigo tinha essas características, o que lhe trouxe admiração de uns e ódio de outros. Assim como a bravura era uma de suas marcas, o violão era o amigo inseparável, hábito que, no entanto, trazia consigo uma negatividade, pois se relacionava à farra, devassidão e desrespeito às mulheres<sup>352</sup>: “Aquele violão a tiracolo também lhe inspirava desconfiança. Nunca tivera simpatia por homem que vive gauderiando.”<sup>353</sup>

A música era tida como algo que enfeitiçava as mulheres e, ao mesmo tempo, desviava o homem do seu foco principal, as

---

<sup>351</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.211.

<sup>352</sup> MATOS, M. Izilda Santos. **Meu Lar é o Botequim**: Alcoolismo e Masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

<sup>353</sup> VERISSIMO, op. cit., p.212.

ocupações da masculinidade, como o trabalho, o sustento da família e a defesa da honra.<sup>354</sup>

O capitão Rodrigo Cambará apresentava as características que eram questionadas pelas pessoas de Santa Fé: a altivez, o ar de superioridade, o gosto pela música, o desrespeito pelas mulheres, o “vício” pelo jogo de cartas.

Para os homens, representava perigo, pois seduziria as mulheres, acirrando a “concorrência”, e acabaria com a ordem estabelecida. Já para as mulheres, era a transgressão, a aventura, a possibilidade de romper com o modelo de comportamento socialmente aceito.

- Hai muitas moças bonitas neste povo?
- Algumas.
- Não me refiro só as moças de família...
- Faz dois meses que não tenho mulher...
- Amigo, acho que você não vai esquentar lugar em Santa Fé.
- Quem foi que lhe contou?
- Eu é que acho.
- Por quê?

---

<sup>354</sup> MATOS, M. Izilda Santos; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

- Aqui todas as mulheres têm dono... – explicou Juvenal Terra – as que ainda não têm são moças de família e querem se casar.
- E é melhor eu ir lhe avisando, capitão, a gente desta terra é de boa paz, mas não gosta que ninguém venha lhe pisar no poncho...
- Mas eu não vou pisar no poncho de ninguém, companheiro!
- Às vezes a gente pisa sem querer.<sup>355</sup>

Juvenal Terra foi a primeira amizade de Rodrigo em Santa Fé. Por mais que se incomodasse com as maneiras do capitão, sentia ao mesmo tempo um fascínio que não o deixava ir embora. Nesse primeiro encontro, foram horas de conversa, e Juvenal se mostrava completamente envolvido pelas histórias de guerras e lutas que o capitão relatava.

[...] Não era nenhum índio vadio que pudesse ficar numa venda conversando à toa. Havia, porém, algo que o impedia de mover-se. Ele se interessava pelo que o outro dizia; gostava da maneira como o capitão falava, mesmo que suas palavras às vezes o

---

<sup>355</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.213.

irritassem. Até a voz do diabo do homem era agradável...<sup>356</sup>

A vida do soldado era um atrativo para os outros homens, tinha uma aura mística. O capitão parecia não ter rotina nem parada fixa, sempre fugindo da mesmice. A obrigação de um soldado era lutar e vencer.<sup>357</sup>

Já o chefe de família, por sua vez, tinha seu papel centrado na provisão da mulher e dos filhos, concentrando o poder de decisão na família. Os encargos do matrimônio, no que se refere à manutenção do casal e proteção dos bens, cabiam, portanto ao homem. A essa proteção cabia à mulher responder com obediência.<sup>358</sup>

Ao final da conversa, Juvenal sentenciou:

---

<sup>356</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.216.

<sup>357</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma Interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995. FAGUNDES, Antônio Augusto. Tradicionalismo gaúcho no mundo. **Jornal Zero Hora**. Segundo Caderno. Porto Alegre, 6 fev. 1999.

<sup>358</sup> ARAUJO, Renata Pedroso. Ser mãe na Colônia: a condição da mulher sob o aspecto da maternidade irregular (sécs. XVII e XVIII). **Klepsidra**. Revista Virtual de História. Ed.10. Abr./maio. 2002. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra10/mulheres.html>>.

- Está me palpitando que o amigo não vai se dar bem em Santa Fé.
- Mas por quê?
- Vosmecê é um homem de guerra. A gente deste povoado é mui pacata.<sup>359</sup>

O capitão participara de várias batalhas, entre elas a luta contra os espanhóis pela Banda Oriental, as agitações quando do retorno de D. João a Portugal, as lutas pela independência, as revoltas quando outorgada a primeira constituição, a Revolução Farroupilha e a Batalha do Passo do Rosário<sup>360</sup>.

## 5.2 UM SOLDADO: AMAR E LUTAR

Rodrigo gostou de Santa Fé e decidiu ficar, mas isso irritou alguns homens, especialmente Pedro Terra, que não simpatizava com seus modos. O que ele não imaginava era que Bibiana, sua filha, havia contribuído para a decisão do capitão de morar na vila. Rodrigo ficara encantado com a jovem e sentia o desejo pelo corpo.

---

<sup>359</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.221.

<sup>360</sup> Batalha Campal ocorrida às margens do Rio Santa Maria entre o exército imperial brasileiro e os exércitos uruguaio e argentino. OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992. CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina**. Série Coleção Temas Brasileiros, vol.41. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1983.

Tinha gostado de cara da rapariga. Mais que isso: tinha ficado excitado. Não era homem que se deixasse fascinar facilmente. Gostava de mulher, isso gostava... Mas nunca – que se lembrasse – tinha ficado tão impressionado por nenhuma assim à primeira vista.<sup>361</sup>

Amor e sexo estavam dissociados, Rodrigo não estava apaixonado, necessitava possuir a menina.

As relações amorosas seguiam as mesmas regras de uma peleja. O primeiro passo deveria ser conquistar o oponente e subjugar-lo com sua força. Para Rodrigo, Bibiana era como uma peleja, precisava conquistar e possuir a menina; seu espólio de guerra seria o sexo com a jovem.<sup>362</sup>

Bibiana passou pelo forasteiro de cabeça baixa e Rodrigo devorou-a com os olhos. Viu que ela tinha as faces coradas como uma fruta madura e que seus seios eram pontudos; imaginou como deviam ser rijos e quentes... Apaupá-los seria o mesmo que

---

<sup>361</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.228.

<sup>362</sup> GALLOP, Jane. Além do falo. **Cadernos Pagu**. n.16. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/ Unicamp, 2001. GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/ Editora 34, 1998.

apertar duas goiabas maduras. Sentiu um calor bom em todo o corpo...<sup>363</sup>

Nesse primeiro encontro houve uma tentativa de aproximação, que não agradou a Pedro Terra. Sua negativa pareceu aumentar ainda mais o desejo do outro, que viu nessa postura uma nova guerra para vencer.

[...] Que diabo aquela gente tinha visto em sua cara? Primeiro tinha sido o filho. Agora o pai. Todos achavam que ele ia trazer desgraça para o povoado... Mas a verdade era que, quanto mais oposição encontrava, mais vontade sentia de ficar.<sup>364</sup>

A princípio, várias pessoas se incomodaram com a presença de Rodrigo em Santa Fé, entre elas o Coronel Ricardo Amaral Neto, que era o comandante local, e o Padre Lara, que fazia de tudo para manter a tranquilidade da vila.

---

<sup>363</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.230.

<sup>364</sup> Ibidem. p.231.

- Padre, desembuche de uma vez!
- Se vosmecê chega a um povoado como o nosso, não pode proceder como se estivesse ainda num campo sem dono nem lei. Tem de se submeter às autoridades.
- E quem é a autoridade aqui?
- O coronel Ricardo Amaral Neto.<sup>365</sup>

A presença do forasteiro e sua postura de indiferença com os códigos locais irritavam a todos e representavam uma ameaça à ordem estabelecida. A masculinidade do local estava ameaçada, pois sua postura irreverente e despretensiosa poderia atrair algumas moças e despertava a ira dos homens, que viam seus códigos de conduta serem desrespeitados.

Quanto mais ouvia conselhos para deixar Santa Fé, mais Rodrigo atestava sua decisão de ficar.

- Então deixe que eu lhe dê um conselho.
- Por que será que toda gente neste povoado se acha no direito de me dar conselho? – pensou Rodrigo.
- Pois venha de lá com esse conselho.
- Encilhe o seu cavalo e vá embora amanhã.

---

<sup>365</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.241.

- Até vosmecê, padre?
- Ouça o que estou lhe dizendo.
- Mas por quê?
- Porque Santa Fé não é lugar para um homem de seu temperamento.
- Mas serei por acaso leproso, ladrão de cavalo ou bandido?<sup>366</sup>

O desejo por Bibiana somente crescia, mas o casamento seria a única maneira de possuí-la. Conquistar a mulher que todos diziam que não podia ser dele era uma forma de autoafirmação, de mostrar sua masculinidade e de consolidar que não aceitaria ordens de ninguém.<sup>367</sup>

Rodrigo via em pensamentos a imagem de Bibiana: a boca carnuda, os olhos oblíquos. Parecia uma fruta; dava na gente vontade de morder aquela boca, aquelas faces, aqueles peitos. Naquele momento seu desejo por Bibiana se confundia com uma sensação de fome e Rodrigo começou a pensar alternadamente na rapariga e num churrasco... Sempre achava que casamento também era um desastre, uma prisão, uma espécie de morte. No

---

<sup>366</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.242.

<sup>367</sup> HOHLFELDT, Antônio. **O gaúcho: ficção e realidade**. Brasília: Edições Antares, 1982. JACOBINA, Eloá; KUHNER, Maria Helena (Orgs.). **Feminino e Masculino: no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro, 1996. LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: Globo, 1949.

entanto, agora a idéia de casamento associada à Bibiana não lhe era de todo desagradável nem impossível. Depois – concluiu ele com certa irritação –, parecia que só poderia dormir com a moça se casasse com ela...<sup>368</sup>

Enquanto homem de guerra, sem casa, sem família, arrogante, briguento, mulherengo, sem religião e contra o governo, era visto como um problema para Santa Fé, que valorizava o homem trabalhador, apegado à família, marido e pai responsável. Sua postura fugia do modelo aceito em Santa Fé e podia causar transtornos para a comunidade, que vivia sob as ordens da família Amaral.

Nenhum homem se opunha ao coronel Amaral, que era o líder político do local, aquele que deveria saber de tudo o que acontecia, responsável por qualquer decisão. A conversa do Padre com Rodrigo foi solicitação do coronel, que incumbiu o vigário de informar o forasteiro de que não era bem-vindo. Como não fora falar com ele para obter permissão para ficar, não poderia permanecer na vila.

---

<sup>368</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.242.

Terminada a conversa com o vigário e decidido a falar com o Coronel Amaral na manhã seguinte, Rodrigo retornou para a casa de Nicolau, dono da venda, que estava hospedando-o. Ao chegar, soube pela mulher do anfitrião que este não estava em casa.

Imediatamente o coração de Rodrigo começou a pulsar com mais força, uma fração de segundo antes dele próprio saber o porquê daquele súbito alvoroço. O Nicolau tinha saído de casa e ali do outro lado do tabique sua mulher estava numa cama... Não era nem muito moça nem bonita. Mas era uma fêmea. Fazia tempo que Rodrigo não tinha mulher. Ou tudo aquilo não passava de fome? Pensou em Bibiana do outro lado do tabique, deitada na cama, nua...  
- Dona Paula – chamou ele.<sup>369</sup>

Suas necessidades eram mais importantes que o respeito aos amigos. Como homem, deveria satisfazer suas vontades, mesmo que isso lhe trouxesse problemas depois.

- Que é que pretende fazer aqui?
- Ainda não sei, coronel.
- Este povoado já tem gente vadia que chegue!...

---

<sup>369</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.248.

- O melhor mesmo é vosmecê ir embora de Santa Fé o quanto antes...
- Conheço um homem até pela maneira como ele anda vestido. Esse seu lenço vermelho é um sinal de fanfarronice.
- Coronel, vosmecê está enganado.<sup>370</sup>

Após a conversa, Rodrigo não teve a permissão para ficar em Santa Fé, mas, mesmo assim, estava decidido.

Não ouviu o que o outro lhe disse nem lhe viu a cara, pois bateu a porta em seguida e saiu para o alpendre. Dirigiu-se para a venda do Nicolau, assobiando, com o chapéu atirado para a nuca, a ruminar com gozo suas últimas palavras. Mas fico. Mas fico. Mas fico.<sup>371</sup>

Assim, foi ficando. Com o passar do tempo, todos da vila passaram a gostar do capitão; o único que ainda tinha ressalvas quanto ao forasteiro era Pedro Terra. Isso o irritava, pois, sem o consentimento do pai, não chegaria à filha.

---

<sup>370</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.250.

<sup>371</sup> Ibidem. p.255.

E assim se passaram algumas semanas. Rodrigo não podia tirar Bibiana do pensamento. Para falar a verdade, não procurava esquecê-la. Fizera muitas tentativas para falar com a moça, mas não conseguira nada... Tinham-lhe contado que Pedro Terra dissera, em certa roda: “Esse tal capitão Rodrigo é um homem sem serventia. Vive cantando, bebendo e jogando, e tem raiva do trabalho”. A moça morava naquela casa ali do outro lado da praça no entanto era como se vivesse em Viamão, Rio Pardo ou em São Paulo, porque raramente a via.<sup>372</sup>

Pedro Terra e Rodrigo Cambará são opostos. O primeiro representa a ordem, o respeito à família e aos valores da sociedade; pensa somente no bem-estar do próximo. Já o segundo é colocado como o não dever ser, o homem que a todos incomoda, que só traz confusão, egoísta e egocêntrico, o mundo gira ao seu redor.<sup>373</sup>

Ele usou de todos os artifícios para se aproximar dela, mas nada adiantava. Tomou a decisão de iniciar um negócio, uma

---

<sup>372</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.256.

<sup>373</sup> PESAVENTO, Sandra J. Cidades Imaginárias: Literatura, História e Sensibilidades. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.6, Ano VI, n.1. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2009. NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

venda, e para sócio escolheu Juvenal. Dessa forma, poderia mostrar suas boas intenções e se aproximar do pai da jovem.

- Outra coisa – ajuntou Rodrigo, levantando-se também. – Quero me casar com a sua irmã.
- Já se entendeu com o meu pai?
- Ainda não.
- E com a Bibiana?
- Também não.
- Ela gosta de vosmecê?
- Não sei.
- Como é que diz então que vai se casar com ela?
- Mas como é que vou falar com ela se o velho Terra cuida da filha como cachorro ovelheiro cuida de rebanho?
- Decerto é porque ele acha que vosmecê é um tigre.
- Amigo Juvenal, faça alguma coisa por mim.
- Mas que é que vosmecê quer que eu faça?
- Fale com seu pai, com sua irmã. As minhas intenções são boas. Não sou nenhum pesteadado.
- Mesmo que ela não queira?
- Bom, isso é diferente... Se ela não me quiser, monto a cavalo e me vou embora. Com dor de coração, mas vou. Mas se ela quiser...<sup>374</sup>

---

<sup>374</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.258.

A escolha pela venda não foi por acaso; o negócio o manteria perto da farra e da boêmia que tanto amava. Além de atender aos clientes, o espaço era utilizado como local de sociabilidade masculina. Se durante o dia vendia os produtos que abasteceriam as cozinhas das senhoras, à noite podia transformar-se no centro do carteadado, da música e da bebedeira, o que manteria Rodrigo sempre na vida boêmia.<sup>375</sup>

Rodrigo agora sonhava com uma casa, se dizia cansado da vida de soldado.

[...] Rodrigo sonhava com uma casa, uma boa cadeira e Bibiana. Decidia que estava cansado de guerras e andanças e que já era tempo de sentar o juízo e cuidar do futuro. Pensou nos filhos... Queria que o primeiro fosse homem. Havia de dar-lhe uma educação de macho. Pediria ao vigário que o ensinasse a ler, escrever e contar... Mas havia de ensiná-lo principalmente a andar a cavalo e manejar as armas.<sup>376</sup>

---

<sup>375</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma Interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995. MATOS, M. Izilda Santos. **Dolores Duran**: Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. MATOS, M. Izilda Santos. **Meu Lar é o Botequim**: Alcoolismo e Masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>376</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.261.

“Para um soldado, o casamento representava o descanso após o trabalho, constituir família era tarefa do homem de guerra”<sup>377</sup>, e Bibiana era esse futuro. Todavia, a moça continuava longe de seus encantos, já que o forasteiro nunca conseguia falar com ela e seu pai o mantinha longe.

O tempo passou e o sentimento de desejo deu lugar ao amor.

E, quanto mais o tempo passava, mais Rodrigo compreendia ser-lhe impossível viver sem Bibiana. O que a princípio fora apenas desejo carnal agora era também um pouco ternura: era amor. E o cap. Cambará inquietava-se por isso. Porque sempre lhe parecera que o único amor digno dum homem era esse que apenas pede cama. O amor de fazer ou cantar versos e mandar flores, esse amor de doer no peito, de dar saudade era amor de homem fraco. Ele cantava versus que falavam em tiranas, saudade e mágoa, só por brincadeiras, sem sentir de verdade as coisas que dizia. No entanto, agora estava enfeitiçado por Bibiana Terra.<sup>378</sup>

---

<sup>377</sup> HOHLFELDT, Antônio. **O gaúcho**: ficção e realidade. Brasília: Edições Antares, 1982.

<sup>378</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.262.

Por mais que tentasse, não conseguia aproximar-se da amada, nem mesmo sabia se era correspondido. A resposta veio em uma festa de casamento; Bibiana estava acompanhada de Bento Amaral, que lhe fazia a corte, mas o capitão Rodrigo a observara toda a festa. Percebendo que a moça não lhe era indiferente, convidou-a para dançar.

As mulheres não deveriam conversar com homens que não fossem de sua família, principalmente em lugares públicos; isso seria visto como uma leviandade feminina. Para as jovens que queriam se casar, o melhor era esperar pela ordem do pai, que indicaria o melhor partido.

Existia nessa conduta feminina o jogo da sedução. Quanto mais difícil a moça, mais atiçaria o interesse dos rapazes e maior seria a possibilidade de escolher um pretendente a seu gosto.<sup>379</sup>

---

<sup>379</sup> SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Vol.1. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. STEARNS, Peter. **História das Relações de Gênero**. São Paulo: Contexto, 2007. ZILBERMAN, Regina. **A literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985. ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. Rio Grande do Sul: Educus, 2006.

Rodrigo fez uma cortesia na frente da moça e perguntou:

- Vosmecê quer me dar a honra desta marca?
- Dona Bibiana já tem par.<sup>380</sup>

Quem respondeu a pergunta foi Bento Amaral, mas o capitão não lhe deu atenção. Continuou a falar com a jovem:

- Se vosmecê disser que não quer dançar comigo – prosseguiu ele –, vou-me embora desta casa. Se vosmecê disser que não quer saber de mim, vou-me embora de Santa Fé para nunca mais voltar. Mas, por favor, diga alguma coisa!<sup>381</sup>

Teve início uma discussão entre os rivais, com acusações mútuas.

Bento Amaral interrompeu-o:

- Com certos tipos de gente só resolve as coisas de homem para homem.

Os outros admiravam-se da serenidade de Rodrigo, que encarava Bento a sorrir. E, quando falou, dirigiu-se aos que o cercavam:

---

<sup>380</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.273.

<sup>381</sup> Ibidem. p.273.

- Vosmecês estão vendo. Esse moço está me provocando...

- Pois ainda não tinha compreendido?<sup>382</sup>

Mesmo com a tentativa do padre e de outros homens de encerrar a discussão, ela prosseguiu.

- Não vejo nenhum cavaleiro na minha frente – retrucou este, mais mordendo do que pronunciando as palavras. - Vejo é um patife!...

- Por menos que isso já escrevi a faca a primeira letra do meu nome na cara dum patife.

Bento deu um passo à frente, arremessou o braço no ar e sua mão bateu em cheio numa das faces do cap. Cambará.

E, quando Rodrigo, espumando de raiva, quis saltar sobre ele, sentiu que quatro braços o seguravam e retinham pelos ombros e pela cintura. Esperneou, vociferou, fazendo um esforço desesperado para se desvencilhar:

- Me larguem! Canalhas! Me larguem! Traidores!...<sup>383</sup>

O tapa e a ofensa eram humilhações para um homem, figuravam uma desonra, demonstrando fraqueza e inferioridade.

---

<sup>382</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.274.

<sup>383</sup> Ibidem. p.273.

Assim, a única maneira de recuperar sua dignidade seria propondo um duelo<sup>384</sup>, atitude que era compreendida e apoiada por todos.

- Isso não é direito! O homem foi esbofeteado e agora não deixam ele reagir. Não é direito!

Era Juvenal Terra quem falava.

- Pois larguem o patife! – dizia Bento. - Larguem!...

Juvenal replicou:

- Depois dessa bofetada não pode deixar de haver sangue.<sup>385</sup>

O duelo foi marcado para o alto de uma coxilha e seria com arma branca. Bento dera ordem a seus capangas para não seguirem os dois; estabeleceu ainda que, independentemente do resultado, ninguém se vingaria.

- [...] Dê ordem aos seus homens pra não seguirem vosmecê...

- E se vosmecê é um homem de honra, prometa aqui diante de toda esta gente que se o capitão ferir ou matar vosmecê ele pode ir embora em paz. Prometa!...

---

<sup>384</sup> Os duelos são motivados, em geral, por desagravo à honra, desavenças individuais, familiares, em facções ou grupais e outros tipos de confronto de cunho fortemente emocional.

<sup>385</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.275.

- Está bem – disse, soturno. - Dou minha palavra de honra. – Dirigiu-se para um dos que seguravam Rodrigo. - Se esse homem me ferir ou me matar, podem deixar ele ir embora em paz. – Aproximou-se do vigário. - Padre, vosmecê fale com meu pai, explique a ele que empenhei minha palavra de honra...

- Arma de fogo? – perguntou Rodrigo.

- Adaga.

- É melhor. Leva mais tempo.<sup>386</sup>

O duelo ocorreu em local afastado e sem testemunhas, pois era considerado crime, mas, mesmo assim, fazia parte da cultura dos homens. Os mais variados motivos serviam de justificativa para um duelo, que mantinha um rígido padrão de conduta. Dever-se-ia respeitar o oponente, ser justo na luta e aceitar o resultado, mesmo que fosse a morte. Ninguém deveria interferir ou comentar o que aconteceu. Em alguns casos, a morte era considerada a única forma de lavar a honra de um homem. “Entre seus motivos estavam a disputa por uma mulher, questão de terras, uma ofensa ou

---

<sup>386</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.277.

humilhação, mas sempre algo que envergonhava o homem entre o grupo.”<sup>387</sup>

O capitão Rodrigo e Bento Amaral começaram a luta com ameaças: “- Vou te botar minha marca na cara, pústula! - Vou te tirar as tripas para fora, corno...” Rodrigo já havia feito parte do R de seu nome no rosto do inimigo quando Bento desvencilhou-se.

Na cidade, todos aguardavam Bento quando chegou dando ordem para buscar o corpo.

- Podem ir buscar o corpo... – disse.

Deu de rédeas, esporeou o animal e saiu a galope na direção do casarão dos Amarais.

Juvenal, Joca Rodrigues e mais dois homens montaram em seus cavalos e dirigiram-se a todo galope para a coxilha do cemitério.

Encontraram Rodrigo Cambará estendido no chão...

- Ainda está vivo – [...] Abriu-lhe a camisa ao peito e descobriu a ferida:

- Eu bem que estava desconfiado – disse – Isto não é ferimento de adaga...<sup>388</sup>

---

<sup>387</sup> SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Vol.1. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. LOPES, Marco Antonio. A honra dos nobres. Leituras da História. n.33. São Paulo: Escala, 2010.

<sup>388</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.282.

A notícia do duelo correu pela vila, onde todos comentavam a atitude de Bento Amaral com reprovação. O bem mais precioso de um homem era sua honra; qualquer coisa que a manchasse destruiria sua vida. Para a sua reparação, somente a morte do ofensor.

Desde pequenos, os homens eram educados para não levar desaforo para casa, para lutar e defender sua honra e nome. Este tinha vital importância na vida de um menino, a quem caberia perpetuar o sobrenome da família, já que a menina, ao se casar, adotava o nome do marido. O menino o carregava para sempre e jamais poderia desonrá-lo, daí a preferência de muitos pais por um filho.<sup>389</sup>

- Muito feio – resmungava o padre, quando lhe falavam no assunto. - Indigno dum homem de honra...

A história da traição de Bento Amaral corria pela cidade de boca em boca. “O Bento é valente quando

---

<sup>389</sup> MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MACHADO, Humberto Fernandes. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 7ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

anda com os capangas”, murmurou um, olhando a medo para os lados...<sup>390</sup>

Depois de algum tempo, Rodrigo estava de pé e recuperado, mas o desejo de casar com Bibiana permanecia. Então, pediu novamente ajuda ao padre, que sabia que o sentimento do rapaz era correspondido, pois a jovem o confessara. Finalmente o vigário decidiu falar com o pai de Bibiana.

A conversa foi difícil. Pedro se recusava a permitir o casamento, mas o padre interveio alegando que seria impossível impedir esse amor. Sem saída, ele acabou aceitando.

- Bom, padre – disse ele –, posso ser um pouco teimoso, mas não sou nenhum animal. Vou falar com aquele sujeito. Mas vá logo dizendo a ele que nunca espere a minha amizade. Quero que vosmecê, vigário, seja testemunha do que vou dizer à minha filha. – Dirigiu-se à mulher. - E vosmecê também Arminda. – Encarou Bibiana: - Vou consentir nesse casamento pra não dizerem que sou um tirano, mas acho que minha filha vai ser infeliz...<sup>391</sup>

---

<sup>390</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.283.

<sup>391</sup> Ibidem. p.297.

Com o pai em silêncio, o casamento foi arranjado. Bibiana estava feliz, pois amava seu capitão, e Rodrigo também se sentia feliz, afinal, havia vencido sua peleja e teria sua mulher.

A mulher sonhava com o amor romântico<sup>392</sup>, enquanto o homem desejava o corpo. A concepção de amor de ambos era oposta. Enquanto ela queria casar, ter filhos, cuidar de uma casa, ele sonhava em satisfazer seus desejos com o corpo da esposa.

Toda a ideia do casamento era somente um passo para conquistar seu objetivo maior. Uma vez alcançado, a sensação foi de mais uma guerra vencida. Além disso, desposá-la era como afrontar a cidade e mostrar seu valor, pois enfrentara a ira do lugar e quase morrera por isso, mas mesmo assim havia vencido.<sup>393</sup>

### 5.3 CHEFE DE FAMÍLIA: RESPONSABILIDADES

O casamento ocorreu no natal de 1829, um ano após o Brasil reconhecer a independência do Uruguai e no meio da crise que

---

<sup>392</sup> REZENDE, Valdeci. **Histórias Românticas na Corte Imperial: O Romance Urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro 1840-1870)**. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

<sup>393</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Vol.1. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

levaria à abdicação de D. Pedro I, em 1831. Porém, os noivos estavam alheios a tudo. A noite de núpcias foi o ápice de Rodrigo.

Rodrigo gozou a sua noite de núpcias como quem, depois dum longo período de abstinência, saboreia um jantar especial, com churrasco gordo e bom vinho, mas não se tratava duma refeição comum... mas sim duma ceia de cerimônia...<sup>394</sup>

Nota-se que na noite de núpcias não apresentou romantismo ou cuidado com os sentimentos da noiva. Foi somente um momento de satisfação do homem; a presença da mulher no ato é unicamente para a realização do parceiro.<sup>395</sup>

E assim se seguiram as noites e dias com sua rotina de trabalho e casamento: “Para Rodrigo todas as noites eram noites de amor...”<sup>396</sup> O resultado das noites do casal foi a gravidez, que, por sua vez, trouxe como consequência a confusão de sentimentos de Rodrigo, que se sentia feliz pelo filho, mas perdia o desejo pela esposa.

---

<sup>394</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.299.

<sup>395</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Vol.1. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>396</sup> VERISSIMO, op. cit., p.301.

Rodrigo contemplava-a numa confusão de sentimentos. A idéia de que ia ter um filho deixava-o alvoroçado, orgulhoso, e ele contava os dias nos dedos... Havia, porém, em sua alegria um elemento de impaciência. Porque Bibiana como que se desmanchava aos poucos ante seus olhos sempre gulosos. A rigidez de suas carnes dera lugar a uma flacidez descorada e ela de repente como que se fizera mais adulta, mais mulher. E ele, que já não se podia entregar aos mesmos excessos amorosos – pois além de ser obrigado a cuidados especiais com a esposa já começava a achá-la menos atraente.<sup>397</sup>

Como o casamento foi pautado no desejo físico do noivo, a gravidez era algo que o irritava, pois desfigurava o corpo da esposa e requeria cuidados com ela, aos quais o capitão não estava acostumado.<sup>398</sup>

A mudança do corpo da esposa trazia uma tristeza ao marido, que se via frente a uma nova realidade. Assim, logo voltou o desejo de sair pelo mundo, e Rodrigo decidiu ir a Rio Pardo para fazer compras no lugar do sócio Juvenal. No retorno, voltou cheio

---

<sup>397</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.303.

<sup>398</sup> ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento**: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

de histórias e com ânimo renovado. Era junho e o seu filho, Bolívar, nasceu em novembro, trazendo ao pai enorme orgulho.

Rodrigo não podia esconder seu orgulho e sua satisfação por ter um filho macho... às vezes não podia deixar de dar voz à sua impaciência diante do fato irremediável de que a criança levaria anos para crescer, fazer-se homem e poder chegar à idade de botar pistola e espada na cintura...<sup>399</sup>

A maternidade trazia o fim da feminilidade da esposa perante o marido, que passava a vê-la como a mãe de seus filhos. Em meio à felicidade da paternidade, a vida continuava.

Por vezes Rodrigo expressava opiniões polêmicas nas conversas com os amigos. Certa vez expressou ao padre suas opiniões sobre a divisão de terras e a escravatura.

- Dividia essas grandes sesmarias de homens como o coronel Amaral.
- Dividia? Como? Pra quê?
- Dividia e dava um pedaço pra cada peão, pra cada índio, pra cada negro.
- Não vá me dizer que ia libertar os escravos...

---

<sup>399</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.307.

- E por que não? Acabava com a escravatura imediatamente.<sup>400</sup>

Em 1830 nascia Anita, segunda filha do casal. O nascimento, no entanto, não trouxe paz ao coração do capitão, que estava cansado de Santa Fé e sentia necessidade de sair para pelear. Passava os dias na venda bebendo com os fregueses e procurando as prostitutas para divertir-se; gostava dos filhos, mas não se acostumava com a vida calma das obrigações de pai e dono de venda.

Viver seguindo as normas e os padrões da sociedade era, para ele, um tédio, pois um homem precisaria de liberdade, do direito de pensar e se manifestar de acordo com sua vontade.

Quando o caboclo lhe pedira “uma réstia de cebola”, ele de repente vira o horror, o absurdo da vida que levava. O cap. Rodrigo Cambará, que fora condecorado com a medalha da cruz dos militares e que possuía uma fé de ofício honroso; o cap. Rodrigo, que brigara em várias guerras, estava agora reduzido a condição de bolicheiro...<sup>401</sup>

---

<sup>400</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.308.

<sup>401</sup> Ibidem. p.324.

D. Pedro I abdicara em favor de seu filho D. Pedro, que era ainda um menino; uma regência fora designada para comandar o Brasil até a maioridade do garoto; revoltas começaram a ocorrer em vários estados, entre elas a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Enquanto isso, o capitão Rodrigo Cambará encontrava-se isolado em Santa Fé, longe da agitação nacional.<sup>402</sup>

#### 5.4 CONFLITOS: PATERNIDADE E PERDA

No ano de 1834 um fato veio alterar a vida de Rodrigo: estava endividado, pelo jogo. Juvenal queria pôr fim à sociedade, seu caso com a filha de um imigrante alemão chocara a todos e magoara ainda mais a esposa, tudo parecia estar mal para o marido, que dividia a vida entre o jogo de cartas e as amantes.

Certa noite, quando estava jogando na casa de amigos, recebeu um recado de Bibiana, que pedia sua presença em casa, pois a filha Anita estava morrendo. Rodrigo encontrava-se tão

---

<sup>402</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 7ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. ROSA, Othelo. As causas da Revolução Farroupilha. **Revista Província de São Pedro**. n.2. Edição Eletrônica. Porto Alegre, 1945. SANT'ANA, Elma. Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha. **Caderno de História**. n.18. Edição Eletrônica. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2003. THOMPSON, P. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

absorto que não deu atenção e passou a noite no carteado. Retornou somente na manhã seguinte, quando percebeu que a filha morrera. Ali, sentiu todo o peso da perda, mudou de atitude, deu novo ânimo à vida doméstica, voltou ao trabalho com afinco.

Ao aproximar-se de sua casa, viu um risco de luz por baixo da porta. Então, de repente, compreendeu a situação. Tinham-no chamado porque a filha estava mal e ele não atendera ao chamado. Uma paixão doida pelo jogo prendera-o à mesa. Já agora ele não sabia como fora capaz de fazer aquilo. Amava a família, não era nenhum monstro, daria um braço, uma perna, um olho para salvar a vida dos filhos, da mulher, de qualquer amigo.<sup>403</sup>

Tendo se negado a socorrer a filha, Rodrigo deixou de cumprir parte de sua função masculina: cuidar e proteger sua família. Sua mudança de comportamento se devia à necessidade de redenção pessoal, e não perante sua esposa.<sup>404</sup>

---

<sup>403</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.338.

<sup>404</sup> PESAVENTO, Sandra Jatagy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo: O romance da História**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. ZILBERMAN, Regina. **A literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985. ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

Nos dias que se seguiram, buscou ser um ótimo pai e marido. Carinhoso, amável, parecia ter recobrado o gosto pela vida. Veio então a terceira gravidez de Bibiana e o nascimento de mais uma menina.

Era por volta de 1832, tudo corria bem, até que estourou a Revolução Farroupilha. A família Amaral era a favor da monarquia, e os Terra declararam-se contra. Pedro foi preso e Juvenal e Rodrigo sofreram ameaça de prisão.

O capitão foi embora antes do desenrolar dos acontecimentos, decidido a unir-se a Bento Gonçalves e aos outros revoltosos a fim de lutar pelo Rio Grande. No restante do Brasil também ocorriam revoltas contra a monarquia. Ainda no ano de 1835 teve início a Cabanada, na província do Pará.

Em meados de abril de 1836, os revoltosos não aceitaram a proposta de anistia da monarquia e decidiram preparar novas lutas pela república. Santa Fé recebera a notícia de que os farrapos iriam invadir a vila, e Rodrigo estava entre eles. Assim que entrou na cidade, foi procurar sua esposa:

- Bibiana!...

O marido tomou-a nos braços, beijou-lhe o rosto... Ele lhe dizia coisas, ela sentia nas faces a aspereza de suas barbas... Deixou-se levar para dentro de casa...<sup>405</sup>

Foi a última vez que estive com a esposa. Saiu para tomar o Casarão e prender os Amarais. Antes de sair, disse-lhe:

- A vida vale mais que uma ponchada de onças. A gente passa trabalho numa guerra, mas se diverte muito...

- Me frita uma lingüiça que eu já volto. Até logo, minha prenda!<sup>406</sup>

O Capitão foi morto quando tomava o Casarão da família Amaral, em Santa Fé, no ano de 1836. Morreu lutando pelo que acreditava e da forma que imaginava ser digna para um homem: no meio de uma peleja.

A morte do Capitão em meio a uma guerra exalta o valor do soldado e revela que sua vida de luta está acima do bem-estar da família. A noção da pátria está presente na figura do Capitão

---

<sup>405</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.358.

<sup>406</sup> Ibidem. p.358.

Rodrigo Cambará, que morreu por seus ideais, defendendo sua terra e sua gente.<sup>407</sup>

## 5.5 LICURGO: UM TERRA CAMBARÁ DE VERDADE

Filho de Luzia Silva com Bolívar Cambará, Licurgo não conheceu o pai, que fora assassinado quando ele ainda era um bebê. Seu referencial de masculinidade foi um capataz da casa, Fandango, que passou para o menino todo o seu conhecimento do trato com a terra e os animais. Nunca frequentou a escola e todo o seu conhecimento veio de pessoas com quem convivia, como o padre e o médico.

A escola ou um modelo de educação formal não era considerado importante para formar o caráter de um homem de bem. Muito mais importante era saber cuidar da terra e ter condições de sustentar uma família.

---

<sup>407</sup> VÉSCIO, Luís Eugênio; SANTOS, Pedro Brum. **Literatura e História: Perspectivas e Convergências**. São Paulo: EDUSC, 1999. ZILBERMAN, Regina. **A literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985. ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. LUDMER, Josefina. **O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria**. Chapecó: Argos, 2002. MACEDO, Francisco Riopardense de. **Imprensa farroupilha**. Coleção Ensaios, vol.4. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

Licurgo, aos quinze anos de idade, já era “[...] um homem. Usava faca na cava do colete, fumava, fazia a barba e já tinha conhecido mulher”.<sup>408</sup> Adorava a vida no campo e não gostava de ficar em Santa Fé. Tornou-se o homem da casa muito cedo e tinha pela avó um carinho todo especial. Porém, desde menino, a relação com a mãe o fazia sofrer.

Luzia tentara proporcionar educação formal para o filho, mas a avó Bibiana tratou de impedi-la, sempre desejando transformar o neto na personificação do marido Rodrigo. As duas mulheres disputavam a casa e o amor de Licurgo. Aquela que ganhasse a disputa, tornar-se-ia a verdadeira senhora do Sobrado.

O jovem era a mistura das duas famílias. Era quieto e de pouca festa como o bisavô Pedro Terra, mas tinha atração pela luta como o avô Capitão Rodrigo. Amava a vida no campo e tinha uma grande cumplicidade com a avó Bibiana, que passou a ver no neto o centro de sua existência.

Porém, o jovem não tinha o mesmo desejo por mulheres que seus antepassados. Quando se deitava com elas, não demonstrava prazer; o ato sexual parecia mais uma obrigação, um dever a

---

<sup>408</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.200.

cumprir. A falta de desejo do rapaz poderia ser justificada pela sua educação feminina, afinal, Licurgo não teve o pai ou o avô para ensiná-lo a arte do amor e do sexo.<sup>409</sup>

Quando se deitava com as chinas... era sem alegria. Não as acariciava, nem pedia caricias. Tratava-as com rispidez, dando a entender que estava pagando e não pedindo favores.<sup>410</sup>

Conhecia o código de honra dos homens da terra, pautado no trabalho duro e no respeito aos mandamentos da igreja. “Segundo esse código, um homem para ser bem macho precisava ter barba e vergonha na cara.”<sup>411</sup> Sentia-se um homem adulto e queria ser respeitado como tal. Orgulhava-se de ser assim e fazer parte de uma família na qual os homens tinham honra e haviam morrido lutando.

---

<sup>409</sup> GALLOP, Jane. Além do falo. **Cadernos Pagu**. n.16. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/ Unicamp, 2001. GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/ Editora 34, 1998. GONÇALVES, Robson Pereira. **O tempo e o Vento: 50 anos**. Santa Maria: EDUSC/ Ed. UFSM, 2000.

<sup>410</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.212.

<sup>411</sup> Ibidem. p.214.

Licurgo orgulhava-se de saber que o avô e o pai tinham tido morte digna de homem: lutando de arma na mão. Era assim que ele também queria morrer quando sua hora chegasse.<sup>412</sup>

A Masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser. Assim, a honra assumia uma importância na constituição da masculinidade.<sup>413</sup>

O orgulho pelo fim trágico dos homens da família coloca a honra associada à força e à virilidade. Poderia se orgulhar do bisavô, que dedicara sua vida ao trabalho, mas se orgulhava mesmo de seu avô e pai, que morreram lutando, feito que poderia ser contado às futuras gerações, como sinal de bravura dos homens da família.<sup>414</sup>

---

<sup>412</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.214.

<sup>413</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma Interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995. p.17.

<sup>414</sup> GALLOP, Jane. Além do falo. **Cadernos Pagu**. n.16. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/ Unicamp, 2001. GARCIA, Marco Aurélio. "Prestes (1898-1990): um cavaleiro na esperança". **Teoria & Debate**. n.10. São Paulo, abr/mai/jun 1990. GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo, ECOS/ Editora 34, 1998. GINSBURG, Carlos. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A única pessoa capaz de incomodá-lo era sua mãe. Não se sentia bem ao seu lado, sua doença o perturbava e por vezes o fazia chorar. Sua relação com ela praticamente não existia.

A criação de Licurgo ficou a cargo da avó, com quem tinha uma relação mais próxima. Em tudo que fazia o garoto considerava os ensinamentos e as vontades de Bibiana. Daí a péssima relação com a mãe, que desejava que ele fosse para a corte e deixasse para trás Santa Fé, enquanto a avó se orgulhava da vida que tinham e tentava transformá-lo na sombra do avô.

Luzia surge para expor o lado negativo da mulher. O autor usa a personagem como a antítese de Bibiana, criando um jogo que mais as aproxima do que as afasta. Ambas lutavam pelo amor dos homens da família e não tinham medo de ir até as últimas consequências para isso.<sup>415</sup>

Para que Bibiana ficasse em paz em relação ao seu futuro, faltava somente casar Licurgo, e a escolhida por ela foi a prima Alice, filha de seu sobrinho Juvenal: “Nem tudo está arrumado...

---

<sup>415</sup> BORELLI, Andrea. **Matei por amor!** Representações do Masculino e Feminino nos crimes passionais (São Paulo nos anos 20 e 30). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997. BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>.

Falta o Curgo e a Alice se casarem, terem filhos e encherem esta mesa de crianças. Falta o menino abandonar a amásia.”<sup>416</sup>

A amásia de Licurgo era Ismália Caré, por quem o jovem parecia perder a cabeça. Não conseguia ficar longe dela, precisava tê-la por perto e gostava disso. Às vezes ressentia-se por conta da noiva, mas a verdade era que, como o avô, precisava da “prostituta”. Então, mesmo sem a aprovação da avó, mantinha a relação.

Licurgo Cambará era reservado e parecia não ter prazer com as prostitutas em relações rápidas. Buscava a tranquilidade de uma relação única, como a que mantinha com Ismália Caré. Bibiana não gostava da menina, mas não por pudores de mulher séria que vê nas amantes uma desgraça. Há muito as peripécias de seu Capitão haviam se tornado para ela motivo de piada. Não gostava dela porque a fazia lembrar Luzia: “É verdade. A Luzia não está morta como muita gente pensa.”<sup>417</sup>

---

<sup>416</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.305.

<sup>417</sup> Ibidem. p.382.

Mesmo morta, a mãe de Licurgo era um incômodo. Em vida, não se ajustara ao modelo que Bibiana esperava. E a velha senhora do Sobrado controlava a todos sem hesitar.

Licurgo cresceu e tornou-se o único senhor do Sobrado. Tinha as mesmas ideias do avô sobre revolução, acreditava na República e lutaria até a morte para defendê-la.<sup>418</sup>

## 5.6 O SOBRADO: CENTRO DOS TERRA CAMBARÁ

O Sobrado foi cercado por volta de 1895, durante a Revolução Federalista<sup>419</sup>, que marcou o Rio Grande do Sul. A

---

<sup>418</sup> BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>. BOSI, Alfredo. "O tempo e os tempos". In: SOARES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1994. BOSI, Ecléa. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia**. n.4. São Paulo: USP, 1993. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1995.

<sup>419</sup> A **Revolução Federalista** ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República e teve como causa a instabilidade política gerada pelos *federalistas*, que pretendiam "libertar o Rio Grande do Sul do governo de Júlio Prates de Castilhos", então presidente do Estado. Empenharam-se em disputas que acabaram por desencadear uma guerra civil, que durou de fevereiro de 1893 a agosto de 1895, e que foi vencida pelos pica-paus, seguidores de Júlio de Castilhos. A divergência teve início com atritos ocorridos entre aqueles que procuravam a *autonomia estadual* frente ao poder federal e seus opositores. A luta armada atingiu as regiões compreendidas entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. HAHNER, June. *Relações entre Civis e Militares no Brasil (1889-1898)*. São Paulo: Pioneira, 1975. SCHULTZ, John. **O Exército na Política: origens da intervenção militar. (1850-1894)**. São Paulo: Edusp, 1994. ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos sobre a Revolução de 1893**. Brasília: UnB, s/d.

família Terra Cambará era comandada por Licurgo Cambará, neto do Capitão Rodrigo e de Bibiana Terra, republicano que tinha na família Amaral seu principal opositor pelo controle de Santa Fé.

O Sobrado surge como um organismo vivo no romance e emoldura os outros temas, que estão centrados em personagens de destaque como Licurgo, Ana Terra, Capitão Rodrigo, entre outros. A ação no enredo se inicia com o cerco ao Sobrado, no qual Licurgo tem de lidar com as dificuldades da falta de comida para a família e seus homens, a gravidez da esposa Alice, que perde o bebê logo após o nascimento, e ainda manter sua posição de homem, não se rendendo ao inimigo jamais.

Ninguém se opõe às suas decisões, a não ser Maria Valéria, sua cunhada, que assume um papel de algoz de Licurgo, sempre questionando e criticando suas ações, sem aceitar suas determinações.

Durante o cerco ao Sobrado, Maria Valéria assume a tradição das mulheres da família Terra e toma o lugar de Bibiana, que se encontra senil à espera de seu capitão Rodrigo. Nessa personagem reside a tradição da família Terra de luta pela

sobrevivência, de sabedoria para lidar com as adversidades e de força para suportar o destino.

Maria Valéria era mulher independente, solteira, forte e decidida. Para todos, representava a mulher sofredora, que não teve um destino justo e feliz, pois não tivera alguém para cuidar de si, tendo de assumir ela mesma a responsabilidade por sua sobrevivência. Vivia não para cuidar de sua casa, mas sim da casa da irmã, da família da irmã.

Assim, tomava para si a responsabilidade que não era sua e o fazia como uma forma de realização pessoal, pois mantinha um amor secreto pelo cunhado. Ressentia-se por seu destino, mas aceitava essa situação como a única maneira de viver a vida, mesmo que esta não fosse sua. Para o mundo, era uma mulher forte que não sofria por sua solidão e aceitava o destino que Deus lhe impunha sem dor.<sup>420</sup>

Numa noite fria em Santa Fé, José Lírio ou Liroca vigia o Sobrado, para evitar que algum morador tente tirar água do poço. O

---

<sup>420</sup> BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>. BOSI, Alfredo. "O tempo e os tempos". In: SOARES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

momento é de tensão, mas deve o homem esconder seus sentimentos de medo e hesitação, pois cabe a ele não temer a nada ou ninguém, ser corajoso e bravo, defendendo seus ideais até a morte, sem hesitar. Fisicamente, é apresentado no romance como barbudo e fumante.<sup>421</sup>

O medo no enredo é atribuído à sua linhagem materna, pois do lado paterno todos eram corajosos.

Donde lhe vinha tanto medo? Decerto do sangue da mãe, pois as gentes do lado paterno eram corajosas. O avô de Liroca fora um bravo em 35<sup>422</sup>. O pai lhe morrera naquela mesma revolução, havia pouco mais dum ano tombara estripado numa carga de lança, mas lutando até o último momento.<sup>423</sup>

---

<sup>421</sup> BERTUSSI, Lisana. **Literatura gauchesca**: do cancionero popular à modernidade. Caxias do Sul: Educs, 1997. BINS, Suzana Borges da Fonseca. O tempo e o Vento: ou a crítica da tradição. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. p.115-127. Disponível em: <[http://www1.fapa.com.br/ciencias\\_eletras/pdf/revista38/art10.pdf](http://www1.fapa.com.br/ciencias_eletras/pdf/revista38/art10.pdf)>. BORDINI, Maria da Glória. **Criação Literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: L&PM/ EDIPUCRS, 1995.

<sup>422</sup> Período marcado pela Revolução Farroupilha, que marcou a crise do período regencial durante a transição do Primeiro para o Segundo Reinado.

<sup>423</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.21.

Enquanto espera o desenrolar da situação, Liroca fuma um cigarro, pensa nos motivos para aquela situação e sente a honra de defender o “lenço encarnado”<sup>424</sup>, símbolo dos revoltosos.

Usar a força para defender seus ideais era um símbolo de masculinidade e Liroca se orgulhava disso. Sempre que começava uma luta repetia para si mesmo: “Lírio é macho”.<sup>425</sup>

Nesse início de narrativa, Liroca não faz referência aos moradores do Sobrado, sendo este o seu oponente, o outro personagem da narrativa.

[...] fechou o olho direito e com o esquerdo ficou espiando o Sobrado que lá estava, do outro lado da praça, com sua fachada branca, a dupla fileira de janelas, a sacada de ferro e os altos muros de

---

<sup>424</sup> O lenço era utilizado inicialmente na cabeça e posteriormente no pescoço, de início ainda com as pontas para trás. Popularizou-se ao ter conotação política, fazendo referência a partidos e posturas ideológicas. A partir da Revolução Federalista (1893), o lenço surgiu no Rio Grande do Sul como meio de distinção entre os federalistas e os republicanos. Gaspar Martins, político liberal, fundou o Partido dos Federalistas adotando o lenço Vermelho (maragato). Julio de Castilhos, político aliado do Governo Federal, defendia o Partido Republicano e tinha como símbolo o Lenço Verde (Pica-paus). Mais tarde, o general Flores da Cunha, ao fundar o Partido Republicano Liberal, adotou o lenço Branco (chimango). O lenço preto representa tradicionalmente o sentimento de luto. Diversas são as formas de atar o lenço, havendo o nó farroupilha (1835) e o nó federalista (1893): - nó tradicional, comum ou getulista (usado pelo Presidente Getúlio Vargas) foi adotado pelos chimangos, sendo, portanto, feito em lenços de cor branca; - nó quadrado ou domador, usado nas cores vermelha ou preta, foi adotado por Assis Brasil, que era maragato; - nó farroupilha, também conhecido como bago de touro, usado nas cores farroupilhas ou preto; - nó ou tope farroupilha, muito usado de 1935 em diante pelos revolucionários farrapos.

<sup>425</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.21.

fortaleza. Havia no casarão algo de terrivelmente humano que fez o coração de José Lírio pulsar com mais força.<sup>426</sup>

O Casarão pertencia a Licurgo Cambará, chefe político da região que não aceitava o controle dos federalistas e havia se refugiado em sua casa com a família e correligionários. Já Liroca, como federalista, deveria observar e atirar em qualquer um que se movesse na casa, mas o coração do homem batia por Maria Valéria, que se encontrava lá dentro.

Os pensamentos viajavam e Liroca não sabia que decisão tomar, se deveria seguir seu coração, a política, os ensinamentos do pai, encontrava-se na igreja na companhia de Inocencio, da bebida e do cigarro.

A bebida e o cigarro eram elementos associados à masculinidade. Em momentos de tensão, diversão ou autoafirmação, o cigarro e a bebida se faziam presentes.<sup>427</sup>

---

<sup>426</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.22.

<sup>427</sup> MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. MATOS, M. Izilda Santos de. Desafios da pós-modernidade: sensibilidades e masculinidades. **Gênero**. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero da UFF. Vol.2, n.2. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002. p.175. MATOS, M. Izilda Santos de. **Dolores Duran**: Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. MATOS,

Durante o confronto, o que fazia o maragato vacilar eram as mulheres dentro do Sobrado: Maria Valéria, sua paixão; D. Bibiana, velha e caduca; e D. Alice, que podia dar à luz a qualquer momento.

Dentro do Sobrado, Licurgo também pensa nas pessoas, questiona as ações de seus inimigos e por vezes as suas próprias. Todos estão à sua volta e esperam o desenrolar dos acontecimentos. Do lado de fora, os mortos estão à deriva. Sente pena dos corpos, mas o orgulho o impede de propor trégua. Apesar de estar sitiado, os inimigos só podem entrar e sair pelos fundos da cidade, e isso o enche de orgulho: “Licurgo respira fundo, com um feroz sentimento de orgulho. De certo modo ele ainda governa Santa Fé.”<sup>428</sup>

Colocar a luta política acima dos interesses familiares mostra a força do homem.<sup>429</sup> Seu filho está a caminho e Maria Valéria avisa o cunhado e insiste que busque recursos, procurando o médico,

---

M. Izilda Santos de. **Meu Lar é o Botequim**: Alcoolismo e Masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

<sup>428</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.32.

<sup>429</sup> ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi B. **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino-Feminino: Tensão Insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si: uma Interpretação Antropológica da masculinidade**. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995.

mas Licurgo se nega, pois pedir trégua aos maragatos seria uma humilhação.

A cunhada é colocada no papel de inferioridade, vista como alguém que nada sabe de política e não compreende a importância do ocorrido. Além disso, o fato de ser solteira seria a denúncia de sua inferioridade como mulher, que tem como único papel ser esposa e mãe, cuidando da casa e dos filhos – “Isto não é negócio de mulher. É de macho. Ele tem vontade de gritar: ‘Que é que uma solteirona entende de ter filhos?’ Mas permanece calado”.<sup>430</sup>

Licurgo se encontra no meio de uma guerra e acredita que é o momento ideal para o nascimento de um menino, e não de uma menina. O desespero toma sua alma, mas não é permitido ao homem chorar. “O choro demonstra fraqueza e isso só é permitido às mulheres, que podem ser frágeis e protegidas pelos homens, já eles não devem expor seus sentimentos, inseguranças ou medos.”<sup>431</sup>

---

<sup>430</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.32.

<sup>431</sup> ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino-Feminino: Tensão Insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si: uma Interpretação Antropológica da masculinidade**. Lisboa: Editora Fim de Século, 1995.

A comoção sobe-lhe do peito à garganta, como uma onda quente e sufocante, e ele tem de fazer um grande esforço para reprimir as lágrimas. Um homem bem macho não chora nunca, haja o que houver. Choro é coisa de mulher.<sup>432</sup>

A mulher está ligada à força da criação, por sua capacidade de gerar vida, algo que o homem admira. Assim, Licurgo, ao ver sua esposa naquele estado, tem de conter a emoção e o medo da perda que sentira com a morte da mãe. Busca, então, refúgio no homem mais velho da casa, o pai de Alice, que traz consigo a experiência e a sabedoria, que seriam conquistados ao longo da vida.<sup>433</sup> Espera ouvir dele o que fazer, a voz da experiência parece ser seu alento, mas a resposta não o ajuda.

Fandango surge com um balde d'água que conseguiu pegar no poço e logo os homens apressam-se para beber, o que, no entanto, Maria Valéria impede, pois precisa dela para o parto da irmã, que daria mais um filho ao homem que ela também ama e que por tê-la preterido a lançara a infelicidade da solteirice.

---

<sup>432</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.33.

<sup>433</sup> BANN, Stephen. **As Invenções da História**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Ed. da USP, 1994.

Essa condição da personagem impede que ela seja plenamente feliz. O objetivo da mulher era ser uma boa esposa e uma boa mãe, mas Maria Valéria vivia de favor, com a irmã e o cunhado, cuidando da casa e da família de outra mulher. Por isso, levava infelicidade na alma e amargura na face.

Em um dos quartos, os irmãos Toribio e Rodrigo preparam-se para dormir quando escutam a cadeira de balanço da avó Bibiana, que mais parece o coração do Sobrado. Essa referência ao coração seria a colocação da importância da mulher como aquela que guarda e cuida das memórias da família como quem cuida da casa.<sup>434</sup>

Como o tempo custa a passar quando a gente espera! Principalmente quando venta. Parece que o vento mania o tempo.<sup>435</sup>

---

<sup>434</sup> BINS, Suzana Borges da Fonseca. O tempo e o Vento: ou a crítica da tradição. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. p.115-127. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art10.pdf>>. BORDINI, Maria da Glória. **Criação Literária em Erico Veríssimo**. Porto Alegre: L&PM/ EDIPUCRS, 1995. BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>. BOSI, Alfredo. "O tempo e os tempos". In: SOARES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

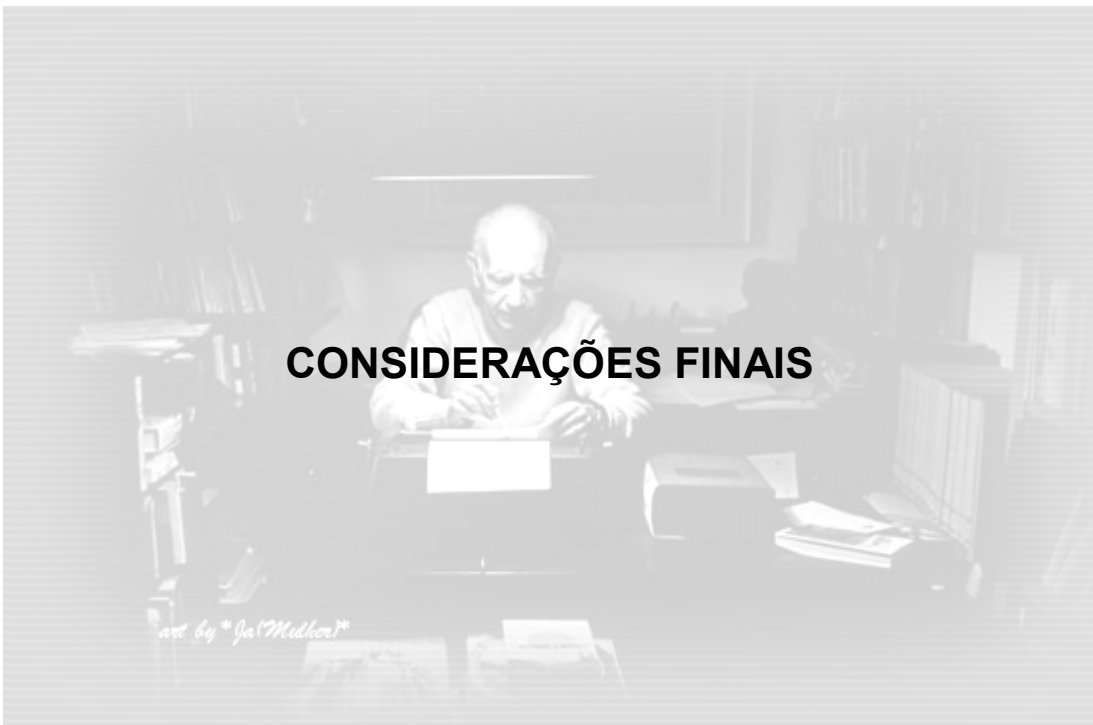
<sup>435</sup> VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.41.

O Sobrado permanece sitiado e com seus ocupantes até o término da Revolução, quando Santa Fé é libertada pelas tropas republicanas. Durante todo o cerco, Licurgo esquece de seus interesses pessoais, ou do bem-estar da família, para comandar a resistência. Prefere a morte a permitir a invasão da casa.

Em suas palavras percebe-se que sua avó conseguiu seu propósito após a viuvez: ela tomou o Sobrado de volta para a família e criou um homem aos moldes de sua família, que morreria para defender o Sobrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*art by \*Ja'Midkorf\**



Identificando o romance de Erico Verissimo enquanto representação de uma época, esse trabalho teve por objetivo analisar a construção do romance *O Tempo e o Vento* e as relações de gênero que se estabelecem na obra do autor, observando como a literatura construía os modelos de uma época e como sua análise contribui para o conhecimento de uma sociedade.

Porém, o leque de opções da análise da obra de Erico tendo como foco a questão de gênero é amplo. Sua obra está à espera do olhar de outros pesquisadores, para que mais questionamentos possam surgir. Afinal, a intenção nesta tese não foi esgotar as questões no romance, mas trazer contribuições para o diálogo.

Erico construiu um romance que tem como cenário o Rio Grande do Sul, com mais de 400 anos de história, abrangendo seu processo de formação e amadurecimento, tema relevante para o desejo de criar um romance que conta a história da fronteira sul da nação e seus personagens.

Ao escrever o romance, existia o desejo de criar um modelo de passado heroico para a nação. Modelo esse no qual o homem seria o forte, desbravador, soldado, chefe de família e trabalhador, e a mulher, a companheira, esposa que segue o modelo de ideal

masculino, mas também se apresenta forte e corajosa. Assim, a história do Rio Grande do Sul seria contada de forma a enaltecer seus personagens e criar uma aura de heroísmo para a população.

Para isso, Erico escolheu a narrativa épica, partindo da formação da família Terra Cambará e seus descendentes. O cerco ao Sobrado da família foi utilizado como moldura, que amarra o tempo histórico de *O Continente*, unindo passado e presente, entre os anos de 1745 e 1895, situando o leitor quanto à época da narrativa e à trajetória das famílias Terra e Cambará.

Seus personagens surgem entre os mais variados grupos da sociedade rio-grandense, indo da mulher do campo até a moça educada da cidade, ou do homem trabalhador até o soldado. As representações de masculinidade por várias vezes estão associadas ao soldado, que leva a vida lutando por seus ideais e tem um jeito sedutor. Por outro lado, o chefe de família representa o homem sério, honesto, bom pai e marido. Na obra de Erico, as representações de gênero, particularmente da masculinidade, são diversificadas, mas sempre reforçam certos perfis, como o do chefe de família, soldado valente, moça forte, papéis que se destacam nos romances.

A masculinidade em Erico reforça o homem como provedor, chefe da casa, pai extremoso, trabalhador responsável. Os romances construía[m] subjetividades<sup>436</sup>; quando lidos e relidos, apontavam os modelos de masculinidade e feminilidade da sociedade rio-grandense, criando uma identidade heroica para o Estado.

Além disso, os romances de Erico indicavam à mulher como deveria se comportar socialmente, apresentando padrões e virtudes. Ao trabalhar, ser forte e demonstrar coragem, a mulher representada por Erico expressa a importância feminina na constituição da história, já que coube a ela cuidar da família na ausência do marido soldado. Personagens como Ana Terra e Bibiana representam o modelo de mulher gaúcha que se quer construir historicamente. Mulheres fortes, intensas e apaixonadas, capazes de tudo por sua família.

Quanto à masculinidade, o autor, ao positivar certas ações, padrões e sensibilidades, trabalhava com a questão da hegemonia

---

<sup>436</sup> MATOS, M. Izilda Santos de. **Âncora de Emoções**: corpos, subjetividades e sensibilidades. São Paulo: EDUSC, 2005.

masculina<sup>437</sup>. Os homens eram, por muitas vezes, conduzidos pelos desejos femininos e a elas deviam respeito e obediência em determinadas situações, como a própria Bibiana coloca ao determinar o casamento de seu filho.<sup>438</sup>

Sendo assim, seus romances, mediante personagens fortes e idealistas, poderiam influenciar posturas perante a sociedade. Dessa forma, seus preceitos penetravam em ambos os gêneros e, quando publicados, atingiam a diferentes grupos sociais. Geravam-se, assim, atuações sociais que podiam validar ou rejeitar os comportamentos dos personagens, mas que nunca ficavam estagnados, pois eram formadores de subjetividades, ao mesmo tempo que eram construídos socialmente pelos indivíduos.

Autor e obra se inter-relacionam. Na construção do romance, muitas vezes foram apresentados elementos de experiências vivenciadas pelo autor, frequentemente reforçando uma visão patriarcal da sociedade.

Observar as relações de gênero na obra de Erico Verissimo foi o desafio desta pesquisa, que buscou abrir caminhos para a

---

<sup>437</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: Uma Interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

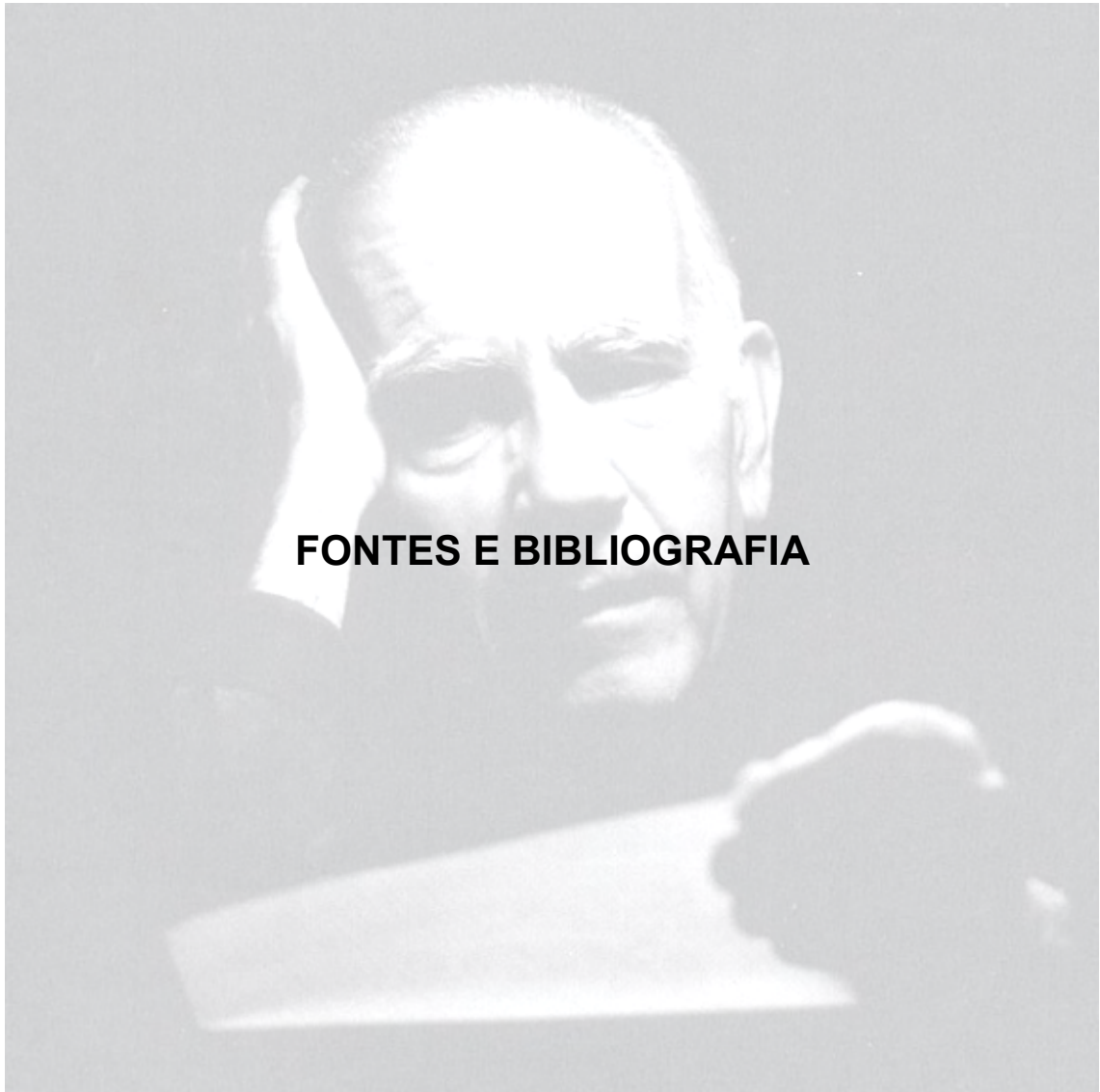
<sup>438</sup> MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

discussão acerca das representações de masculinidade e feminilidade e suas contribuições para a formação da subjetividade do século XX e do Rio Grande do Sul, utilizando para tanto a narrativa histórica para a construção do texto.

Ao mesclar história e ficção, Erico construiu um retrato da história rio-grandense, seus personagens e sua tradição, com elementos ficcionais, referências históricas e familiares.<sup>439</sup>

---

<sup>439</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria: Ed. UFSM; Bauru: EDUSC, 2000.



**FONTES E BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial** (1500-1800). 6ªed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1976. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000062.pdf>>.

ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi B. **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

AGUIAR, Flávio. Mulheres de Érico. **Via Atlântica**. n.2. FFLCH-USP. São Paulo: Humanitas, 1999.

ALENCAR, Francisco. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

ALENCASTRO, Luís Felipe (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino-Feminino: Tensão Insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ALVES, Januária Cristina. O lado feminino do Brasil colonial. **Superinteressante**. n.79. São Paulo: Abril, abr. 1994. Disponível em: <[http://super.abril.com.br/superarquivo/1994/conteudo\\_114103.shtml](http://super.abril.com.br/superarquivo/1994/conteudo_114103.shtml)>.

ALVES, Rui Manuel. Guerra Russo Japonesa: um Duelo entre Impérios. **História**. n.83. Lisboa, setembro 1985.

ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **As raízes do separatismo no Brasil**. Biblioteca básica. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

ARAÚJO, Fernando. **Juscelino Kubitschek, o Médico**. Belo Horizonte: Ed. Belo Horizonte, 2000.

ARAUJO, Renata Pedroso. Ser mãe na Colônia: a condição da mulher sob o aspecto da maternidade irregular (sécs. XVII e XVIII). **Klepsidra**. Revista Virtual de História. Ed.10. Abr./maio. 2002. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra10/mulheres.html>>.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO, Benedito. Introdução. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo, ECOS/ Editora 34, 1998.

ARMITAGE, João. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943.

ATAÍDE, T. **O Contador de Histórias**. São Paulo: Globo, 1972.

AYALA, Walmir. Minha infância com Erico. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1981.

BACELAR, Armando. Ideologia e Realidade em Erico Verissimo. In: SEGUNDO Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. **Anais**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963.

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. Vol.1 - História da Imprensa Brasileira. 4ªed. São Paulo: Ática, 1990.

BANN, Stephen. **As Invenções da História**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Ed. da USP, 1994.

BARBOSA, Maria José S. Chorar, Verbo Transitivo. **Cadernos Pagu**. n.11. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1998.

BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio** - Imprensa, Poder e Público (1880-1920). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O Governo Jânio Quadros**. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BENJAMIN, Walter. "O narrador". In: BENJAMIN, Walter et. al. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1983.

BENNETT, Col Drew A. The Russo Japanese war: Defining Victory. **Marine Corps Gazette**. Vol.86, n.11. Broadway Street: Marine Corps Association, nov. 2002.

BERTUSSI, Lisana. **Literatura gauchesca**: do cancionero popular à modernidade. Caxias do Sul: Educs, 1997.

BINS, Suzana Borges da Fonseca. O Tempo e o Vento: ou a crítica da tradição. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. p.115-127. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art10.pdf>>.

BORDINI, Maria da Glória. **Criação Literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: L&PM / EDIPUCRS, 1995.

BORELLI, Andrea. **Matei por amor!** Representações do Masculino e Feminino nos crimes passionais (São Paulo nos anos 20 e 30) . Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **E-letras**. Revista Eletrônica do Curso de Letras da Universidade Tuiuti do Paraná. Vol.18, n.18. Curitiba, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras/ea/eletras18/default.asp>>.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ªed. São Paulo: Cultrix, s/d.

\_\_\_\_\_. “O tempo e os tempos”. In: SOARES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

BOSI, Ecléa. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia**. n.4. São Paulo: USP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1995.

BOTTO, Almirante Carlos Penna. **A Desastrada Política Exterior do Presidente Jânio Quadros**. Petrópolis: Vozes, 1961.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (Orgs.). **Modernismo: Guia Geral**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A construção social da memória: uma perspectiva histórico-cultural**. Ijuí - RS: Unijuí, 2000.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna**. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

BUENO, Eduardo (Org.). **História do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 1997.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALMON, Pedro. **História Social do Brasil**. 2 vols. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

\_\_\_\_\_. **História diplomática do Brasil**. Belo Horizonte: Livraria Editora P. Bluhm, 1941.

\_\_\_\_\_. **História do Brasil: a formação (1600-1700)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

CAMPOS, Maria do Carmo; INDURSKY, Freda. **Discurso, Memória, Identidade**. Lisboa: Sagra-Luzzato, 2000.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: o Estado policial na Era Vargas**. 2ªed. Brasília: Ed. da UNB, 1994.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CANDIDO, Antonio. Érico Veríssimo de Trinta a Setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O Contador de Histórias**. Porto Alegre: Globo, 1972.

\_\_\_\_\_. Erico Verissimo de Trinta e Setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1981.

\_\_\_\_\_. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ªed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANUTTI, Wanda A. **Getúlio Vargas em Dois Mundos**. 6ªed. Capivari - SP: Opinião, 1999.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/ EdUSP, 1988.

CARDIM, Carlos Henrique. **Revolução de 1930 - Textos e Documentos**. 2 vols. Brasília: Editora da UNB, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina**. Série Coleção Temas Brasileiros, vol.41. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1983.

CARNEIRO, Glauco. **História das Revoluções Brasileiras**. 2 vols. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1965.

CARR, E. H. **O que é história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARRARO, Adelaide. **Eu e o Governador**. São Paulo: Loren, 1977.

CASTILHO CABRAL, Carlos. **Tempos de Jânio e Outros Tempos**., Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962

CASTRO, Nilo André Piana de (Coord.). **Cinema e Segunda Guerra**. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1999.

CASTRO, Viriato de. **O Fenômeno Jânio Quadros**. 2ªed. São Paulo: Edição do autor, 1959.

CAWTHORNE, Nigel. **A vida sexual dos ídolos de Hollywood**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CÉSAR, Guilhermino. **As Raízes Históricas**. In: PRUNES, Lourenço Mário et. al. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. Porto Alegre: Globo, 1964.

CHAGAS, Carmo. **Política** - Arte de Minas. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. **A Respostas de Juscelino** - Ensaio Sobre a Formação do Povo Mineiro. Belo Horizonte: Ed. Belo Horizonte, 1953.

CHARTIER, R. **História Cultural** - entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

CHAVES, F. L. **Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade**. 2<sup>a</sup>ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

COELHO SOARES, Ana Carolina. **Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história em José de Alencar**. Dissertação (Mestrado em História), UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

COHEN, Marleine. **JK** - O Presidente Bossa Nova. São Paulo: Globo, 2001.

COSTA, Eimar Bones da (Ed.). **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 1998.

COSTA, Sérgio Correa da. **Crônica de uma Guerra Secreta**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

CROUZET, Maurice. **História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

DEBES, Célio. 1930 revisitado: a Revolução. **Revista da Academia Paulista de Letras**. Vol.114. São Paulo: Academia Paulista de Letras, julho 2001.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**: raízes históricas do machismo brasileiro, a mulher no imaginário social, "lugar de mulher é na história". São Paulo: Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

\_\_\_\_\_ (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos sobre a Revolução de 1893**. Brasília: UnB, s/d.

FAGUNDES, Antônio Augusto. Tradicionalismo gaúcho no mundo. **Jornal Zero Hora**. Segundo Caderno. Porto Alegre, 6 fev. 1999.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. 3ªed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_ ; FLORES, Hilda A. H. **Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893.** 3ªed. Porto Alegre: Martins, 2005.

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Sul.** 8ªed. Porto Alegre: Ediplat, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber.** São Paulo: Forense, 1990.

FRANCO, Marília da Silva. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: FRANCO, Marília da Silva; PICCHIARINI, Ricardo; COUTO, José Geraldo. **Cinema: uma introdução à produção cinematográfica.** Série: Lições com Cinema, 1. São Paulo: Centro de Documentação e Informação para a Educação, 1992.

FREITAS, Décio. **Missões - Crônica de um Genocídio.** Porto Alegre: Movimento, 1997.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Indivíduo, biografia, história.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GAIARSA, José Angelo. **O espelho mágico: um fenômeno social chamado corpo e alma.** São Paulo: Summus, 1984.

GALLOP, Jane. Além do falo. Cadernos Pagu. n.16. Campinas, 2001.

GARCIA, Marco Aurélio. "Prestes (1898-1990): um cavaleiro na esperança". **Teoria & Debate.** n.10. São Paulo, abr/mai/jun 1990.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et. al. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo, ECOS/ Editora 34, 1998.

GINSBURG, Carlos. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOLIN, Tau. **A Guerra Guaranítica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Passo Fundo: Ediupf, 1998.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALO JÚNIOR. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Robson Pereira. **O Tempo e o Vento**: 50 anos. Santa Maria: EDUSC & Editora UFSM, 2000.

HAHNER, June. **Relações entre Civis e Militares no Brasil** (1889-1898). São Paulo: Pioneira, 1975.

HARTOG, François. “A arte da narrativa histórica”. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.

HENRIQUES, Afonso. **Bibliografia de História do Brasil**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1943.

\_\_\_\_\_. **Ascensão e Queda de Getúlio Vargas**. 3 vols. São Paulo: Ed. Record, 1964.

HOBSBAWM, Eric J. "O ressurgimento da narrativa: alguns comentários". **Revista de História**. n.2/3. Campinas, 1991.

HOHLFELDT, Antônio. **O gaúcho: ficção e realidade**. Brasília: Edições Antares, 1982.

HOWE, Irving. **A Política e o Romance**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. Vol.I - Fantine/ Livro sétimo: O Processo de Champmathieu/ XI - Champmathieu cada vez mais admirado. Lisboa: Editorial Minerva, 1962.

IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. "Estabelecimento da Tipografia e origens do Jornalismo no Brasil". **Revista Brasileira de Comunicação**. Brasília, mar.-jun. 1968.

JACOBINA, Eloá; KUHNER, Maria Helena (Orgs.). **Feminino e Masculino: No Imaginário de Diferentes Épocas**. Rio de Janeiro, 1996.

JARDIM, Serafim. **Juscelino Kubitschek - Onde está a verdade?** Petrópolis: Vozes, 1999.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.

JORGE, Fernando. **Getúlio Vargas e seu Tempo**. 2 vols. São Paulo: T. A. Queirós, 1986.

KOIFMAN, Fábio. **Presidentes do Brasil: de Deodoro a FHC**. Rio de Janeiro: Empório do Livro, 2002.

KONDER, Rodolfo. **A memória e o esquecimento**. São Paulo: Global, 1997.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**. Vol.5, n.10. Rio de Janeiro, 1992.

KUHN, Dione. **Brizola: da legalidade ao exílio**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.

LA CAPRA, Dominick. "História e romance". **Revista de História**. n.2/3. Campinas, 1991.

LANDY, Márcia (Ed.). **The historical film: history and Memory in Media**. S.I.: Rutgers University Press, 2000.

LE GOFF, Jacques. "Memória". In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Vol.1 - Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. **História e memória**. Campinas - SP: Unicamp, 1996.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. 4 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1943.

LOPES, Marco Antonio. A honra dos nobres. **Leituras da História**. n.33. São Paulo: Escala, 2010.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: Globo, 1949.

LUDMER, Josefina. **O gênero gauchesco**: um tratado sobre a pátria. Chapecó: Argos, 2002.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Imprensa farroupilha**. Vol.4, Coleção Ensaios. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 1994.

MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, estupro e purificação. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Orgs.). **Violência, gênero e crime no Distrito Federal**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

MANDEL, Ernst. **O significado da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1989.

MARCHI, Diana Maria. Erico Veríssimo: profissão, escritor. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.147-162. jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art12.pdf>>.

MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi: uma heroína brasileira**. 4ªed. São Paulo: Senac, 2000.

MARQUES, João Martins. **Descobrimientos Portugueses** - Documentos para a sua História. Lisboa: I.A.C., 1994.

MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dolores Duran: Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **Meu Lar é o Botequim: Alcoolismo e Masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. Desafios da pós-modernidade: sensibilidades e masculinidades. **Gênero**. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero da UFF. Vol.2, n.2. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002.

MEDVEDEV, Roy. **Era inevitável a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

MELLO E SOUZA, Cláudio. **Impressões do Brasil**. São Paulo: Grupo Machline, 1986.

MELO, A. C. Ana Terra: uma “tragédia fundadora”. **Continente Multicultural**. Recife: fev. 2002. Disponível em: <[http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto\\_ensaios3.htm](http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/alberto_ensaios3.htm)>.

MELO, José Marques de (Org.). Imprensa Brasileira - Personagens que fizeram história. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. **A Câmara dos Deputados - Síntese Histórica**. 2ªed. Brasília: Coordenação de publicações - Câmara dos Deputados, 1978.

MENEZES, Marcos Vinícius Bandeira de. **Estratégias e táticas da revolução brasileira: Prestes versus o Comitê Central do PCB**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

MONTEIRO, Artur N. P. A Guerra Russo-Japonesa - 1904-1905. **Revista Militar**. Vol.48. Lisboa: Empresa da Revista Militar, 1996.

MONTEIRO, Charles. A Porto Alegre de Erico Verissimo. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. p.24-35. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art3.pdf>>.

MONTENEGRO, O. **O Romance Brasileiro**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

MOTT, Maria Lucia. Parto. **Estudos Feministas**. Vol.10. n.2. Florianópolis, jul./dez. 2002.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MACHADO, Humberto Fernandes. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 7ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

\_\_\_\_\_. A memória da Terra: missão feminina - Leitura do Sul do Brasil a partir d'O Tempo e o Vento, de Erico Verissimo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Ligia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Erico Verissimo: o romance da História**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

\_\_\_\_\_. História Cultural & Multidisciplinaridade. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**. Vol.4, Ano IV, n.4. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da

Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

\_\_\_\_\_. Cidades Imaginárias: Literatura, História e Sensibilidades. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Vol.6, Ano VI, n.1. Uberlândia: NEHAC - Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura/ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

PIMENTEL, Silvia et al. **Estupro: crime ou cortesia?** Abordagem sociojurídica de gênero. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1998.

QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

REIS, A. C. F. "Os tratados de limites". In: HOLANDA, S. B. de (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** 5ªed. Vol.1. São Paulo: Difel, 1976.

RÉMOND, René. **Introdução à História do Nosso Tempo.** 2ªed. Lisboa: Gradiva, 2003.

REZENDE, Valdeci. **Histórias Românticas na Corte Imperial: O Romance Urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870).** Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

RIBEIRO, Arilda Inês M. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROSA, Othelo. As causas da Revolução Farroupilha. **Revista Província de São Pedro**. n.2. Edição Eletrônica. Porto Alegre, 1945.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANT'ANA, Elma. Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha. **Caderno de História**. n.18. Edição Eletrônica. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2005.

SANTOS, Dulce Amarante dos. Mulheres: O cruzamento de dois imaginários. In: MATOS, M. Izilda Santos de; SOLER, M. Angélica (Orgs.). **O Imaginário em Debate**. São Paulo. Olho d'Água, 1998.

SCHULTZ, John. **O Exército na Política: origens da intervenção militar (1850-1894)**. São Paulo: Edusp, 1994.

SEGATO, Rita Laura. A estrutura de gênero e a injunção do estupro. In: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Orgs.).

**Violência, gênero e crime no Distrito Federal.** Brasília: Paralelo 15 e UnB, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O que se deve ler para conhecer o Brasil.** S.l.: Editora Leitura, 1945.

SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Vol.1.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

STEARNS, Peter. **História das Relações de Gênero.** São Paulo: Contexto, 2007.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo (Dir.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808).** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VARGAS, Getúlio. **A campanha presidencial.** São Paulo: Ed. José Olympio, 1951.

VERISSIMO, Erico. **Um Certo Henrique Bertaso**. São Paulo: Globo, 1975.

\_\_\_\_\_. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Solo de Clarineta: memórias**. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 1 - O Continente. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 2 - O Retrato. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 2 - O Retrato. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 3 - O Arquipélago. Vol.1. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 3 - O Arquipélago. Vol.2. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento**. Parte 3 - O Arquipélago. Vol.3. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VÉSCIO, Luís Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). **Literatura e História: Perspectivas e Convergências**. São Paulo: EDUSC, 1999.

VITAL JUNIOR, Raul Rebello. O tempo do “tempo e o vento”. **Ciências & Letras**. n.38. Porto Alegre, jul/dez 2005. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art14.pdf>>.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Rodolfo Valentino**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodolfo\\_Valentino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodolfo_Valentino)>. Acesso em: 15/09/2009.

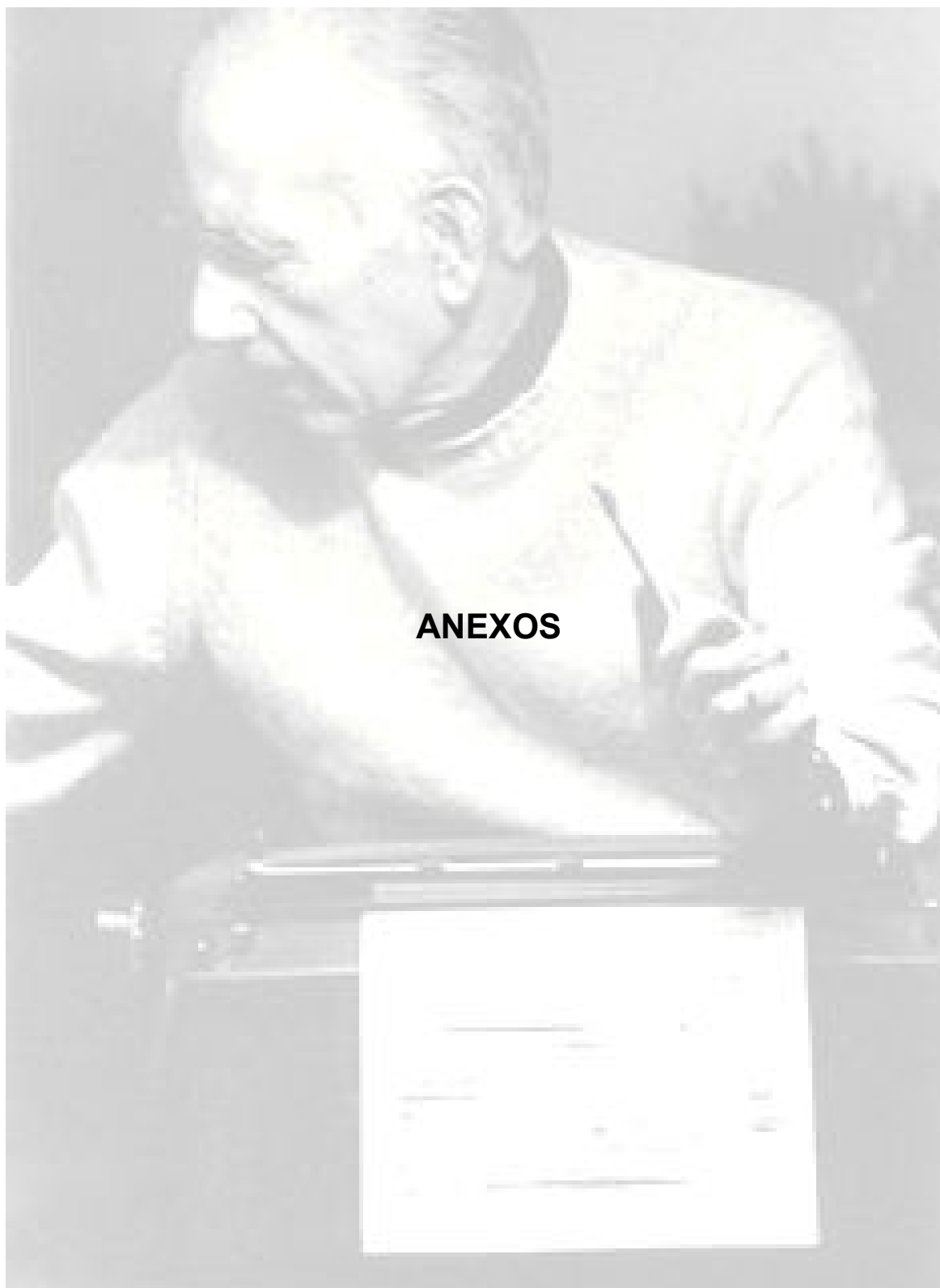
WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. Rio Grande do Sul: Educs, 2006.



## **ANEXO I - ÍNDICE DOS ROMANCES DE ERICO VERISSIMO**

### **Contos**

Fantoches - 1932  
As mãos de meu filho - 1942  
O ataque - 1958

### **Romances**

Clarissa - 1933  
Caminhos cruzados - 1935  
Música ao longe - 1936  
Um lugar ao sol - 1936  
Olhai os lírios do campo - 1938  
Saga - 1940  
O resto é silêncio - 1943  
O Tempo e o Vento (1ª parte) – O continente - 1949  
O Tempo e o Vento (2ª parte) – O retrato - 1951  
O Tempo e o Vento (3ª parte) – O arquipélago - 1961  
O senhor embaixador - 1965  
O prisioneiro - 1967  
Incidente em Antares - 1971

### **Novela**

Noite - 1954

### **Literatura Infanto-Juvenil**

A vida de Joana d'Arc - 1935  
As aventuras do avião vermelho - 1936  
Os três porquinhos pobres - 1936  
Rosa Maria no Castelo Encantado - 1936  
Meu ABC - 1936

As aventuras de Tibicuera - 1937  
O urso com música na barriga - 1938  
A vida do elefante Basílio - 1939  
Outra vez os três porquinhos - 1939  
Viagem à aurora do mundo - 1939  
Aventuras no mundo da higiene - 1939  
Gente e bichos - 1956

### **Narrativas de viagens**

Gato preto em campo de neve - 1941  
A volta do gato preto - 1946  
México - 1957  
Israel em abril - 1969

### **Autobiografias**

Solo de clarineta: memórias 1 - 1973  
Solo de clarineta: memórias 2 - 1976 (ed. póstuma, organizada por Flávio L. Chaves)

### **Ensaaios**

Brazilian Literature – an Outline - 1945  
Rio Grande do Sul - 1973  
Breve história da literatura brasileira - 1995 (tradução de Maria da Glória Bordini)

### **Biografias**

Um certo Henrique Bertaso - 1972

## **ADAPTAÇÕES**

### **Para o cinema**

*Mirad los Lirios Del Campo*, Argentina - 1947

Baseado em Olhai os lírios do campo

Direção: Ernesto Arancibia

Roteiro: Túlio Demicheli.

Atores: Jose Olara e Mauricio Jouvart

*O sobrado*, Brasil - 1956

Baseado em O Tempo e o Vento

Direção: Cassiano Gabus Mendes e Walter George Durst

Atores: Rosalina Granja Lima e Lima Duarte

*Um certo capitão Rodrigo*, Brasil - 1970

Baseado em O Tempo e o Vento

Direção: Anselmo Duarte

Atores: Francisco di Franco e Newton Prado

*Ana Terra*, Brasil - 1971

Baseado em O Tempo e o Vento

Direção: Durval Gomes Garcia

Atores: Rossana Ghessa e Geraldo Del Rey

*Noite*, Brasil - 1985

Baseado em Noite

Direção: Gilberto Loureiro

Atores: Marco Nanini, Cristina Ache e Eduardo Tornaghi

### **Para a televisão**

*O Tempo e o Vento*, Brasil - 1967

Baseada em O Tempo e o Vento

Novela de Teixeira Filho

Direção: Dionísio Azevedo  
Atores: Carlos Zara, Geórgia Gomide e outros  
TV Excelsior

*Olhai os lírios do campo*, Brasil - 1980  
Baseada em *Olhai os lírios do campo*  
Novela de Geraldo Vietri e Wilson Aguiar Filho  
Direção: Herval Rossano  
Atores: Cláudio Marzo, Nívia Maria e outros  
TV Globo

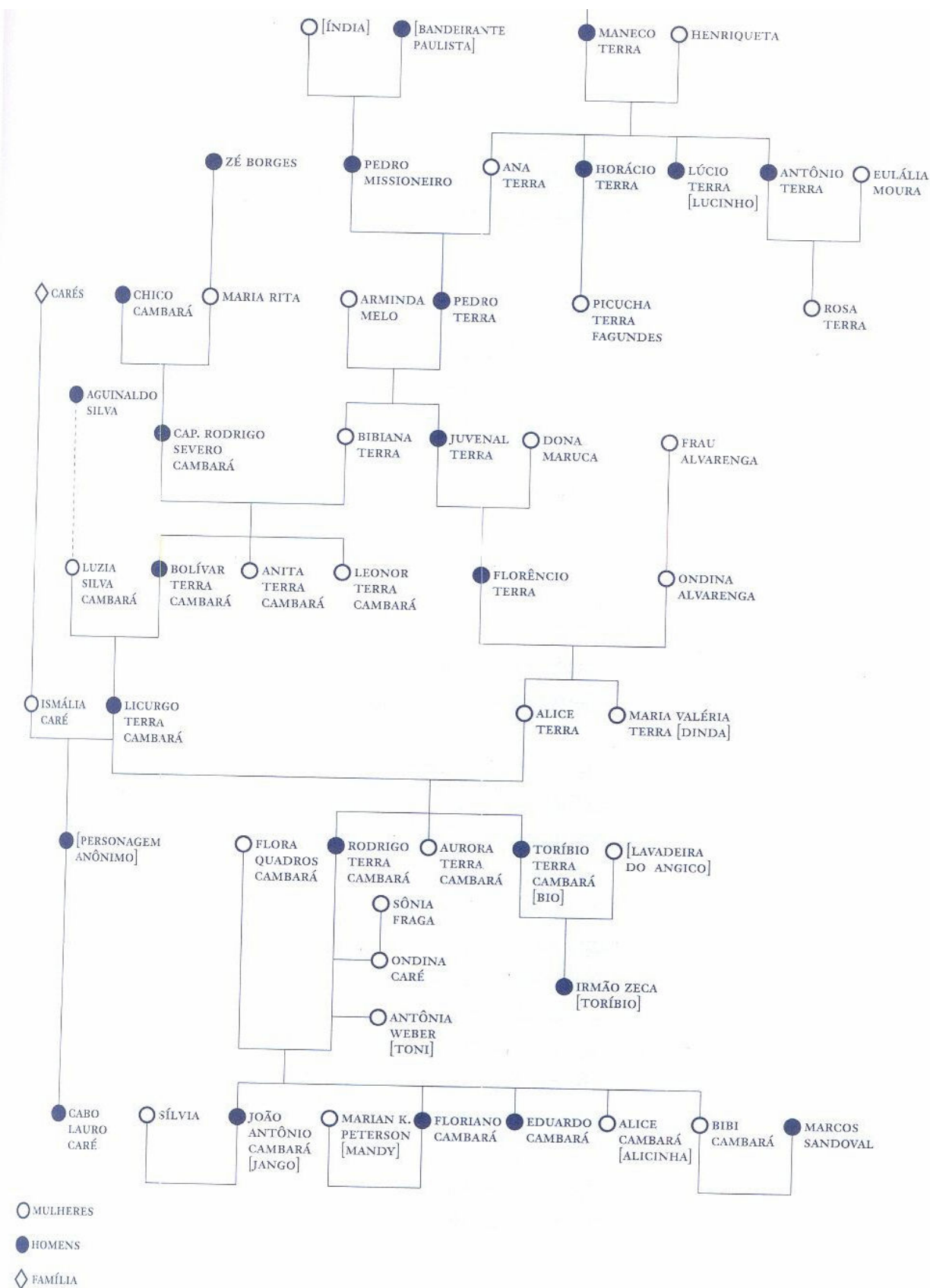
*O resto é silêncio*, Brasil - 1981  
Baseado em *O resto é silêncio*  
Telerromance de Mario Prata  
Direção: Arlindo Pereira  
Atores: Carmem Monegal, Fernando Peixoto e outros  
TV Cultura

*Música ao longe*, Brasil - 1982  
Baseado em *Música ao longe*  
Telerromance de Mario Prata  
Direção: Edson Braga  
Atores: Djenane Machado, Fausto Rocha e outros  
TV Cultura

*O Tempo e o Vento*, Brasil - 1985  
Baseada em *O Tempo e o Vento*  
Minissérie de Doc Comparato  
Direção: Paulo José  
Atores: Tarcísio Meira, Glória Pires e outros  
TV Globo

*Incidente em Antares*, Brasil - 1994  
Baseada em *Incidente em Antares*  
Minissérie de Charles Peixoto e Nelson Nadotti  
Direção: Paulo José  
Atores: Fernanda Montenegro, Paulo Betti e outros  
TV Globo

## ANEXO II - ÁRVORE GENEALÓGICA DOS TERRA CAMBARÁ



## ANEXO III - MAPA DO RIO GRANDE DO SUL (ATUAL)



# ANEXO IV - MAPA DA FICTÍCIA SANTA FÉ

